

ATA DA 297ª PLENÁRIA ORDINÁRIA DO CEAS-MG, REALIZADA EM 21 DE JUNHO de 2024. Aos 21 de junho de 2024, às nove horas da manhã, na plenária da Casa de Direitos Humanos, situada na Av. Amazonas, nº 558, centro, Belo Horizonte-MG, realizou-se a ducentésima nonagésima sétima plenária ordinária do Conselho Estadual de Assistência Social de Minas Gerais, coordenada pelo presidente Nelson Fernando Maure Carvalho, estavam presentes também os **seguintes conselheiros/as titulares:** Jennifer Danielle Souza Santos, representante do PSIND-MG, Flavio Christian De Assis Miranda, representante do CMAS de Ipatinga, Laís Alexandre da Silva, representando o CMAS de Ipatinga, Rosalice Tassar, representando o Conselho Metropolitano de Belo Horizonte da Sociedade de São Vicente de Paulo, Nelson Fernando Maure Carvalho representando a Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, Solimar Assis, representando a SEPLAG, Isac dos Santos Lopes representando a Comissão das Comunidades Quilombolas do Alto e Médio Rio Doce, Letícia Fernandes Godinho representando o Conselho Municipal de Assistência Social - CMAS de Coronel Fabriciano, Fernanda Regina da Silva do CMAS de Campanha, Marcelo Armando Rodrigues pela OAB/MG, Alexandre Soares Moreno Filho, representante da SEAPA Simone Maria da Penha de Oliveira, representando o coletivo Flores de Resistência, Nelma Barbonaglia da Silva, representante da Secretaria de Estado da Fazenda, Mayra de Queiroz Camilo, representando a APAE de BH, Luiz Carlos de Castro Fernandes, representando a ARMI, João Paulo Freire Jardim, representando a SEDESE, **conselheiros/as suplentes:** Thomas Pereira Sá de Carvalho, representando a SEPLAG, Altair Rabelo representando a Associação Berg Vingren de Assistência Social, Ernane Gonçalves Maciel, representante do CMAS de Montes Claros, Sandra Regina Ferreira Barbosa, representando o SINTIBREF, Érica Pereira Alves Beltrame, representando a SEDESE; Matheus Borges Gonçalves representante do Organizações representantes de Usuárias e Usuários da Assistência Social Movimento LGBTQIA+ de Cláudio/MG, Carla Valéria Soares Vita, representante da União das Associações de Pirapora, Ludmilla Lamartine de Souza, representando o CRESS-MG, Joelma Dias Ramos, representante do CMAS Campanha, Wellington Donizete Lima, representando o Fórum Municipal de Lutas pelos Direitos dos usuários do SUAS, Letícia Dufloth, representando a Secretaria de Estado de Saúde e Anália Romeiro de Paula, representando o Abrigo São Vicente de Paulo de Coluna. **Estavam presentes como convidados:** Gabriele Sabrina da Silva, Fátima Cristina Pinto, Deise Vilas Boas, Felipe Silva, Marcela Rodrigues Santos e Ana Carolina Grossi, todos representantes da SEDESE. **PRESIDENTE Nelson:** Vou pedir para a Secretaria Executiva fazer a primeira chamada e aí verificar se os titulares estão na mesa. Se não estiverem na mesa, os suplentes assumiriam enquanto condição de titularidade para a gente poder dar sequência e aí hoje a nossa primeira pauta vai ser uma capacitação. Só para a gente também não perder tempo assim, com essa, isso, para todo mundo ficar bem atento na capacitação. Então Poliana, por favor. **SECRETARIA EXECUTIVA:** Bom dia. Poliana, Secretaria Executiva. Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais, PSIND, Jennifer Daniele Souza Santos. **Jennifer:** Presente. **SECRETÁRIA-EXECUTIVA:** Ordem dos Advogados do Brasil de Minas Gerais, Marcelo Armando Rodrigues. **MARCELO:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:**

Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais, CREAS-MG, Ludmilla Lamartine de Souza. **LUDMILLA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Sindicato dos Empregados em Instituições Beneficentes, Religiosas e Filantrópicas, SINDIBREF, Sandra Regina Ferreira Barbosa. **SANDRA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** APAE de Belo Horizonte, Maíra de Queiroz Camilo. **MAYRA:** Presente. Maira. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Conselho Metropolitano de Belo Horizonte e Sociedade de São Vicente de Paula, Rosalí (ininteligível) de Almeida. **ROSALÍ:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Lar dos Idosos Justino Rocha, Andreza dos Reis Pimenta. Justificou ausência. Associação Recreativa da Melhor Idade, ARMI, Luiz Carlos de Castro Fernandes. **LUIZ:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** ABEVAS, Altair Rabelo. **ALTAIR:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Abrigo São Vicente de Paula de Coluna, Anália Romeiro de Paula. **ANÁLIA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS de Ipatinga. Anália Romeiro de Paula. **ANÁLIA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS de Ipatinga, Laís Alexandre da Silva. **LAÍS:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS de Campanha, Fernanda Regina da Silva. **FERNANDA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Coletivo Flores de Resistência, Simone Maria da Penha de Oliveira. **SIMONE:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Comissão das Comunidades Quilombolas do Alto e Médio Rio Doce, Isaque dos Santos. Fórum Municipal de Luta pelos Direitos dos Usuários do SUAS – Uberaba, Wellington Donizete Marques de Lima. Leon. **WELLINGTON:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Movimento LGBTQIA+ de Cláudio, Matheus Borges Gonçalves. **MATHEUS:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** SEDESE, Nelson Mauro Fernando Carvalho. **PRESIDENTE:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** SEDESE, João Paulo Freire Jardim. SEDESE, Ester Rodrigues Spechitti. **PRESIDENTE:** Justificou, motivo de férias. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** SEDESE, Érica Pereira Alves Beltrame. **ÉRICA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** SEAPA, Alexandre Soares Moreno Filho. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** SEAPA, Ana Carla Ribeiro da Silva. **PRESIDENTE:** Justificou ausência. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Secretária do Estado de Educação, a Cleuza Maria de Oliveira também justificou a ausência. Secretária do Estado da Fazenda, Nelma Barbonaglia da Silva. **NELMA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Secretária do Estado da Fazenda, Elisa Vieira Marques Brigagão Dias. SEPLAG, Tomás Pereira de Sá Carvalho. **TOMÁS:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** A Cristiane justificou ausência. COGEMAS, Wellington Duarte Ribeiro. CMAS de Ipatinga, Flávio Christian de Assis Miranda. **FLÁVIO:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS de Campanha, Joelma Dias Ramos. **JOELMA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS Montes Claros, Ernane Gonçalves Maciel. **ERNANE:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Solimar Assis, SEPLAG. **SOLIMAR:** Solimar presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** CMAS de Coronel Fabriciano, Letícia Fernandes Godinho. Em condição de titularidade, compondo à mesa. União das Associações de Pirapora, Carla Valéria Soares Ita. **CARLA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Secretária do Estado de Saúde, Letícia Dufloth

Bianchini. **LETÍCIA:** Presente. **SECRETARIA-EXECUTIVA:** Nós temos 15 membros aí no quórum. **PRESIDENTE:** Bom, pessoal, então feita a chamada, acho que alguns conselheiros ainda devem estar chegando, não é? Mas acho que a gente pode talvez iniciar com os nossos trabalhos para a gente não ter prejuízo, não é? Aí só antes de a gente iniciar, passar dois recados aqui que a Secretaria Executiva pediu. Uma é que para os conselheiros titulares ou em condição de titularidade ficarem na mesa. Se o conselheiro for suplente e não estiver em condição de titularidade, não ficar na mesa para facilitar a contagem de votos, para a equipe da Secretaria Executiva conseguir se organizar. E para além disso, para ninguém se esquecer de assinar o registro de presença porque eu acho que a gente teve situações já de esquecer de registrar ali as informações. Então agora eu vou só pedir então para registrar presença da Letícia e do Alexandre que são titulares e acabaram de chegar. Bom então. Então a gente pode dar sequência? Acho que todo mundo já está na mesa. Então primeiro ponto, nossa apreciação da ata da plenária 296º. Espero que todos os conselheiros tenham feito o exercício da leitura, a equipe da Secretaria Executiva encaminhou. Tem alguma questão que alguém quer levantar ou a gente já pode seguir para a votação? **Marcelo, OAB:** Eu só gostaria de fazer um registro para dizer assim, de quanto está muito bem elabora agora as atas, não é? Está muito bacana. O trabalho que está sendo feito está exemplar. Eu consegui fazer a leitura de toda a ata e achei muito, a sequência dela ficou bem bacana. **PRESIDENTE Nelson:** Então podemos votar, gente? Então pela aprovação? Reprovação? Abstenções. Então ata aprovada. Vamos então a gente só votar a nossa pauta de plenária hoje, então antes de iniciar propriamente dito o tratamento dos assuntos que a gente colocou em pauta. Então primeiro ponto, não é? A gente trouxe para a plenária uma capacitação que será apresentada pela Rose e pela Gabi. Na sequência a gente colocou a resolução da nova composição de comissões temáticas. Então nos últimos dias a gente verificou a necessidade de atualização dessa resolução. O terceiro ponto é o ofício circular 01/2024 do CNAS e o assunto é a programação orçamentária do exercício de 2025 para realização de conferências estaduais, municipais e do Distrito Federal. O quarto ponto é um ofício da CGU a respeito de um processo que a CGU tem feito com os conselhos estaduais e municipais para entender do funcionamento dos conselhos. O quinto ponto é um informe a respeito dos processos eleitorais em andamento do CEAS, não é? Tanto da vacância de entidades quanto da vacância do CMAS e Sociedade Civil. E a apresentação pelas comissões temáticas, com base no que a gente trouxe na última plenária, a gente incluiu aqui como último ponto para que cada uma das comissões temáticas tragam suas súmulas, deliberações e encaminhamentos. Dito os nossos pontos de pauta, existe alguma indicação de inclusão de pauta? Então, o Marcelo está aqui só pedindo para incluir aqui nos informes o informe da Sociedade Civil. Então acho que a gente pode, então aprova, não é? O rito é aprovar a pauta e aí na sequência a gente faz os informes, e aí depois a gente segue para a pauta. Então pela aprovação? Então reprovações, abstenções? Então pauta aprovada. Registrar a presença do João Paulo que acabou de chegar aqui também. Então, agora o próximo ponto, são os informes, não é? A gente tem um primeiro informe que é a respeito do FONACEAS e a participação dos conselheiros do CEAS no FONACEAS que foi ocorrido em Manaus. Os conselheiros que estiveram presentes e quiserem se manifestar. **Marcelo, OAB:** Conselheiros, eu

particpei desta reunião do FONACEAS e lá eu tive a oportunidade de verificar como o FONACEAS hoje é um fórum de muita participação. Nós que estivemos na primeira direção do FONACEAS em uma época que somente cinco estados participavam do FONACEAS e quando cheguei lá tinham 18 estados, não é? Assim, 150 ou quase 200 pessoas participando, discutindo amplamente. Os conselhos estaduais com o viés muito voltado para a política de assistência social, logicamente, não é? Na defesa dos trabalhadores, dos usuários. Eu achei muito interessante as dinâmicas que tiveram lá, a palestra que teve lá nos remeteu a ficarmos mais atentos à política de assistência social no que diz respeito à defesa dos usuários, a questão dos trabalhadores. Um ponto muito importante que eu pude perceber na fala do palestrante, que era o Edival Bernardino, qual o papel nosso de conselheiros estaduais e qual é a nossa relação com o CNAS, não é? Podemos perceber que há um distanciamento, apesar das reuniões trimestrais que o CNAS faz, há um distanciamento muito entre a relação de CNAS e CEAS no que diz respeito às decisões que vêm de cima para baixo e a necessidade de melhorias nesse sentido. Podemos também discutir muito sobre o papel cartorial que a gente percebe nos conselhos estaduais e também nas conferências estaduais, não é? A discussão da política pública efetivamente, ela não é muito tratada da forma como deveria. Inclusive ontem, na reunião da Sociedade Civil, nós discutimos muito isso, não é? O quê que os usuários, nós temos discutido muito sobre os usuários da assistência social aqui no CEAS, não é? Pois também foi discutido lá no nosso encontro. A nossa vice-presidente regional da região Sudeste, a conselheira Simone, também teve uma participação efetiva em momentos em que fora necessária a sua participação, da mesma forma Luizão, Laís e Érica. A delegação de Minas Gerais, ela esteve efetivamente participando, discutindo e debatendo sobre a política. Eu achei muito bom. Quero cumprimentar os conselheiros que lá estiveram e espero que a gente vá a cada momento discutindo e melhorando mais o nosso papel de protagonistas, porque Minas Gerais, ele é exemplo para os outros estados. **Nelson, Sedese:** Obrigado Marcelo. Além disso, a gente tem um informe também da SEDESE que foi encaminhado para todos os conselheiros lá no grupo. Então, aí só manter registrado aqui, não é? Que o informe foi enviado para o grupo, então todo mundo está com acesso aos informes SEDESE. E aí é um informe da Sociedade Civil. **ROSALICE, CMSSVP:** Bom dia. Bom, ontem a Sociedade Civil, ela teve um longo debate e nós queríamos apresentar para essa plenária uma solicitação. Que em todas as pautas das plenárias nós pudéssemos avaliar a política de assistência social, os serviços que estão desenvolvidos, como isso está chegando nos nossos usuários. Porque a gente discute relatórios, orçamentos, mas não discute a qualidade. A gente quer encontrar uma forma, talvez nessas capacitações a SEDESE possa, junto com a assessoria da SEDESE, trazer dados, onde a gente possa discutir a política de assistência social, sabe? De um âmbito mais qualitativo. Para a gente saber como que está sendo os CRAS, os CREAS, as entidades, como estão funcionando. Então acredito que a vigilância assistencial pode trazer essas informações para nós, não é, Jô? Aí eu queria que a Simone trouxesse o discurso que trouxe de Brasília para nós, essa noção dos usuários em relação a essa falta, porque o Conselho Estadual discute de tudo, menos ouve os usuários, não é? Ouve os usuários na questão do atendimento lá na ponta. Então a gente queria fazer essa discussão em âmbito estadual. **SIMONE, CFR:** Bom dia. A

Rosa pede para mim trazer o discurso de ontem, Rosa, eu acho que nem consigo ser. Ontem, para mim, não é? Foi um dia muito difícil. Eu acho que a gente vai ficando mexida, sabe? E assim, ontem para mim, eu quero pedir desculpa, principalmente o pessoal da reunião do FONACEAS porque eu saí daqui muito brava, não é? E eu levantei realmente, não é o meu perfil, mas eu levantei e saí com muita raiva porque a emoção da parte da manhã, da parte da tarde, na reunião de orçamento, e depois eu, à tarde eu acabei descontando nos meus pares ali. Mas é porque a gente vai ficando mexida, sabe? Então realmente começo pedindo desculpa para vocês porque o que me traz aqui, a realidade é muito diferente. Ultimamente o impacto no meu território tem me assombrado muito grande. Estou tendo muitas mulheres sendo executadas e eu vou usar a palavra da Favela, tá, gente? Não dá para mim sentar aqui e falar bonito. Todo dia tem uma das minhas sendo executada. Todo dia tem uma das minhas sendo espancada. Então assim, as mulheres estão em um nível de prostituição muito grande para sobreviver. Muita criança sendo acolhida pelo Conselho Tutelar, e eu não estou aqui desmerecendo o Conselho Tutelar, nunca, não é? Belo Horizonte hoje, no dia de hoje teve que parar os conselhos tutelares para falar disso porque a região da Pampulha sofreu uma violência, não é? Retirou quatro crianças de uma mãe também que é adolescente, então o tráfico quer executar todos os conselhos tutelares, não sei se vocês acompanharam a rede social, não é? E a gente não está falando disso. Ao mesmo tempo eu não posso culpar essa mãe, não é? Que quer matar todo mundo porque tiraram o filho dela. Mas ao mesmo tempo também não posso concordar que essa criança tem que ficar ali à mercê dessa violência. Então eu fico muito preocupada. Quando a gente fala dos nossos idosos, ontem eu falei isso bastante com vocês, você coloca uma garrafinha de água reciclável hoje no lixo, o público é idoso que está ali se cortando. E aí eu estou falando de um público que já é diabético, hipertenso, que deveria estar na sua melhor idade. Que melhor idade é essa? É catando reciclável para sobreviver? Aumentar um pouco a sua renda? A gente ter que ficar mendigando. Ontem, quando eu estava sentada com vocês, naquele exato momento eu trouxe na Comissão de Orçamento, eram quatro cestas básicas, consegui duas depois que saí daqui. Então assim, enquanto a gente está aqui no privilégio de poder escolher qual café da manhã eu vou tomar, qual restaurante mais caro que eu vou escolher para almoçar, eu estou falando de uma população que está aqui passando fome. Belo Horizonte está aí nesse processo de ruas visíveis, a retirada, não é? Temos a audiência pública, uma visita técnica semana que vem porque a população: “Ah, é só colocar em uma pousada porque está feio no período eleitoral”. Tem várias casas de acolhidos aqui, não vou desmerecer nenhuma, mas realmente esse papel que está sendo feito é simplesmente só oferecer o lugar para a pessoa ficar e pronto, acabou. E os seus pertences? Seus animais? Então são vários fatores. E quando eu rejeito, eu escolho estar na rua e não estar. “Ah, mas a pessoa está na rua porque quer”. Quem é que quer ficar na friagem? Porque eu, quando chego lá em casa e estou sentindo frio, eu coloco outra coberta, eu tomo leite quente. Será que as pessoas estão tendo essa opção? Então assim, eu acho que em 3 anos de mandato, 2 e outro, e nesse que já vai para 6 meses, que dia que nós usuários vamos virar pauta desse CEAS? Mas não é pauta só para poder responder a Simone e pronto, acabou, não. Eu quero uma pauta de verdade. Eu quero conseguir fazer um movimento para conseguir trazer os

meus usuários, do meu território. Eu nunca tive uma acolhida nesse sentido. Quero trazer as mulheres do meu território que são violentadas para vocês dizerem que tem políticas públicas para elas, porque eu estou cansada de tentar dizer, mas nem para mim teve. Eu venho de um histórico de violência doméstica também. Eu venho de um histórico de 10 facadas e nem para mim teve. Então está cansativo dizer que existe essa política, mas ela só está no papel. Então eu acho que eu vou repetir o que eu disse, não é, Matheus? Eu, Leon, Isaque e Matheus, a gente precisa de parar de estar nesse espaço de concorrência porque a gente não está concorrendo entre nós e o sistema quer nos colocar, esse tempo todo, para concorrer contra a gente. Eu, mulher negra, tenho que concorrer o espaço com quem é da população de rua? Não, eu não quero concorrer com ninguém, o espaço é para todos. Independente se é preto, branco, nós estamos sendo executadas, nós estamos passando fome. A nossa classe é que mantém esse sistema na pobreza. Quanto mais pobre a gente estiver, mais pobre o sistema nos quer. Infelizmente não adianta falar que não. Eles querem um número maior sim de CADÚNICO, eles querem um número maior de mulheres sendo violentadas, eles querem um número maior sim, que as nossas jovens sejam mães na adolescência. A cadeira do Bolsa Família não é para a Simone, é para a filha da Simone, para a neta da Simone e para a sequência. Então a gente precisa de falar disso. E eu estou cansada de sair da minha casa, de fazer o sacrifício de estar aqui por conta própria, muitas das vezes. Porque eu não virei nem pauta nem dentro da Sociedade Civil para garantir a minha participação e acho que não é o momento de dizer, mas a gente acaba dizendo disso. Mas a gente precisa de garantir. Então entrar por essa porta, passar todos os dias, sentar aqui quinta e sexta e voltar para a minha casa está cansativo. Então a gente precisa de sair da zona de conforto. Vocês ganham diárias para estar aqui, vamos defender o SUAS na verdade, porque às vezes a diária que está gastando com a gente era a cesta básica que colocava lá no território, sabe? Então assim, vamos parar de achar que a gente está no espaço somente para vir e fazer defesa. O quê que a gente vai apresentar se um dia for questionado? O que eu apresento nas minhas comissões locais? Porque eu participo de comissões locais. O que eu apresento para uma mídia, se eu precisar de falar do CEAS, de falar da garantia de direitos? Será o quê que eu estou falando? Então assim, assim como eu, estou citando muito meus companheiros do segmento de usuários porque eu acho que está na hora de a gente tomar um choque de realidade, acordar e dizer: “Precisamos de ser pauta nesse CEAS”. E não é a pauta individual, é dos quilombolas, porque lá também tem mulher que são violentadas. É a pauta do LGBTQIA+ que também está sendo executado, sabe? Então assim, não dá mais para ficar nesse lugar, não dá mais, eu não quero mais estar nesse lugar, ficar nesse CEAS só servindo de palanque e trocando de roupa aqui dentro. Eu quero sim ver o resultado. Eu quero chegar em dezembro, olhar para trás e falar: “Esse ano a gente avançou. A gente conquistou isso”. Logicamente não vai resolver o mundo, mas a vida de alguém a gente vai conseguir salvar. Então o que me traz aqui, precisava de dizer disso, sabe? A gente precisa de falar de verdade para quem é esse CEAS, para quem nos move, o porquê que estamos aqui, o quê que nos traz estar aqui. E a gente fala de tudo, de menos de que pilar é esse que tanto me dizem: “Ah, mas o pilar é o usuário”. Não é o usuário, sabe por causa de quê? Porque eu tenho que disputar com os colegas onde que a gente vai

estar nas instâncias. A gente não faz uma luta para os quatro estarem naquela instância. Eu quero estar no mesmo lugar do que os outros, mas em vez de a gente lutar para não tirar a Simone ou tirar o Matheus, ou tirar o Leon ou tirar o Isaque, a gente fica disputando entre nós, sendo que é um direito nosso. A gente tem que lutar para os quatro estarem. Somos quatro, somos a minoria aqui dentro desse Conselho, que tinha que ser o contrário. Nós somos a minoria. E a minoria não está dando conta de enxergar que a gente está sendo só palanque aqui dentro. Precisamos de acordar, precisamos de olhar a bandeira assim: “Não nos representamos. Representamos quem está lá fora”. Quem nos colocou aqui foi a população. Quem me colocou aqui foi idoso, foi a mãe, foi a jovem, sabe? Então que SUAS que eu quero para os meus netos? Vou ter o terceiro neto a qualquer momento, estou na expectativa. Mas que SUAS que eu quero para o meu neto, sabe? Essa política de assistência social, ela não pode ser só alguma coisa ali, um pinguinho ali não. Ela tem que fazer a diferença. Ela tem que fazer a diferença na minha vida. E hoje eu me sinto em um lugar de privilégio, mas ao mesmo tempo eu volto à reflexão, o tempo todo: “Que privilégio é esse que só eu estou enxergando? Então assim, acho que, quero pedir para vocês que a gente comece a falar mais da gente. Respeito muitos trabalhadores, respeito muitas entidades, respeito muito o governamental, mas eu quero que a gente vire pauta, eu quero que esses usuários sejam um pilar do SUAS aqui dentro desse CEAS – Minas Gerais. Então assim, o que me traz aqui era isso e eu acho que eu precisava desse desabafo. Muito obrigada, viu?

**ROSALÍCE, CMSSVP:** Bom, é o CEAS articulando com outras políticas, não é, Simone? É o que a gente precisa dentro do CEAS, mostrar que para o atendimento do usuário completo e digno a gente tem que conversar com outras políticas. Não é só trancar dentro do CEAS e ser teoria, é trazer na prática o que a gente, o controle social foi criado para isso, não é, Simone? Bom, o segundo ponto.

**WELLINGTON, FMLSUAS:** Oi. Estão ouvindo, gente? Eu concordo com todas as palavras, pontos, vírgulas que saíram da boca da Simone e também quero me manifestar na representação de usuários também. Porque mensalmente nós temos uma reunião no FML do SUAS que é o Fórum Municipal de Lutas pelos direitos dos usuários do Sistema Único de Assistência Social e ali são apresentadas, muitas das vezes eu apresento as atas e quais são os momentos que ali são falados a respeito dos usuários. Se o fórum, ele é o fórum voltado o usuário e muitas das vezes são essas indagações deles. Aí eu pergunto para os meus pares, pergunto para este Conselho. Só para vocês terem uma noção, eu até deixei aqui aberto, só esse ano foi um aumento de 48% de extrema pobreza na cidade de Uberaba. Uberaba tem em média 340.000 habitantes. São 74.000 habitantes vivendo em extrema pobreza. Isso é o usuário. E quando isso é debatido aqui dentro deste Conselho? Quantas cidades, municípios dentro deste estado estão vivendo na mesma condição ou pior? A gente sabe que os menos acolhidos são o Norte de Minas, os usuários. A assistência social, ela tem que chegar até os usuários. E quantas vezes isso é debatido aqui dentro deste Conselho? A população LGBTQIAPN+, dentro de Uberaba, eu falo dentro de Uberaba porque é onde eu estou mais a par, tem crescido e cresceu 89%. Só esse ano foram 6 travestis assassinadas. Aí eu pergunto: onde está a assistência social? Onde está sendo efetivada a política pública para os usuários? Independente da sua representação, seja ele família, seja ele LGBTQIAPN+, homens e mulheres pretas,

onde está os direitos garantidos de nós usuários? Obrigado. **MATHEUS, MLGBT Claudio-MG:** Cumprimentar novamente a companheira Simone. Acho que ela faz uma denúncia muito importante das urgências e principalmente de uma cobrança que que bom que está acontecendo nesse momento, que bom que não se perca nessa ata, nessa plenária, nesse mês. Dividir novamente a alegria de dividir esse Conselho com você, dizer que é um grande aprendizado e tomara que todos e todas nós possamos se sentir atravessados pelo que você disse e é real. Acho que é estratégico, é proposital que a gente distancie desses processos que são inerentes à assistência social dessa maneira. Que a gente se perca e a gente até se assuste quando a gente escuta esses relatos, quando a gente está dizendo que por mais que aquela pessoa já está com Bolsa Família, já está com CADÚNICO, é muito mais profundo as nossas desigualdades. É até chavão dizer, nos últimos tempos. São estruturais, mas essa estrutura, ela é formada de gente, de pessoas. E mais do que um discurso bonito de possibilidades, prestação de contas, a gente poder pensar a política pública é um desafio ainda maior porque nós estamos perdendo tempo, nós estamos com um atraso de muito tempo e como corrigir? E se tudo que a gente pensa, que a gente conduz, que a gente se atravessa e sente aqui com isso, me pega muito nesse lugar e eu queria que pegasse todos, de realmente proposição. Proposição, como é que a gente vai tomar conta dessa narrativa e tentar dar um ponto de virada. Como é que a gente vai virar essa chave porque não dá mais. Acho que é tanta gente gritando, é tanta coisa assim, não dá mais. Acho que Simone diz de um chamamento para a nossa hipocrisia. Eu acho que não dá mais para construir um espaço como esse com hipocrisia e nesse eterno processo de competição. Isso é muito isso e que bom que você traz isso porque isso é importante a gente dizer. A gente não está aqui para competir, a gente é um coletivo e a gente entende o quê que é um coletivo e porque está aqui nesse CEAS enquanto coletivo. É um desafio, mas nós estamos. A partir desse “nós estamos”, e aí? Nós seremos e somos a todo momento muito cobrados, principalmente enquanto Sociedade Civil, e eu não poderia deixar de falar porque esse é um mês muito representativo, não só para a minha comunidade que é a comunidade LGBTQ+, mas para a gente pensar a importância de dizer que orientação sexual e identidade de gênero atravessam esses usuários, atravessam esses trabalhadores, atravessam essa política de assistência social. Não somente orientação sexual e identidade de gênero, mas raça/cor. É só a gente pensar quantos anos de escravidão a gente teve. É só a gente pensar nos impactos que a gente tem disso até hoje e como a gente não conseguiu fazer um processo de reparação. E como que essa reparação é ainda mais complexa porque esses sujeitos, a gente não pode reduzir a simplesmente: “É um usuário do Bolsa Família”. O usuário tem gênero, que família que ele está, que cor ele tem, onde ele mora, que território é esse? Que país, que estado é esse? É muito mais profundo e a gente precisa de atenção a essa profundidade, a essa complexidade sim. A gente precisa investigar, a gente precisa estar junto e atento a isso, senão não é possível, se não é enxugar gelo, é apagar incêndio e a gente continua perpetuando processos que vão ainda nos reduzir a um lugar onde a gente não chega a lugar nenhum. É um processo que nos indigna, é um processo que nos aperta o coração e o peito e a gente segue adianta. Porque a gente está seguindo adiante? Então há urgência das denúncias e há urgência de a gente pensar um CEAS que seja representativo, um CEAS

que pense todos esses diálogos, mas não no sentido identitário. Em um sentido de verdade porque são pessoas e nesse mês, onde a gente essa urgência do orgulho, eu sempre penso e a gente tem que construir nossa luta independente se é LGBT, independente se é branco, independente de onde a gente esteja, mas o pouco de consciência que a gente tenha de pensar que o orgulho é garantia de direito. Orgulho é dignidade, orgulho é respeito a nome social. Orgulho é a possibilidade de construir uma sociedade boa para todo mundo. Esse é nosso lema. Lá em Claudio no movimento, esse é o nosso lema. Nós estivemos na Câmara Municipal essa semana, eu pude levar esse debate que ainda é super desconhecido dos nossos legisladores, o quê que é um SUAS, o quê que é uma política de assistência social, e eu disse para eles: “É bom para todo mundo”. Uma política que seja, que chegue em todo mundo, é bom para todo mundo, até para quem (infelizmente) está posto lá constitucionalmente que é uma política de quem precisar, não é uma política universal, mas é bom para todo mundo. É esse o nosso entendimento. Não é privilégio, não é colocar e passar na frente porque chega. A gente já está convivendo com esses processos, mas chega. Chega de: “Ah, não, a gente tem que pensar em uma escala de opressão”. A mulher negra é mais oprimida? O LGBT? A gente faz uma escala? Isso não é possível. Nós somos sujeitos integrais, a gente tem que pensar nessa questão. E acho que a gente precisa virar a chave nesse Conselho para realmente trazer esse debate e pensar: “Quem é esse usuário? E pensar quem é o usuário, a gente pensa quem é essa política e se realmente, verdadeiramente ela está existindo, com verdade e com, principalmente, um lugar possível para que as pessoas tenham dignidade, isso é muito importante. **JENNIFER, PSIND:** Nem vou fazer coro aqui ao que os nossos colegas usuários já trouxeram porque eu acho que está posto, não é? Acho que a reivindicação é completamente digna, legítima, e se a gente não escutar essa solicitação, a gente vai estar falhando completamente nas nossas funções. E todas e todos que estão aqui, que são conselheiros, que são representantes de qualquer segmento dentro da Sociedade Civil e trabalhadores e trabalhadoras do Governo, das secretarias, se a gente não escutar o que está sendo posto, o que está sendo reivindicado, nós nem deveríamos estar aqui. Mas aí eu vou trazer o problema porque aí, que é o trabalhador nesse lugar de primeiro atendimento, não é? De quem está lá na ponta. Acolhendo a Simone, acolhendo o Leon, acolhendo o Matheus, não é? E trazer novamente: como está funcionando os nossos serviços dentro da assistência social? O PAIF que é essa porta de entrada, que é o Programa de Atendimento Integral à Família e aos indivíduos, ele está funcionando? Ele está sendo esse lugar que acolhe as famílias do nosso território? Que acolhe essas mulheres em situação de vulnerabilidade, em situação de violência doméstica, em situação de muitas vezes abuso de substâncias? Essas crianças e adolescentes? O PAIF está sendo esse lugar onde realmente é acolhido, é ouvido enquanto família, enquanto indivíduo, enquanto sujeito de direitos? Ou o PAIF está sendo, como muitas vezes eu tenho visto, lugar de fazer um registro no sistema do Governo, que é um registro no CADÚNICO que a família vai ali para atualizar de 2 em 2 anos e receber um valor mínimo que não é suficiente para garantir comida na mesa dessas pessoas? E aí essa família, ela é lembrada quando lá, chega lá no sistema e aponta que o CADÚNICO está para vencer ou o CADÚNICO está vencido. Ou essa família é lembrada na hora que chega a lista das condicionalidades do Programa Bolsa

Família, aí essa família é lembrada. Aí uma ação é requerida do Governo e aí essa equipe mínima do sistema, ela precisa fazer ações imediatistas que não resolvem a questão, mas que simplesmente vai novamente ser registrado dentro do sistema como cumprida. Então a gente enquanto equipe técnica do serviço, a gente está tendo condições de atuação para realmente identificar o quê que é esse usuário, o quê que é essa família, o quê que esse sujeito em situação de vulnerabilidade, ele precisa. Essa família, ela está sendo realmente capacitada para entender os seus direitos? Para realmente sair desse lugar de vulnerabilidade e ir, conseguir sua autonomia, conseguir uma responsabilização, conseguir estudar, conseguir acesso à educação, saúde, segurança, moradia? Essa família, ela está conseguindo isso ou nós estamos trabalhando simplesmente para fornecer Bolsa Família, nós estamos trabalhando para empregar benefício eventual de cesta básica, quando tem. Nós estamos trabalhando para fazer averiguação cadastral do CADÚNICO, para ver se aquela família realmente está na extrema pobreza, não é? Nós estamos gastando nossos recursos para ir na casa de cada um e olhar o quê que tem dentro da casa dos nossos usuários. Então quais as condições que estão sendo dadas para os trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social e como que tem chegado dentro de cada equipamento, dos CRAS, dos CREAS, das entidades, as diretrizes dos nossos conselhos estaduais, dos nossos conselhos federais, e como que isso tem sido aplicado. Porque muitas vezes essa equipe mínima, ela está lá sobrecarregada e chega uma diretriz e simplesmente, sem explicação, sem considerar o quê que aquela equipe está fazendo, simplesmente para preencher um cadastro e mandar para o Governo. Então nós precisamos considerar o que os nossos usuários estão solicitando, mas também considerar as condições que os nossos trabalhadores da ponta precisam para executar o que é necessário para que os usuários sejam atendidos nas suas demandas. E as demandas, elas não são o benefício eventual de cesta básica. A demanda é muito maior do que isso e se a gente não estiver trabalhando realmente o PAIF como ele tem que funcionar, porque ele não funciona. Ele não funciona. Essa política já está aqui há 20, 30 anos, vamos dizer assim, na construção, e a gente ainda tem um PAIF que não funciona. É o programa inicial, não é? Se a gente continua assim, nós vamos continuar enxugando fogo, tentando, porque nós não conseguimos, enxugando gelo, e a gente vai continuar tendo as mulheres mortas, Simone. Sendo mortas. Mas a gente vai estar entregando a cesta básica do mês e achando que o nosso serviço está feito. O nosso serviço não está feito, está mal começando e a gente ainda não está fazendo da forma como deveria. Obrigada. **Nelson, SEDESE:** Eu só vou fazer um registro, gente, e aí eu estou pensando na estrutura nossa de pauta também porque a capacitação tem uma duração, mais ou menos, de 2 horas. Então só agradecer a fala da Simone, do Leon, do Matheus. Eu acho que é muito importante. Eu acho que o Conselho, a gente tem momentos, não é? Então eu acho que o Conselho teve um momento assim, muito de olhar interno para o funcionamento do Conselho e acho que hoje a gente conseguiu vencer muitas das pautas que estavam pendentes também. Então eu acho que esse Conselho aí, assim, quero também registrar parabéns para esse Conselho porque esse Conselho conseguiu avançar em muitas pautas, em muitas questões, não é? Obviamente que também em um histórico de outros que vêm trazendo todas essas pautas para que a gente possa discutir. Então assim, e eu acho que a gente, nesse exercício a gente tem

avançado enquanto organização de conselho, enquanto organização de controle social e a capacitação hoje é um exemplo disso assim, não é? De um momento que a gente possa discutir a política pública e não estar aqui só deliberando questões administrativas, burocráticas. Porque senão a gente fica nesse movimento, não é? Só burocrático da política pública. Mas a gente precisa discutir a política pública e que ela faça sentido para quem utiliza dessa política pública. Então eu acho que é muito importante a gente ter esse momento de ouvi-los, não é? E acho que faz todo sentido tudo o que vocês trazem e aí já me coloco à disposição enquanto Conselho e enquanto SEDESE, não é? Para além de Conselho, enquanto SEDESE também. Estamos à disposição, não só eu, mas todos nós lá enquanto SEDESE estamos à disposição para ouvi-los também e para entender, inclusive do nosso fazer, não é? Porque a gente às vezes fala de um lugar, mas a gente precisa ouvir quem acessa esse lugar. Então assim, acho que isso é importante. Eu vou, acho que a Letícia quer se manifestar e aí na sequência eu vou passar para a Rosa, só para ela concluir os dois informes e a gente seguir com o que está previsto na nossa pauta. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** Eu vim, sabe, Simone? Hoje, dentro do carro, pensando assim: “Eu vou ficar bem caladinha hoje porque eu não tenho muito a acrescentar não”, mas não consigo. E aí quando você fez a sua fala ontem na Comissão de Orçamento me deu uma acordada, sabe porquê? Porque ontem eu estava também muito sensível, participando da reunião, a gente em uma pauta importante, dura de orçamento, e eu estava chorando durante a reunião e respondendo mensagem. E eu só queria que a gente refletisse sobre esse lugar de usuário, não é? Quem não é usuário. Porque eu não sei se vocês viram, essa semana um homem foi morto dentro de um ônibus em Curitiba por defender um casal LGBT que estava dentro do ônibus. Um homem branco. E a sua fala ontem me fez também pensar como que esse lugar deve ser difícil, sabe? Porque eu sou uma mulher branca, heterossexual, cisgênero, que fiz um evento sobre diversidade sexual e gênero e estou sofrendo até agora ataque interno e externo, principalmente, por defender o óbvio e não defender estar falando de políticas públicas dentro de um espaço público, estadual, dentro de uma Secretaria de Assistência Social que muitas vezes assume também a pauta de direitos humanos dentro dos municípios. Então só para a gente pensar como esse lugar de usuário, ele deve ser difícil, não é? E de riscos também, não é? A gente pensar nessa parte também. E aí a sua fala e os acontecimentos dessa semana me fizeram refletir muito sobre isso. Obrigada. **ROSALÍCE, CMSSVP:** Bom. Nós tínhamos mais dois informes da Sociedade Civil. Na realidade, Nelson, nós queríamos acrescentar mais um ponto de pauta para a plenária sobre o FEM, discutir sobre o FEM hoje de novo. E hoje a Sandra traz um informe para nós. É só um informe do CNAS. **SANDRA, SINDIBREF:** Bom dia. Sou eu agora? Sindicato aí representando as entidades, os trabalhadores e as entidades, não é? Gente, então, antes dos informes a gente fica sensibilizada, sabe, Simone? Com a sua fala. Porque eu acho que só de a gente estar aqui já é uma sensibilidade, mas de repente a gente cai na zona conforto e ficamos aí sem pensar de fato o quê que, porque eu penso que a política de assistência social é para os usuários, pelos os usuários e com os usuários. E se a gente fala “com os usuários”, vocês trazem questões que fazem a gente às vezes acordar porque a gente fica: “Não, não podemos nos distrair”. E eu fico vendo a dificuldade, não é? De como a gente também pensar situações, porque a pauta da

assistência tem a interface do orçamento, não tem financiamento público, a gente ainda está nesse pires na mão. A gente está com uma classe de trabalhadores totalmente sucateados, relações de trabalho precarizadas. Então assim, tem muita coisa para aprimorar e eu, semana passada, mês passado eu falei na Comissão Política, a Érica está até aqui, que a gente tem que começar a pensar no quê que a gente quer aprimorar nesta política, com 30 anos de LOAS e 18 anos de SUAS. Porque a gente fica, parece, reativo: “Vamos analisar a prestação de conta. Vamos fazer o planejamento”, mas assim, de fato, quais os pontos que a gente tem que aprimorar na política? Isso tem a ver aprimorar controle social que não tem qualidade e muito menos proporcionalidade, é no financiamento. E aí vocês trazem situações para a gente que vai muito além disso também que eu estou falando, não é? Que é dessa questão, a pauta da infância, por exemplo, que você traz. É muito importante a gente, enquanto frente de defesa do direito da criança, já é um outro espaço, nós já sentamos com todos os candidatos aí do municípios e nós temos uma pauta do trabalho infantil, do abuso sexual, do acolhimento, o quê que a gente espera deles, indiferente de partido. Nós já fizemos com um e a gente tem mais um encontro por aí com todos os candidatos de Belo Horizonte, no caso, não é? E eu acho que isso é uma pauta, de a gente pautar esses candidatos aí que estão pretendendo as prefeituras, como que é o compromisso deles e depois monitorar, não cair no esquecimento também, não é? Das mulheres, eu acho que tem que levar essa demanda para o Conselho da Mulher dos municípios, aqueles que têm. Porque em Belo Horizonte tem um Conselho da Mulher, o SINTIBREF está lá. Eu acho que tem que ser remetido para o Conselho Municipal da Mulher. Mas assim, só trazendo, gente, que aconteceu a eleição do Conselho Nacional, não é? Tomou posse. Eu fiquei lá por dois mandatos. Declinei, fui da SINDREF de mais um mandato porque a gente traz um ponto muito importante da representatividade, que é isso que a Simone também está falando de ficar, a gente fica concorrendo entre nós mesmos. Então assim, eu quero falar com o segmento de trabalhadores: a eleição está tranquila, tudo muito bom, mas foi muito tenso, muito tenso, justamente por conta desse conflito que está com os representantes de trabalhadores porque na minha parte, por exemplo, eu posso falar enquanto federação, é garantir a representatividade. Eu não vou ficar lá 10 anos e nem o outro 20 anos e não garantir que venha outras categorias como sociólogos, antropólogos, pedagogos. Não ficar só na assistência social, justamente para fazer essa análise que ele fala aqui: “Como que um antropólogo poderia estar ajudando a gente?”, não é? Então assim, tomaram posse, nós tivemos um problema no segmento de trabalhadores, a resolução 06 não avançou por conta desses conflitos de uma parte, aí eu vou falar de um evento sindical que eu inclusive faço parte, mas não concordo com muitas situações que estão acontecendo. Porque, e dar parabéns aos usuários que hoje têm uma resolução. A gente, com certeza a gente vai crescendo e vai aprender com vocês muito, porque vocês têm uma resolução já, não é? A Muscotinni foi uma assessora e ajudou a nossa professora aqui de Minas, e vocês conseguiram uma resolução que caracterize quem são os usuários. E nós trabalhadores não conseguimos chegar nesse consenso ainda. A verdade é essa. Mas a gente pode sentar com vocês e aprender também. Então assim, foi um espaço muito forte. Último informe, bem rápido, tinham muitos informes, é a campanha do piso salarial para a categoria, o qual

eu participei lá na Câmara. A gente fez uma audiência e de novo, porque a gente está falando de piso para a categoria? Porque isso também vai qualificar a precarização que está nos municípios, na ponta, a respeito aí de remuneração, adoecimento, etc. E ela está *linkada* com o orçamento. Se não aprovar a PEC, gente, 383, e que garanta o mínimo de veiculação, a gente não vai avançar e vamos ficar aqui falando, repetindo. Eu também fiz parte da Comissão de Financiamento Nacional. A Jennifer está aqui agora com vários companheiros aqui. Não vai avançar se a gente não ter uma valorização no termo de orçamento da política de assistência social. É pires na mão ainda. Na minha fala lá, eu perguntei: “Essa casa sabe que a assistência social é para além de Bolsa Família e BPC? Será que os nossos legisladores sabem disso? Aqueles deputados, todos que estavam lá? Porque não sabem. Na hora que a gente bate na porta, não conhece o serviço CRAS, CREAS, a realidade das entidades, não é? Então assim, em linhas gerais é isto. É um novo mandato, mas a gente ficou muito satisfeito que pôde aprender e colaborar, mas assim, tem muitos desafios ainda e os trabalhadores é um segmento que está precisando avançar demais no entendimento interno mesmo da categoria. Obrigada.

**Nelson, SEDESE:** Obrigado Sandra. Então, gente, eu só vou pedir então para a gente, se todo mundo estiver de acordo, para a gente incluir então a pauta do FEM, não é? Que foi um pedido aqui da Sociedade Civil. A gente já tinha votado a pauta, mas a gente retoma isso e aí inclui, acho que, pode ser a pauta do FEM como segundo ponto, logo após a capacitação. E aí para a nossa organização, a gente faz a capacitação agora de manhã, pensando que agora são 10h15. A gente deve sair para o almoço e aí no retorno a gente inicia com cada um dos pontos de pauta que a gente incluiu. Todo mundo está de acordo? Podemos aprovar? Então pela aprovação. Reprovação. Abstenções. Então acho que pauta aprovada, não é? Com essa alteração, incluindo o FEM como segundo ponto de pauta. Então o nosso primeiro ponto é a capacitação, então eu vou chamar a Rose e a Gabi. Eu vou dar licença para elas sentarem aqui porque eu acho que fica melhor para todo mundo visualizar. E aí pedir para a Secretaria Executiva colocar a apresentação. E aí assim, registrar que essa capacitação, eu falei isso na mesa diretora, ela também é motivada a partir do momento que a gente escuta falas como a que vocês fizeram aqui hoje e o Marcelo fez uma fala lá no FONACEAS, da importância de a gente discutir a política pública e não ser esse instrumento só de deliberar questões ali burocráticas, administrativas, mas para que a gente possa ter esses momentos de discussão também, não é? Então por isso que a gente pensou nas brilhantes Rose e Gabi para virem aqui falar um pouquinho para nós das entidades e da organização da assistência social e o vínculo SUAS. Então bem-vindos, muito obrigado.

**GABRIELLE, SEDESE:** Bom dia, não é, gente? Sou Gabrielle, SEDESE. Queria agradecer à acolhida desse ponto, para a gente começar a discutir alguns aspectos da política pública. Dizer que nem vou chamar isso de capacitação, eu acho que uma aula a gente acabou de ter agora, não é? De ouvir os usuários e repensar o papel do Conselho Estadual de Assistência Social. E aí eu acho que assim, de algo que a gente vai fazer agora, é na verdade um convite mesmo para a gente refletir sobre o papel do CEAS, sobre possíveis encaminhamentos quanto a essa pauta. A gente fala muito que o CRAS é a porta de entrada para os serviços socioassistenciais, pensando aí uma analogia com as etapas de reconhecimento do vínculo SUAS é como se os CMAS, os conselhos

municipais de assistência social, fossem a porta de entrada para as entidades se vincularem ao SUAS, terem autorização para funcionar como ofertas da política pública de assistência social. E o CEAS, como esse lugar de apoio e referência para os CMAS, não é? Pensar como que pode auxiliar e contribuir com esse processo. Então, pode passar, por favor. Aí assim, eu acho que a gente vai gastar até menos de 2 horas, eu vou fazer uma contextualização, uma introdução aqui. Claro, a apresentação foi enviada para a Secretaria Executiva. Pode mandar no grupo dos conselheiros. Já foi enviada? Ótimo. Porque aí fica mais fácil de vocês acompanharem se a letra estiver pequena aí. A apresentação em PDF já está no grupo de conselheiros do CEAS, está bom, gente? Para facilitar o acompanhamento. Aqui eu só trouxe assim, os pontos que a gente vai tratar, para alinhar um pouco das expectativas. Então a ideia é fazer um breve, uma breve contextualização sobre a atuação histórica das entidades de assistência social no Sistema Único de Assistência Social, antes mesmo dele nascer enquanto política pública, trazer um pouco dos conceitos, das diretrizes, dos parâmetros de atuação para as entidades que ofertam serviços, programas e projetos dentro da assistência social. Eu trago um panorama de alguns sistemas de informação do SUAS que lidam, que têm as informações das entidades, para a gente situar mesmo, não é? Quantitativo, enfim, as características dessas unidades aqui no nosso estado de Minas Gerais. A gente fala brevemente dessa relação de parceria entre o poder público e as entidades que têm um vínculo SUAS, as primeiras duas etapas do vínculo SUAS como requisitos para celebração de parcerias, mas sem entrar nos pormenores. E aí por fim a Rose vai trazer também esse passo a passo das etapas do vínculo SUAS, não é? A inscrição no CMAS, cadastro no CNEAS, um pouco da obtenção do CEBAS que não é uma etapa obrigatória, mas é muito relevante e muito importante para as entidades. E aí fechamos um pouco com os papéis e responsabilidades do órgão gestor e dos conselhos municipais nessa relação com as entidades. Pode passar, por favor. Aqui eu trouxe assim, bem rapidamente, a ideia não é recuperar a história da política de assistência social, mas só dizer dessa mudança de paradigma que a gente tem com a Constituição Federal de 1988 e que muito antes dela, muito antes da política de assistência social ser reconhecida como política pública de dever do Estado e direito de cidadão, as entidades e organizações de assistência social já atuavam. Então elas já ofertavam ali políticas sociais com a população em situação de vulnerabilidade, risco social e violação de direitos. Então a história do SUAS, ela é marcada desde sempre pela atuação das entidades e até hoje, quando a gente vai ver nos dados, é muito preponderante em alguns serviços, a oferta pelas entidades é majoritária em comparação com o poder público. Então a gente tem, com a Constituição é demarcada essa mudança, não é? De um modelo assistencialista, filantrópico, voluntário, ofertas pontuais, de benevolência, caridade, ações fragmentadas, desordenadas ali que eram executadas, para um panorama de direito, não é? Uma política pública de responsabilidade estatal para garantir cidadania, para promover a proteção social, a defesa de direitos. Uma política que tem como função também a vigilância socioassistencial, com diretrizes muito claras, depois Rose vai trazer dos parâmetros de atuação, não é? Mas o SUAS é a quem dele necessitar. Então são ofertas universais, gratuitas, não é? Uma política de comando único, então uma entidade não pode estar ali isolada no território ofertando serviço

socioassistencial porque tem um órgão gestor ali, de comando único, que referencia e faz a gestão do SUAS no território. Tem a LOAS, não é? Depois da Constituição, a LOAS vai trazer os parâmetros para o vínculo SUAS e para depois regulamentar essa relação de parceria com as entidades e sempre na perspectiva de um sistema também que possui o controle social, a participação social como diretrizes para a sua natureza. Pode passar. Aqui a gente trouxe só o texto da Constituição, ali no artigo 204, que o sistema tem como diretrizes, as ações da política de assistência social tem como diretrizes: a descentralização política-administrativa com responsabilidades, exclusivas e compartilhadas nos três entes federados, então cabe à esfera federal a coordenação e a execução nos respectivos níveis, ao nível estadual, ao nível municipal e bem como as entidades beneficentes e de assistência social. Então desde a Constituição, elas estão ali citadas e previstas como integrantes do Sistema Único. E como segunda diretriz: a participação da população. Por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis. Depois da Constituição, a gente tem a regulamentação da política de assistência social pela Lei Orgânica de Assistência Social, a LOAS, que é a lei federal nº 8.742/1993, e a LOAS já no seu artigo 1º, ela também demarca que a assistência social é direito do cidadão e dever do Estado, compõe ali o tripé da seguridade social, ao lado da saúde e da previdência, é uma política não contributiva que prevê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade para garantir o atendimento às necessidades básicas. No artigo 3º, ela já traz o conceito e as tipologias ali de quem são as entidades e organizações de assistência social, que são aquelas que sem fins lucrativos, isolada ou cumulativamente prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários, bem como atuam na defesa e garantia de direitos. No artigo 6º também, não é? A gente trouxe aqui só alguns marcos da LOAS que citam ali expressamente esse papel das entidades. No artigo 6º reforça que é um sistema descentralizado, participativo, integrado pelos três entes federados, pelos respectivos conselhos de assistência social e pelas entidades e organizações de assistência social abrangidos por essa lei. São aquelas entidades que estão lá descritas no artigo 3º da LOAS. Pode passar. Isso. No artigo 6ºB, não é? Diz como que as ofertas do SUAS podem ser executadas, então nos níveis de proteção básica, proteção especial de média e alta complexidade ofertadas pela rede socioassistencial, seja diretamente pelo poder público ou indiretamente pelas entidades e organizações de assistência social vinculadas ao SUAS, não é? E aí a gente vai tratar um pouco desse vínculo SUAS mais adiante. Desde quando o SUAS, ele é regulamentado, ele é normatizado, a gente tem que, assim, por mais que a gente ame, não é? Às vezes de rede privada, as entidades, elas são privadas ali na sua natureza jurídica, mas a partir do momento que elas ofertam serviço público, com recurso público, elas têm que, devem atender, devem ser reconhecidas como tal, como parte da rede, e devem atender aos parâmetros da política. Então é uma oferta complementar, articulada, integrada, que não é isolada, ela se referencia, não é? As unidades públicas e a gestão do SUAS no território. Então muito importante essa relação que deve acontecer entre os CRAS, entre os CREAS e a rede local. Mais uma vez, não é? Só reforçando que os serviços, programas, projetos e benefícios da assistência social têm caráter permanente planejado, têm que ser ofertados na

perspectiva da autonomia dos usuários, de forma universal, gratuita e com participação social. Pode passar. Aí aqui eu trago alguns dados, só para a gente dimensionar a realidade do estado de Minas Gerais com relação à presença das entidades e organizações nos nossos serviços. Essa primeira tabela, ela vem do CNEAS, que é o sistema de cadastro nacional das entidades de assistência social, que a gente vai falar mais dele um pouco. Esse número que aparece aí, são 4.903 entidades de assistência social que aparecem lá no CNEAS. Não são as vinculadas ao SUAS ainda, não são as com cadastro concluído, mas são entidades que já tiveram algum registro, apareceram ali no sistema. Estão presentes em 621 municípios mineiros. Então 72%, quase 73% dos municípios tem a presença de entidades já registrada. Isso pode, isso diz, não é? Às vezes esses outros 30%, às vezes tem uma entidade ali que ainda não foi localizada, ainda não foi reconhecida, não foi inscrita pelo Conselho, mas pode dizer também da ausência das entidades em alguns municípios e a gente observa isso na composição do Conselho, não é? Nos conselhos desses municípios que não têm a presença de entidade, com a redistribuição ali nos outros dois tripés da composição da sociedade civil, que são os trabalhadores e usuários. Então dessas entidades, elas são registradas lá no CNEAS com mais de 10.000 ofertas. Então uma entidade pode realizar mais de uma oferta, não é? O CNEAS, ele registra tanto a entidade quanto só o serviço ofertado por aquela entidade, se não for uma entidade preponderante. Aí a Rose vai explicar isso mais a frente. Mas aí só para a gente entender, não é? O quê que essas entidades que estão no CNEAS ofertam, em sua maioria? A maioria delas são de atendimento, então prestam serviços tipificados, e o serviço mais frequente que aparece lá é o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, ofertados nos centros de convivência que podem ser de natureza pública ou ofertado por organização não governamental. E aí então é a oferta que mais aparece no CNEAS. A segunda são as entidades de promoção e defesa de direitos, em terceiro lugar entidades que ofertam, mais uma vez, atendimento. E aí aos serviços de proteção especial de média complexidade. Aqui o mais frequente é o serviço de proteção especial para pessoas com deficiência, idosos e suas famílias. A gente vai mostrar também mais a frente. Outra oferta frequente aqui no estado pelas entidades são os serviços de acolhimento e aí aparecem outras ofertas no âmbito do assessoramento, defesa e garantia de direitos. Então estilo de desenvolvimento integral, ações de promoção e integração ao mercado de trabalho. Pode passar. Formação político-cidadã de grupos populares, projetos de inclusão cidadã, benefícios, tem entidades lá cadastradas como oferta de benefícios socioassistenciais, que é 5% do total, é um percentual pequeno. Desenvolvimento de ações de monitoramento e controle popular sobre os direitos sociais, outros serviços e programas e entidades que são de assessoramento político, técnico, administrativo e financeiro, ou as organizações de usuários ou até outras entidades. Aí pode deixar aí nesse finalzinho, porque aí eu trouxe do total de entidades registradas, mas destas, a gente tem em Minas Gerais 3.811 que estão com o cadastro concluído no CNEAS. Então essas são consideradas as entidades que já atingiram ali o vínculo SUAS, não é? As etapas obrigatórias do vínculo SUAS. É um percentual de 78%. Então de todas as entidades que estão no CNEAS, 78% estão com cadastro concluído. E aí a gente teve um aumento muito grande desse dado aqui no estado nos últimos anos. Em 2022 a taxa de conclusão

era de 62%. A gente teve recentemente um momento de apoio técnico com o Governo Federal e aí eles informaram para a gente que a média do estado de Minas Gerais, essa taxa de conclusão é maior do que a média nacional, que é de 77%. Então Minas é o segundo estado da Federação com maior taxa de conclusão no CNEAS, não é? Que está em 78%. Os três estados com o maior percentual são São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. E aí eles falam que a região Sul e Sudeste realmente tem esse maior percentual, região Norte e Nordeste com um percentual inferior. Pode passar, por favor. Aqui eu trago outro sistema de informação. Então como a gente vê no CNEAS que a maioria das entidades oferta atendimento, então são os serviços tipificados, a gente foi nos dados do CADSUAS, que é o cadastro nacional do SUAS, e aí a gente trouxe os dados dos três serviços, dos que estão lá registrados no CADSUAS, os três equipamentos possíveis que também podem ser ofertados por entidades e organizações de assistência. Então a gente vê, nessa terceira coluna, não vou trazer todos os dados, mas aí é muito nítida a preponderância, a importância da oferta das entidades. Aqui eu só trouxe o número de unidades, mas eu poderia trazer o número de vagas de acolhimento ofertadas, não é? É sempre proporcional. Então se 70% das unidades de acolhimento, das casas lares, abrigos, residências inclusivas são ofertadas por entidades, 70% ou mais das vagas que acolhem os nossos usuários são executadas por essas organizações. O serviço de convivência também, o mesmo percentual praticamente, não é? 69%, E no serviço de proteção especial para pessoas com deficiência, idosos e suas famílias, que é o serviço executado por centros-dias ou similar, é 99%, é mais gritante ainda, não é? Preponderantemente são as organizações onde a gente quase não tem unidades governamentais, só três registradas lá no CADSUAS. E aí, só lembrar que a gente está em um momento aí de que foi um cofinanciamento pactuado na CIB e deliberado aqui no CEAS para tentar incrementar, apoiar a estrutura física dessas unidades de Centro-Dia que estão ofertando serviços para as pessoas com deficiência. Outro dado que está embaixo, que também o Ministério do Desenvolvimento Social nos repassou, também mostra uma discrepância ali com relação aos dados do CNEAS. Se a gente tem 3.811 entidades que são de assistência social, que têm um vínculo SUAS, apenas 1.060 possuem o Certificado de Entidades Beneficentes de Assistência Social, o CEBAS. O CEBAS, ele não é obrigatório, ele não pode ser requisito para parceria e nem nada disso, mas para a entidade ele é muito importante. Então a equipe do MDS fez essa analogia, não é? Uma entidade que recebe R\$200.000,00 de uma parceria do poder público, é o mesmo impacto para ela ter R\$200.000,00 de isenções tributárias ali. Ela tem um CEBAS que consegue desonerar a execução financeira daquela entidade. Então assim, como que a gente pode incentivar e desburocratizar esse processo para elas conseguirem alcançar o CEBAS, não é? Hoje o processo está todo *online*, ele é gerenciado lá no Ministério do Desenvolvimento Social. Então como é importante a gente também, para o benefício das entidades, pensar no CEBAS. Pode passar, por favor? Aí só mais um dado, para não ficar muito maçante aqui a apresentação. A gente pegou, no Censo SUAS, entre esses três tipos de ofertas que podem ser ofertadas por entidades, então centros de convivência, centros-dia, unidades de acolhimento, 80% delas afirma no Censo SUAS que recebem recursos públicos. Recebem recursos do poder público para executar suas ofertas. Mas 19,7% ainda não. Então são recursos

próprios das entidades que estão ali realizando uma oferta de serviço público. Então é importante trazer, não é? A gente até falou aqui um pouco do papel dos usuários, dos trabalhadores, e aí as entidades também apresentam fragilidades aí no ponto de vista das ofertas. Pode passar? Esse aqui, eu só trouxe porque assim, é novidade, conhecimento, acho que quando a gente descobre uma coisa nova é sempre bom compartilhar. O Ministério do Desenvolvimento Social divulgou esse painel, chama E-OSC no SUAS. Então é um painel da atuação das organizações da Sociedade Civil na política de assistência social. Então ele traz dados lá desagregados, tanto do CNEAS quanto do CEBAS. Então achei muito interessante, a gente consegue visualizar ali no mapinha, ver como é que está a situação de cadastro de cada entidade, a gente consegue baixar os microdados. Então deixei aí, como a apresentação foi para vocês, deixei o *link* desse painel, que eu achei muito importante a gente divulgar. E também lembrando que o sistema do CNEAS tem um *link* de consulta pública também. Pode falar. Aberto. Esse aí são dados abertos, você consegue baixar, não precisa de senha. Os dois *links*, tanto do CNEAS, que aí o CNEAS, ele tem a parte que ele é acessado pelo gestor municipal com o CEA, com o *login*, mas ele tem esse *link* aqui de consulta pública, então qualquer cidadão consegue ir lá visualizar quais ofertas, qual que é o *status*. E esse painel também achei bastante interessante, também público. Pode passar. Não, mais uma pergunta ali. Laís. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Eu gostaria de saber se esse cadastro no CNEAS a SEDESE acompanha também. Ou quando o município faz, fica a cargo do município acompanhar as entidades que entram no CNEAS. Porque igual o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, muitas entidades têm solicitado inscrição para esse serviço visto que estão recebendo emenda parlamentar, então só consegue receber a emenda parlamentar se estiver inscrita como esse serviço. Aí eu gostaria de saber desse acompanhamento. Porque assim, é muito fácil inscrever e a entidade também não executar. **GABRIELLE, Sedese:** Ótima pergunta. A gente vai falar especificamente desses processos, não é? Tanto da inscrição no CMAS quanto na inscrição do CNEAS, o papel de cada ente federado. Mas aí já te adiantando, assim. A SEDESE, ela tem, no sistema do CNEAS, a permissão de consulta. A gente consegue visualizar todas as informações, a diretoria de gestão do SUAS tem feito um trabalho ali de orientação aos municípios, muito cadastro duplicado, apoiando essa conclusão, fazendo um monitoramento e um apoio técnico nesse sentido, mas aí esse papel de quem diz sobre a inscrição ou não, quem tem a palavra final ali nesse momento, primeiro é o CMAS quando inscreve a entidade e depois o órgão gestor municipal que insere a entidade no CNEAS, segue ali todo o passo a passo. E aí a gente tem essa competência de monitorar, continuar avaliando essas ofertas, não é inscreveu e acabou, porque é o que você falou, tem entidade que entra ali em um momento para receber um recurso específico e depois a entidade fechou, não oferta mais o serviço, a gente não tem essas informações. Então a gente tem competências compartilhadas entre município, estado e União, e aí a Rose vai falar daqui a pouquinho, mas pode falar. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Eu gostaria também de saber sobre o Centro-Dia para a pessoa com deficiência. Porque fala Centro-Dia para pessoa com deficiência, mas não deixa claro a idade, e muitas legislações falam de 18 a 59 anos. Só que quando deixa, fala Centro-Dia para pessoa com deficiência e não fecha nisso, a gente entende que pode atender crianças e

adolescentes também. Pode ou não pode atender criança e adolescente, Centro-Dia? **GABRIELLE, Sedese:** A unidade atende tanto pessoas com deficiência quanto pessoas, o Centro-Dia, também tem o Centro-Dia da pessoa idosa. Então ele atende ao público, não é? Quer falar? **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Mas eu quero entender se atende crianças e adolescentes, isso que eu quero saber. Porque deixa amplo “pessoa com deficiência”, e pessoa com deficiência, tem crianças e tem adolescentes. Mas nas normativas que eu já vi, deixa claro de 18 a 59 anos. **GABRIELLE, Sedese:** A gente vai abrir aqui, a gente não é da proteção social especial que gerencia o serviço, mas a gente abre aqui, eu acho que a tipificação tem essa orientação, e a gente tem o caderno de referência também para as unidades Centro-Dia. E aí a gente termina aqui de apresentar e já te retorna com essa dúvida. É porque eu pensei que você estava com dúvida no cofinanciamento. O que a gente aprovou aqui é só para pessoas com deficiência, não entram os Centros-Dias que atendem só idoso, então confundi aí sua dúvida, mas a gente já te responde. Pode passar, por favor? Porque aí eu, daqui a pouquinho eu já vou passar a fala para a Rose. Aqui a gente traz um esquema sobre os tipos de entidades que estão previstos lá na LOAS. Tem até, são três tipos, não é? As entidades de atendimento, assessoramento, defesa e garantia de direitos. Mas é muito comum, já tem até, sendo utilizada uma sigla, ADGD, que aí unifica essas entidades de assessoramento, defesa e garantia de direitos, muito porque elas foram regulamentadas pela mesma resolução do CNAS, que é a resolução 17/2011, 27, desculpa, de 2011, que traz a matriz da caracterização das ofertas das entidades de assessoramento, defesa e garantia de direitos. Quando a gente fala das de atendimento, também já mostrei ali até os dados das que ofertam os serviços tipificados, então quando são de atendimento, têm que seguir as normativas do SUAS, têm que seguir a tipificação nacional dos serviços socioassistenciais ou podem ofertar programas, projetos e ações complementares. E aqui a gente destacou os projetos que estão lá no artigo 2º, inciso 01, alínea C e B da LOAS, que são as ações de promoção e integração ao mundo trabalho, de habilitação e reabilitação. As duas também já são regulamentadas pelo CNAS, então promoção e integração ao mundo do trabalho é a resolução CNAS nº 33/2011, habilitação e reabilitação é a resolução CNAS nº 34/2011. Então isso para dizer que a gente tem normativas, tem parâmetros quando a entidade diz da oferta desses serviços, programas ou projetos. Pode passar. Aí aqui bem rapidamente, não é? O que está na LOAS como conceituação dessas entidades. As de atendimento prestam serviços, programas, projetos ou benefícios de proteção social básica ou especial às famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade, risco social e pessoal ou violação de direitos, então são as que ofertam ali majoritariamente os serviços tipificados pela resolução 109. As de assessoramento, elas lidam com projetos para fortalecer movimentos sociais, as organizações de usuário, formar e capacitar lideranças, e as de defesa e garantia de direitos executam projetos para defesa e efetivação de direitos socioassistenciais, construção de cidadania, enfrentamento das desigualdades, também para os usuários da política de assistência social. Pode passar. **LUDMILLA, CRESS-MG:** É melhor o microfone porque não sei se está sendo gravado. Só uma dúvida no ponto acima. Eu gostaria de um exemplo prático de uma entidade tipificada como defesa e garantia de direitos. Por quê? O quê que tem acontecido? Eu tenho observado, quando a gente

conversa com outros CMAS, que tem muitos municípios que qualquer entidade de atendimento eles estão tipificando como defesa e garantia de direitos. Pela falta de clareza do que seria, está colocando tudo dentro de defesa e garantia de direitos. Daí quando a gente pega os números, esses municípios têm pouquíssimos de atendimentos e têm uma quantidade enorme de defesa e garantia de direitos. E fica muito difícil. Como a definição é muito, e são muito similares, os municípios acabam achando mais fácil colocar tudo como defesa e garantia de direitos. **GABRIELLE, Sedese:** Ludmilla, não é? Excelente ponderação, isso está até no *slide* seguinte. A gente até teve notícias lá do, o Edgilson esteve com a gente, ele responde pela rede privada do Ministério, ele esteve com a gente ano passado e ele falou desse esforço que a União tem, porque é isso. Para nós, até para quem analisa, não é? Claro que para a entidade também, ela fica ali perdida em como compreender como que a oferta dela se enquadra nas normativas da política de assistência social. Para nós é muito claro porque a tipificação, ela deu esse, ela detalhou tudo ali, os materiais, o trabalho social é essencial ao serviço, qual que é a unidade pública de oferta, depois vem normativas para detalharem a NOBRH e as outras resoluções, qual que é a equipe de referência, o quê que aquele serviço tem de resultado esperado. Então para nós, as de atendimento é muito fácil de conseguir enquadrar ou não em uma oferta ou outra, mas realmente, as de assessoramento, defesa e garantia de direitos, a gente tem, é o que está aí no *slide*. A gente tem essa dificuldade, as ofertas não estão tipificadas. A resolução nº 27, ela fez um esforço, então tem um anexo, não sei se você conhece, tem um anexo que tem uma matriz ali que traz público-alvo, atividades realizadas, mas não é no nível de especificidade que a tipificação traz para a gente, e aí ela ajudou, avançou um pouco nisso, mas eu acho que é um grande gargalo. A gente precisa e pelo o que a gente entendeu, a União vem discutindo isso agora, de pensar como detalhar e tipificar melhor essas ofertas. Mas até então, a posição era que se a gente, a gente pode restringir o potencial inovador das ofertas. Quando a gente está falando de garantia de direitos, de pensar direitos de cidadania, de atuar com projetos ali para autonomia e protagonismo de usuário, é uma gama muito heterogênea, é um amplo campo de atuação que naquele momento, ali em 2011, a nota técnica do CNAS, até 2018 eles tinham uma posição de que a gente não deveria tipificar essas ofertas para não burocratizar, para não limitar. Porque aí a oferta, como é muito amplo, não é? “Garantir direitos dos usuários” vai depender das características do território, das famílias, das comunidades. Então assim, a gente precisa, nesses casos a gente oferta lá, a gente faz algumas parcerias com relação à emenda parlamentar. A gente só consegue dizer quando a gente vê o plano de trabalho, para a gente materializar. A gente sabe muito bem dizer o que é o SUAS e o que não é, então a gente precisa entender quais são as ofertas, qual que é a equipe, o quê que aquele plano de trabalho diz, qual que vai ser o projeto executado, para dizer se se enquadra ali nos parâmetros da resolução 27 ou não. Mas assim, para dizer que a gente não tem uma resposta para essa questão. Ainda está muito aberto o campo de atuação das ADGD, assessoramento e defesa e garantia de direitos. Pode passar. Acho que é isso, já estou finalizando, vou passar para a parte mais da Rose para falar do vínculo SUAS em si. Mas aí só para dizer de outro marco que a gente tem nessa relação com as entidades, não é? Em 2014, o marco regulatório das organizações da Sociedade Civil,

que veio em uma tentativa, uma iniciativa de desburocratizar essas relações, de tentar trazer mais isonomia com o chamamento público, enfim, várias regras para parceria, mudou ali os instrumentos de parceria, não são mais convênios, são os termos de colaboração, fomento ou apoio de cooperação. A gente não vai entrar especificamente nisso, mas para dizer que aí desde então a gente tem utilizado muito o termo “organizações da Sociedade Civil” para definir, para caracterizar as entidades que atuam na assistência social. Aí então os tipos de entidade consideradas organizações da Sociedade Civil pelo Mirosoque. Pode passar. E aí dizer que a, que é o que a Rose vai tratar agora, que é o vínculo SUAS, ele é o grande requisito para parcerias entre o órgão público e as entidades de assistência social. Então para que, para receber recurso público é preciso comprovar que existe um vínculo com a política pública, para execução. Então a Mirosoque ela avançou em muitas questões, ela reconheceu que as políticas de educação, assistência e saúde, elas têm especificidades, elas já tinham regras de reconhecimento, de credenciamento das entidades. Então isso está posto lá, não é? Que as parcerias têm que ser de acordo com a legislação mirosque mas têm que respeitar as normativas da própria política pública. E no caso da política de assistência, a gente tem a resolução CNAS 21/2016 que, isso já está na LOAS também, não é? Que o vínculo SUAS é ter a inscrição no Conselho e registro no CNEAS, mas a resolução 21 vem expressamente dizer isso, não é? O requisito do SUAS para celebração de parcerias é esse. Então a gente, o CEBAS não pode ser um requisito, ele é não-obrigatório. Ele é importante, mas não obrigatório. A entidade, para receber recurso público, ela não tem que ter nenhum título de utilidade pública, nenhum outro credenciamento que possa existir ali no território, nenhum outro critério. Esses podem ser critérios até de desempate, mas não podem ser critérios obrigatórios para uma OSC conseguir ofertar um serviço público a partir de parcerias. Aí agora a gente já vai entrar no vínculo SUAS e nos parâmetros de atuação. **ROSILENE, Sedese:** Então bom dia, pessoal. Meu nome é Rosilene, Rosi, podem me chamar de Rosi. Estou como diretora de gestão e regulação do SUAS, da SEDESE. Assumimos essa pauta das entidades, essa competência em relação às entidades. A SEDESE, ela tinha uma diretoria específica que na época fazia os registros de entidades de assistência social, não sei se vocês lembram, algumas pessoas lembram disso, que essas entidades eram certificadas pela SEDESE. E depois assim, do marco regulatório e a questão do vínculo SUAS, essa diretoria, ela foi extinta e a gente recebeu essa competência de trabalhar com as entidades e com esse processo aí do vínculo SUAS. E aí eu vou dizer um pouquinho como que se dá esse vínculo, como que ele é, como que é feito esse processo nos municípios é que a gente tem acompanhado bastante e orientado, prestado apoio técnico aos municípios nesse processo aí de vinculação das entidades ao SUAS. Então a Gabi já disse quem são essas entidades, não é? E quais são os parâmetros normativos. Então como a, é a Amanda? Ludmilla. Essa questão das entidades de atendimento, elas são muito mais, é muito mais objetivo, não é? Muito mais claro porque se a entidade executa serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, ela é de atendimento. Se ela executa acolhimento institucional, ela é de acolhimento. Se ela executa, por exemplo, uma ação complementar que é de habilitação e reabilitação ou de inserção no mundo do trabalho, ela também é de atendimento porque ela atende àquelas pessoas, então isso está claro

para a gente. Mas quando fala das entidades de assessoramento e defesa e garantia de direitos, o assessoramento, ele é mais fácil de a gente identificar, não é? O assessoramento é bem mais fácil de identificar porque o assessoramento, ele tem sempre ali ações de capacitações, tem ações de capacitações para o movimento social e lideranças. Mas quando você fala da defesa e garantia de direitos, então assim, tanto direito que a gente tem, não é, Marcelo? Então aí o pessoal acha que tudo é defesa de garantia de direitos e a gente está falando aqui da garantia de direitos socioassistenciais. Então a gente precisa de, é claro que fazer essa análise, eu acho que essa análise, ela é de responsabilidade do Conselho Municipal. Então eu acho que é muito importante a gestão trabalhar junto com o Conselho porque às vezes o Conselho, ele vai e inscreve a entidade de uma forma e quando chega lá no gestor, é outra coisa, não é? E é por isso que a gente estava assim, com tantos cadastros pendentes no CNEAS, como a Gabi já falou hoje. Nós temos uma média maior do que a média nacional, mas em 2022 a gente tinha muito cadastro pendente. E hoje a gente já tem superado, não é? Eu trouxe até a equipe da DGSUAS que é a Fátima, a Dayse e o Felipe, que a gente está trabalhando intensamente nessa, junto com as entidades, com os conselhos municipais e com os órgãos gestores para a gente qualificar esses cadastros e fazer essas orientações às entidades. Então alguns parâmetros na hora de fazer essa inscrição, é importante a gente observar. Por exemplo, atuação de acordo com a tipificação, e aí a gente, todo mundo já conhece qual que é o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos. Porém, é realmente a execução do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos? Porque assim, é de tudo, quando a gente vê lá no CNEAS, é muita entidade que executa serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, mas ela realmente executa o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos? Então o quê que a gente tem que observar? Ela, por exemplo, é um serviço de caráter continuado, permanente? É um serviço planejado? As ofertas são asseguradas e prestadas nessa perspectiva da autonomia, dos direitos dos usuários? A gratuidade, ela é garantida na oferta desse serviço? Além disso, pode passar, por favor. Além disso, ainda tem uma questão da referência e contrarreferência, então a entidade, ela não pode trabalhar isoladamente. A partir do momento em que a entidade, ela é vinculada ao SUAS, ou seja, ela faz parte de uma rede socioassistencial, então ela precisa de ter esse fluxo estabelecido com as unidades públicas estatais, não é? Então assim, a gente sabe que, por exemplo, no CRAS o principal serviço é o trabalho social com famílias, não é? Então o serviço de convivência, ele é um serviço complementar. Então essas ações, elas executam ações. Essas entidades, elas precisam de estar conversando com as unidades públicas, elas precisam de ter essa referência, estabelecer fluxos. Então isso tudo tem que ser identificado na hora do Conselho fazer a inscrição e verificar em qual, qual que é a característica da entidade. E além do mais, prover informações, não é? Então assim, o órgão gestor, ele tem que estar sempre articulado com essas entidades, conhecer, saber qual o serviço que elas executam e possuir profissionais contratados e responsáveis para a execução dos serviços, programas e projetos. Porque o que a gente mais vê no CNEAS é lá, a entidade, qual que é a oferta? Serviços de convivência e fortalecimento de vínculos. Quando a gente vai lá no RH, tem um voluntário ou dois voluntários. Então assim, essa equipe, ela precisa estar de acordo com as normativas do SUAS, não é? Não

tem como eu executar serviço ou eu executar um programa de assessoramento, ou mesmo que seja um projeto de defesa de garantia de direitos, se eu tenho um voluntário na equipe, não é? Então assim, se eu não tenho equipe nenhuma. Então eu acho que a gente vai falar um pouco mais na frente sobre essa questão desses dados do CNEAS. Pode passar, por favor. Então é isso, assim. A obtenção do vínculo SUAS é, o quê que é o vínculo SUAS? É o reconhecimento de que essas entidades e essas organizações, elas integram a rede socioassistencial. Então essas entidades, elas têm que passar por esses níveis de reconhecimento, que a gente fala que o primeiro nível é a inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social. Então a resolução 14, ela fala que essa inscrição é a autorização para que a entidade funcione naquele território, independente dela receber recursos do estado, recursos do município ou não. Ela precisa estar inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social, então ela não tem, para funcionar e executar ações de assistência social, ela precisa de estar inscrita no Conselho Municipal que é a porta de entrada das entidades no SUAS, como Gabi disse. E o segundo nível de reconhecimento que é obrigatório para a obtenção do vínculo SUAS é a inserção no CNEAS, nesse Cadastro Nacional de Assistência Social. E a terceira etapa, que a Gabi já falou aqui, e que não é obrigatória, que é o certificado de entidades beneficentes de assistência social. Pode passar, por favor. Então segundo o artigo 9º da LOAS, o funcionamento das organizações, ele depende dessa prévia inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social, como eu já disse, e essa competência tem como finalidade averiguação do desempenho das entidades nas ofertas socioassistenciais com as normativas do SUAS. A inscrição no Conselho, como já disse também, é autorização para que essas organizações possam atuar dentro da política de assistência social. Pode passar, por favor. Então é isso. O Conselho Municipal, a entidade, ela vai solicitar essa inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social e o Conselho Municipal, ele vai fazer uma análise de toda a documentação que foi entregue. Então a resolução 14/2014, ela traz esses procedimentos, essa diretriz desse processo aí de inscrição das entidades no Conselho Municipal de Assistência Social. E o Conselho, além de verificar se a entidade é de atendimento, assessoramento ou defesa de garantia de direitos, se a entidade, qual serviço que ela executa, qual que é a oferta da entidade, ele pode conceder três tipos de inscrição. Então quais são esses tipos de inscrição? Primeiro, o Conselho precisa identificar se a entidade, ela é exclusiva ou preponderante em assistência social. Então se a entidade, ela é exclusiva ou preponderante em assistência social, ela vai ser inscrita como entidade e organização de assistência social. Tem também a inscrição, por exemplo, de entidades que têm a sede fora do município, mas ela realiza ações naquele município, então ela vai ser inscrita como oferta de entidade de assistência social que não tem sede naquele município. E tem também as ofertas de entidades não preponderantes em assistência social, ou seja, uma entidade que ela tem, a preponderância dela é em saúde ou a entidade que tem a preponderância em educação, ela pode sim desenvolver um serviço, executar um serviço de assistência, desenvolver algum programa ou algum projeto de assistência social e então ela vai inscrever a oferta daquele serviço no Conselho Municipal de Assistência Social. E isso é muito importante, quando a gente fala dessa relação do órgão gestor com o Conselho nesse processo de inscrição, porque depois disso vai para o CNEAS e o CNEAS, ele tem que

estar de acordo com o que está no Conselho Municipal de Assistência Social. Então a gente tem trabalhado muito e orientado muito os conselhos e os órgãos gestores para que seja, esse processo, ele seja articulado, não é? Para que não tenha nenhuma divergência na forma que está inscrito no Conselho e também como essa entidade foi inserida no CNEAS. Porque a gente tem tido problema com isso, viu, gente? A gente está lá no dia a dia, vou deixar você falar, mas assim, por exemplo, a gente tem questões que a entidade recebeu emenda parlamentar do Governo Federal e que quando isso chegou no município, a inscrição do Conselho estava cancelada. E ela estava lá no CNEAS, ofertando serviço e a inscrição estava cancelada. Então assim, foi um problema enorme. Então assim, a gente teve que entrar, de atuar, de fazer reuniões, então eu acho que sim, isso é muito importante e a gente tem colocado muito isso para os conselhos principalmente e para os órgãos gestores municipais. Pode falar.

**Alexandre, SEAPA:** A minha dúvida é a seguinte. Quando a entidade é determinada, presta assistência social, tem alguma aprovação. Vamos supor que essa entidade (ininteligível) recebe recurso, mas na verdade não presta assistência social. Qual é a punição para essa entidade e como é feita essa fiscalização? Porque se dá uma entidade, essa entidade não presta, mas alguém deu o aval falando que presta. Então a minha, são duas perguntas. Qual é a punição para a entidade e a punição para quem deu esse aval, e como é feito isso.

**ROSILENE, Sedese:** Então. Isso, assim, a responsabilidade de fazer essa fiscalização dos serviços, inclusive de toda a rede, é do Conselho Municipal de Assistência Social, não é? E o órgão gestor também, não tirando a responsabilidade dele de fazer esse monitoramento e esse acompanhamento. Nas parcerias, quando você fala de receber recurso, hoje, para a entidade celebrar parcerias para o Estado, o Estado que eu digo, estado, município, União, celebrar parcerias no âmbito do SUAS para repasse de recurso, porque o recurso só pode ser repassado para a entidade mediante um termo de parceria, celebração do termo de parceria, ele tem que ter a inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social. Agora, se ele recebeu o recurso e ele está inscrito, se a entidade recebeu o recurso e ela está inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social, ela está inserida no CNEAS, que são critérios para o recebimento do recurso, aí a competência do Conselho de fiscalizar, de verificar se a entidade realmente está com tudo, não é? Porque assim, o Conselho, ele precisa de fazer essa fiscalização da rede. Não só das entidades, como do CRAS, como do CREAS, Centro-Dias, Centro Pop. Então o Conselho, ele precisa de fiscalizar. O Conselho Municipal, ele tem esse papel de fazer essa fiscalização. Aí eles vão discutir qual que seria essa punição. Por exemplo, pode acontecer dele não ter então. Se a entidade não existe, ela pode ter executado o serviço de forma, executado o termo de fomento de colaboração de forma errada, então na hora de prestar conta para o público, ela vai ter que devolver o dinheiro porque aí vai ser identificado ao erário, aí ele vai ter que devolver o dinheiro, não é? O Conselho Municipal fiscalizou, verificou também que a entidade não está de acordo, que ela está executando de forma errada e que ela não está fazendo aquilo que é previsto de acordo com as normativas dos SUAS, ele precisa de cancelar essa inscrição ou de notificar a entidade para que ela faça uma readequação. Então assim, isso depende do caso, depende da situação. Então você tem que verificar qual que, de forma que ela recebeu esse recurso, se foi por meio de parceria, porque parceria, todo recurso público que você

recebe, você tem que prestar conta. E na hora de você prestar conta, você tem que prestar conta de acordo com o que foi celebrado, de acordo com o que foi firmado ali no instrumento legal para celebrar parceria para o repasse de recurso. **MARCELO, OAB-MG:** Rose, eu trabalho na procuradoria do município e a todo instante a gente trabalha com termos de fomento, termos de colaboração, mas especificamente no trato das inscrições com vínculo SUAS, o Conselho Municipal e o Conselho Estadual também, nós temos que trabalhar em cima daqueles recursos que estão no Fundo Municipal de Assistência Social, não é isso? Porque a gente percebe que muitas entidades que mesmo estando cadastradas com inscrição nos conselhos municipais, os projetos que elas apresentam para o poder público não têm qualquer vinculação com nenhuma tipificação e nada que diz respeito à política de assistência social. Esse é um ponto. O outro ponto são as chamadas emendas impositivas que é o festival hoje da lei 13.019. A gente pode perceber que aquilo que se pensava na lei 13.019 lá no início e toda a sua construção, e a motivação para que tivesse a existência dessa lei, as emendas impositivas vieram para descaracterizar todo esse processo, não é? São emendas destinadas a qualquer entidade para fazer qualquer coisa, não é? E aí utilizando os parâmetros da lei 13.019. Bom, o que a gente tem em âmbito municipal, especificamente no meu município, em que pese, mesmo que o recurso seja de emenda impositiva, não havendo as demais caracterizações da lei, os requisitos da lei, a sua não vinculação ao SUAS, nós temos emitido pareceres no sentido de impossibilitar, de impedir o seguimento dessas medidas de emendas impositivas. **ROSILENE, Sedese:** É, mas assim, é exatamente isso, não é? O critério para celebração é o vínculo com o SUAS, então se a entidade, ela não tem esse vínculo, por isso que é importante. Por isso é tão importante a gente capacitar esses conselhos municipais, que é o que a gente está fazendo. Então assim, a gente tem trabalhado muito, feito muito, a gente está com um projeto que chama “Projeto Portas Abertas”, na nossa superintendência, que a gente está trabalhando e assim, a demanda em relação à inscrição de entidades no Conselho, a gente tem feito reuniões com conselhos municipais, não é, Felipe? O Felipe está muito à frente disso. Então assim, a gente faz atendimento ao gestor, à secretaria executiva e eles chamam os conselheiros. Outro dia a gente atendeu ainda em reunião plenária, a gente atendeu para falar sobre a questão desse processo de inscrição de entidades. Porque assim, é tão importante isso, Marcelo, porque é isso que eu estou dizendo. Porque quando a gente tem um cadastro fidedigno, verdadeiro, é muito mais fácil porque é critério o vínculo com o SUAS. Os recursos das emendas, os recursos para celebrar parcerias estão dentro do Fundo Municipal de Assistência Social. Então se é dentro do Fundo Municipal de Assistência Social, tem que seguir as normativas do SUAS, não é? Tem que seguir o que está posto e se é a inscrição no Conselho e o CNEAS, a entidade vai estar lá. Só que muitas vezes é isso, ele recebe porque às vezes a emenda é impositiva, o deputado, ele fala: “Olha, a entidade x vai receber esse recurso para executar isso”. A gente às vezes olha lá e ele está no CNEAS, só que quando a gente vai olhar o plano de trabalho, não tem nada a ver com assistência. Nada a ver com assistência social. E isso tem sido muito complicado. Então assim, a gente tem feito, a gente tem trabalhado, a Marcela está ali, Gabi. A gente tem trabalhado muito nessa questão de fazer parecer bem fundamentado mesmo, sabe? Para a gente conseguir ou

negar ou tentar que a entidade se adeque. **MARCELO, OAB-MG:** Você deixa eu só completar, por favor? Rose, é justamente isso. Eu tenho oportunidade de conversar com outros municípios sobre a lei 13.019 e o que a gente percebe é que os conselhos municipais não estão preparados para poder analisar esses tipos de demandas. Porque se pelo simples fato, o gestor, porque acontece isso em município, não é, gente? O quê que acontece? Chega uma emenda impositiva, o gestor vê: “Ah, essa entidade aqui tem muito a ver com assistência social” e aí eles jogam para a Secretaria de Assistência Social. A Secretaria de Assistência Social, ao verificar que é uma entidade que está lá no CNEAS, aí ela vai e encaminha para o CMAS, para o CMAS se posicionar. E muitos CMAS não têm essa compreensão, e aí os CMAS, eles estão dando um parecer favorável e tal. E eu acho que é um papel muito importante não só do CEAS, mas também como da SEDESE, de dar essa orientação ao CMAS. **GABRIELLE, Sedese:** Eu acho que assim, é isso. O que eu ia complementar é nesse sentido também, para a gente, porque são casos e casos, não é, gente? E não é uma coisa. Para nós, a gente avançou muito, então quando eu disse, pelo plano de trabalho, e a gente tem entidade que quando a gente explica: “Olha, para se ofertar o serviço de convivência, o parâmetro é esse, a equipe”. **GABRIELLE, Sedese:** A gente tem que entender também, não é? O ônus do não fica ali com o CMAS, a gente também tem que entender esse outro lado e empoderar da informação, enfim, talvez assim, pensar, de repente CEAS e SEDESE, resoluções, mais orientações técnicas, ir ao território, para o CMAS ter mais segurança naquela resposta ali porque a gente também tem muita inconsistência, não é? Às vezes está com uma oferta inscrita no CMAS, está no CNEAS com outra. Então assim, órgão gestor e Conselho não conversaram, não têm uma integração ali naquele momento? A gente tem também, por exemplo, Rose vai falar da questão das comunidades terapêuticas. Não é que a gente está dizendo que: “Ah, os serviços que você, você não faz política social nenhuma, você não traz nenhum benefício para o usuário”, não é isso. O que a gente está dizendo é: “A sua oferta não se enquadra nas normativas da política de assistência social.”. Você pode ofertar outras políticas públicas, tem direitos humanos, tem outras políticas públicas articuladas, tem muita oferta que é da Educação, da Saúde. Então eu acho que essa comunicação também, não é? Porque fica parecendo que a gente está, o “não” ali é para a entidade não receber recurso público. Não é isso. O que a gente está dizendo é, a nossa expertise é dizer do SUAS, do que a política pública do SUAS oferta. E aí só para aproveitar para responder a Laís, a questão dos Centros-Dia. O Centro-Dia para pessoa com deficiência, nas orientações técnicas, é para jovens e adultos com deficiência, então 18 a 59 anos mesmo. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** É porque eu fico meio perdida porque na tipificação não tem idade. Não fala nem mais do Centro-Dia, fala do serviço. Aí por isso que eu fico meio perdida. Mas eu também gostaria de fazer uma pergunta, só que eu esqueci. **ROSILENE, Sedese:** Então, essa questão também, Marcelo, você sabe o quê que é importante? Por exemplo, quando você fala de parcerias, a gente sabe que é um leque grande de entidades. O CNAS, por exemplo, o Ministério, o Governo Federal, ele tem uma resolução que é a 580/2020, portaria 580/2020, que trata dessas emendas parlamentares, não é? Que é até um programa, tem um sistema de transferências voluntárias e dentro desse programa tem uma ação que é de emendas parlamentares. O

quê que o Ministério fez? Ele limitou as parcerias no âmbito federal para assistência social em serviço. Então para a entidade receber recurso para parceria do Governo Federal, ele tem que ter a oferta, a oferta no CNEAS é serviço. Se não for serviço tipificado, se não for, por exemplo, serviço de convivência, acolhimento institucional, serviço a pessoas com deficiência e suas famílias, então o Ministério não faz porque é muito mais fácil, como a Ludmila disse, é muito mais fácil ele saber: “Olha, essa entidade, realmente ela executa serviço tipificado, de acordo com a tipificação e de acordo com os parâmetros normativos”. Porque quando a gente analisa um plano de uma entidade de assessoramento, por exemplo, abre muito leque, não é? Então assim, assessoramento nem tanto. Mas quando é de defesa de garantia de direitos, eles abrem muito o leque. Então às vezes ele acha, a entidade, ela acha que assim, ela ir ali e fazer uma sopa uma vez por mês, ela está fazendo um programa social bacana. Isso não é, é um serviço relevante para a sociedade, para a população, para o usuário, mas não está dentro dos nossos parâmetros. E a entidade, ela pode fazer parceria com outras políticas públicas, não existe só a assistência social. Então assim, às vezes eu falo: “Gente”. A questão, por exemplo, lá das APACS, por exemplo, não é? Que uma vez teve uma confusão, uma luta também para tirar as APACS do CNEAS na época. É um serviço importante? É. É um serviço caro para a sociedade? Claro que é. Mas a parceria tem que ser com a segurança pública, não é com a assistência social. Não é porque é um projeto social ou que é um programa social, que tem social no nome, que tem que confundir com a política de assistência social. Então assim, isso é muito importante. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Rose, eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre o projeto, é projeto, não é? Portas Abertas. Porque nos municípios pequenos, como o Conselho não está estruturado como as legislações preveem, há uma briga muito grande entre a gestão e o Conselho, principalmente para aprovar inscrição de entidades. Então eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre esse Portas Abertas. **ROSILENE, Sedese:** Tá. O Portas Abertas, ele é um programa da superintendência de gestão do SUAS, vigilância e educação permanente, então envolve as três diretorias, que é a Diretoria de Gestão que eu respondo, a de vigilância que é do João Paulo e a DADEP, a Diretoria de Educação Permanente. E a gente atende, então assim, a gente abre as portas da SEDESE toda terça-feira para os municípios, para um atendimento mais individualizado. Ou seja, a Divison, a diretoria que o João Paulo responde por ela, criou um formulário. Nesse formulário, ela tem vários temas, a gente pode depois compartilhar no grupo com vocês. Ele tem vários temas das 3 diretorias de gestão, porque a gente trabalha na gestão, a área mais meio assim, e o município, ele pega esse formulário para fazer inscrição e ele marca qual que é o tema que ele tem mais dúvidas, que ele precisa de um apoio técnico, um atendimento mais especializado. E aí ele marca e a gente faz a agenda. Quem acompanha a agenda é a Divison, a Diretoria de Vigilância. Ele acompanha, então assim, a gente tem atendido às vezes 3, 4 municípios de manhã e mais 3, 4 à tarde, a gente divide a equipe, não é? Às vezes o atendimento é para a Divison, para o DGSUAS e para a DEP, é para as 3 diretorias juntas porque eles têm dúvidas das 3 diretorias. E tem sido um sucesso, não é? Assim, eu acho que a gente tem, às vezes fica com o município a manhã toda, às vezes outros é mais rápido. A gente estava fazendo muito atendimento presencial também dentro do Portas Abertas. Agora por causa da questão

dos elevadores, a gente deu uma parada nos presenciais. E essa demanda das entidades, da inscrição em conselho, de CNEAS, do vínculo SUAS, ela tem aparecido muito para a DGSUAS, essa demanda, está bom? Bom, então seguindo aqui, mas a gente vai compartilhar aí. Seguindo. **CARLA, UNAPIR:** Eu tive uma dúvida aqui, já até passou lá porque foram feitos os assuntos, é em relação à questão da inscrição do CMAS que você colocou. A entidade que tem sede em um município e ela presta serviço também, o serviço em outro município, se ela tem obrigatoriedade de ter o administrativo também nesse município ou isso depende da resolução do Conselho. **ROSILENE, Sedese:** Isso depende da ação que ela vai executar, não é? Porque assim, quando a entidade, ela está em um município, vamos supor, ela está em Belo Horizonte e aí ela vai executar um serviço lá em Contagem. Alguma ação, por exemplo, de desenvolver um projeto de assessoramento ou de defesa de garantia de direitos. Ela tem que fazer a inscrição no Conselho de Contagem, mas ela já está inscrita em Belo Horizonte, então ela vai apresentar em Contagem só o plano de ação, o quê que ela vai desenvolver, e a inscrição que ela tem aqui em Belo Horizonte. Então ela vai inscrever só a oferta lá, o que ela está executando lá. Exatamente. A oferta. **CARLA, UNAPIR:** Nesse caso, só a oferta? E quando ela é contemplada com a emenda parlamentar tipificada pelo SUAS? **ROSILENE, Sedese:** A mesma coisa. **CARLA, UNAPIR:** E o município, ele que recebe o recurso, certo? E aplicação desse, tem que ser direta pelo município? A execução financeira? **ROSILENE, Sedesw:** Depende. Porque assim, quando você recebe, se for para equipamento, por exemplo, se for do Governo Federal, o município, ele tem que fazer aquisição e fazer a cessão para a entidade. Então isso vai depender muito do que está posto no plano de trabalho. Se eu entendi, é isso. Assim, o recurso vai para o fundo de assistência, municipal de assistência social, e o município, ele vai fazer a parceria com a entidade para execução do recurso. Quando é pela resolução 580, pelo o que eu me lembre assim, o município, ele tem que fazer aquisição desses bens e repassar para a entidade. **CARLA, UNAPIR:** Ele não pode. **ROSILENE, Sedesw:** Repassar o dinheiro. **CARLA, UNAPIR:** Tem um caso lá que é do serviço de convivência, que é emenda parlamentar. Então ele tem que ser, é um município, como que o município vai, quem executa lá na ponta é a entidade. O recurso cai no fundo, então ele não pode fazer como o Marcelo falou, um termo? **ROSILENE, Sedesw:** Não, claro. Para repassar tem que fazer o termo de fomento. **CARLA, UNAPIR:** Mas e o financeiro? Tem que ser executado direto pelo município? **ROSILENE, Sedese:** Não. Mas quando você faz um termo de fomento, o termo de colaboração, você tem um plano de trabalho, tem todo um monitoramento, tem prestação de contas. Você vai passar o recurso e depois a entidade vai prestar conta de acordo lá com os termos que você e o município elaborarem. Isso aí é questão jurídica do município junto com a equipe técnica. **CARLA, UNAPIR:** É porque eu tenho municípios que estão colocando para as entidades que não pode passar o financeiro, que o município que tem que executar. É, tem que executar o financeiro. **ROSILENE, Sedese:** Mas isso é muito específico. A gente pode até conversar sobre isso depois, assim, isso é muito específico porque tem casos e casos. Tem que ver qual que é a origem do recurso, se ele é de custeio, se ele é de investimento, não é? Tem que verificar qual a forma, se é recurso de emenda parlamentar impositiva, se é do Governo Federal ou se é do Governo do Estado, se é do

município. Então isso a gente vai ter que conversar e ver o caso separadamente. **CARLA, UNAPIR:** Rose, isso aí, no caso dos municípios que eu acompanho, é uma dúvida bem eminente, sabe? Eu até sugeriria um material próprio para os municípios em relação a isso. De orientações. **ROSILENE, Sedese:** Inclusive depois eu vou até colocar aqui, inclusive depois a gente vai até colocar aqui, a gente uma capacitação também para ser realizada mês que vem e a gente vai falar muito sobre parceria, tá? Então depois a gente vai até mandar isso, vou colocar isso aqui também. E aí vai ter a capacitação.. **CARLA, UNAPIR:** Justamente por isso. Se é emenda especial, se não é, para o quê que é, então isso aí. E eu estou compreendendo que tem muitas organizações sociais que estão ficando prejudicadas em relação a isso por questões políticas, não é? **ROSILENE, Sedese:** É. **CARLA, UNAPIR:** E aí é importante mesmo que tenha diretamente essas adequações. **ROSILENE, Sedese:** É, não, e a parceria também, tem uma coisa, viu, Carla? A parceria também, quando o recurso é no fundo e que não é impositivo, isso depende de pactuação de critério, não é? Então assim, depende de uma pactuação no Conselho Municipal de critérios de partilha. Se ela é impositiva, ela é impositiva. Se ela não é impositiva, tem essa liberdade de ter esse critério, então de definir as regras de acordo com as prioridades do município primeiro. **CARLA, UNAPIR:** Como está acontecendo com essa emenda especial que a gente tem recebido muito por lá. **ROSILENE, Sedese:** É isso mesmo. Mas a gente pode conversar sobre isso depois e assim, a gente está programando algumas ações específicas em relação a essa questão mesmo de parcerias, está bom? Bom, continuando aqui, na inscrição no Conselho Municipal, para requerer a inscrição a entidade, ela deve comprovar essa constituição, não é? De acordo com a LOAS, privada e sem fins lucrativos. Executar, como já disse, ações de caráter continuado, planejado e permanente, a gratuidade, atuar no território e deve ser apresentado os documentos comprobatórios para análise conforme a resolução 14/2014. Os requisitos que devem ser observados quando apresentados documentos, que a gente está falando sempre da análise, não é? Que a gente acha que os conselhos precisam se preparar melhor para fazer essa análise, então deve de observar aí qual é a finalidade, a estatutária da entidade, os objetivos, a origem dos recursos, a infraestrutura. Infraestrutura é importante, então assim, para identificar se ela está de acordo com as normativas também. A identificação de cada serviço, não é? Informando qual que é o público-alvo, capacidade de atendimento, os recursos financeiros a serem utilizados, recursos humanos envolvidos, equipe técnica, abrangência e também essa demonstração que a entidade vai fomentar essa participação dos usuários nas estratégias, não é? Para ali o fortalecimento do serviço, para avaliação, monitoramento e avaliação dos serviços que são executados. Pode passar. Então o passo a passo é esse. A entidade, o Conselho vai receber a documentação da entidade, vai fazer análise, a conferência de acordo com as normativas do SUAS, visita técnica à entidade. Então assim, a resolução 14, ela fala quando houver necessidade e a gente orienta que a visita técnica, ela é de suma importância para o Conselho conhecer inclusive a estrutura física, não é? Se ela tem acessibilidade, se ela está de acordo para aquele público que vai ser atendido, de conhecer o público, conhecer a equipe. Então é importante essa visita técnica, a elaboração do parecer pela comissão. Então a gente sempre, a gente sabe que os municípios de Minas Gerais, mais de 600 são pequeno

porte I e os conselhos também são pequenos, não é? Então a composição do Conselho é muito pequenininha. Mas é importante que tenha ali uma comissão, que seja de 2, 3 pessoas, uma do poder público, uma da sociedade civil, que faça essa análise, não é? Que se empodere disso. Que busque conhecimento sobre isso e que faça essa análise técnica, que faz essa visita, que faz análise do documento. E depois essa análise, esse parecer vai para plenário e faz a deliberação, e essa deliberação por meio de resolução. Porque às vezes também o Conselho, ele não tem esse, o que a gente tem observado nas conversas que a gente tem, eles não têm esse hábito, não é? De fazer esse processo, de levar a decisão para a plenária, fazer inscrição. Então é tudo muito feito assim, a torta de caixa chega lá, é uma coisa mais política. Então assim, tem que ter esse processo porque a inscrição é do Conselho, então tem que ser deliberada no plenário do Conselho, não é? E aí publica essa decisão do plenário por meio de resolução, comunica ao órgão gestor, comunica essa decisão à entidade e também encaminha para o órgão gestor para que o órgão gestor possa proceder ali o registro da entidade no CNEAS, então esse é o passo a passo. Pode passar, por favor. Deixa eu ver se está lá embaixo. Mas assim, é importante, é muito importante que o Conselho Municipal de Assistência Social, ele faça essa regulamentação desse processo porque assim, ele precisa de definir: “Olha, a entidade tem tanto tempo para entregar o documento, o Conselho tem tanto, o prazo x para poder fazer análise. A visita técnica vai ser realizada tal, com tantos dias”. Então ele precisa ter esse passo a passo, ele precisa de ter esse documento que traz os critérios específicos para essa inscrição no Conselho Municipal. Então ele precisa de definir isso em resolução. E inclusive no nosso PEAS, não é, Gabi? Tem uma proposta, tem uma ação que seria elaborar uma resolução juntamente com o Conselho Estadual, com o Conselho Estadual de Assistência Social, para definir esses parâmetros para a gente conseguir orientar aos conselhos. Então eu acho que essa resolução, ela seria um documento assim, que a gente poderia até talvez pensar em um documento orientativo e fazer como anexo, e isso está no nosso PEAS e eu acho que para 2025, não é? Mas eu acho que esse documento é muito importante porque é um documento que sairia do CEAS em conjunto com a SEDESE para que os conselhos consigam se organizar para essa inscrição das entidades. Não só a inscrição, mas assim, eu acho que a inscrição é um primeiro passo, não é? Mas a partir da inscrição, tem todo o monitoramento dos serviços que são executados, a fiscalização desses serviços, então é um acompanhamento mesmo dessas entidades dentro do território porque isso é muito importante. E não é só com o olhar de fiscalizar que eu estou dizendo, de falar: “Olha, você é de assistência e você não”, é com o olhar de apoiar mesmo, de reordenar os serviços, de apoiar nessa execução, de estar presente ali para ver o quê que está acontecendo. Então isso é muito importante, não é? Porque as entidades são prioridades, é um número enorme na rede socioassistencial, então elas precisam desse acolhimento dentro da rede socioassistencial. Depois, a inscrição no Conselho, ela é por tempo indeterminado, então não existe: “Ah, a inscrição é válida por 1 ano ou vale por 2 anos” não. Ela é, a inscrição, ela é por tempo indeterminado, porém a entidade, anualmente ela tem que levar para o Conselho, ela tem que manter essa inscrição. E qual que é a forma dela manter? É, aí todo ano, para ela manter a inscrição no Conselho Municipal, ela precisa de entregar o plano de ação do corrente ano e o relatório de atividades do ano

interior, comprovando que o plano de ação do ano anterior foi executado. Então o Conselho precisa de analisar esses documentos, verificar se o plano de ação para esse ano está de acordo com as normativas, se está tudo certinho. Se estiver tudo certinho, a inscrição é mantida. Se não estiver tudo certinho, ele vai pedir uma readequação à entidade. Se não houver essa adequação, essa inscrição vai ser cancelada. E aí se ela for cancelada, tem que fazer essa comunicação tanto à entidade. Mas para isso tudo, gente, é isso, precisa de ter essa regulamentação, não é? E tem que ter esse prazo: “Olha, a entidade não entregou o documento até 30 de abril porque a resolução 14, ela fala que esse documento tem que ser entregue até 30 de abril”. Se ela não entregou, qual que vai ser o procedimento do Conselho? Vai notificar? Vai esperar quanto tempo após a notificação? Se ela continua, não entregou, qual o prazo que eu vou ter para fazer esse cancelamento? Então assim, eu acho que isso tudo tem que estar regulamentado porque se deu 30 de abril, a entidade não entregou, ele não pode ir lá também simplesmente e falar: “Não, vou cancelar”. Mas ele tendo esse instrumento legal que fala desse processo, ele vai fazer as coisas, vai cancelar a inscrição, vai notificar e vai fazer o cancelamento com mais segurança quando houver essa necessidade. Pode passar, por favor. E aí, então sobre o Conselho Municipal, era isso, esse processo de inscrição no Conselho Municipal. Então assim, lembrando que a gente precisa mesmo de qualificar esses conselheiros para fazer esse processo de forma que estejam inscritas no Conselho realmente as entidades de assistência social e as ofertas de assistência social. E a segunda etapa, que é o segundo nível de reconhecimento obrigatório, é o CNEAS, não é? Que é o Cadastro Nacional de Entidades. Esse cadastro, ele é um cadastro que a gestão, quem está não gestão. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Rose. **ROSILENE, Sedes:** Oi. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Licença. É só porque senão eu vou esquecer. É porque eu gostaria de entender melhor sobre essa inscrição e do prazo, porque não pode ser cancelado quando a entidade não cumpre o prazo. Você podia me explicar isso melhor? **ROSILENE, Sedese:** Não, eu disse que tem que entregar a documentação, pela resolução 14, até 30 de abril. Se o município, se a entidade não entregar esses documentos, o Conselho, ele tem que ter previsto o quê que ele vai fazer. Se ele vai ter um tempo maior para entregar, para notificar a entidade e deixar mais um prazo para ela entregar, ou se dentro de 30 dias, se ela não entregar, ele vai fazer o cancelamento. Então o que eu estou dizendo é o seguinte, isso está na resolução 14. Até 30 de abril, todo ano, a entidade tem que entregar esses documentos para manter a inscrição. Agora, se ela não entregar, o quê que o Conselho vai fazer? Ele precisa de regulamentar, certo? Sim, junto com a comissão, exatamente. Então CNEAS, ele é gerenciado pelo Governo Federal. Quem faz o preenchimento desse cadastro é o órgão gestor municipal de assistência social, que tem a senha lá para entrar para fazer esse registro da entidade. Então para ele iniciar esse registro, a entidade, ela tem que estar inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social. Esse cadastro, pode passar, por favor. Ele tem várias sessões, então assim, aliás, tem 3 seções na verdade, não é? Essas seções, ele precisa de estar com o *status* concluído para ele possuir o vínculo SUAS, ou seja, ah, a entidade foi indicada para receber uma emenda parlamentar. Ela pode estar no CNEAS, mas se o cadastro dela não estiver com *status* concluído, ela não tem o vínculo com o SUAS, então ela precisa de ter esse cadastro concluído. As seções, elas são divididas e na

primeira seção é mais identificação das entidades. A segunda seção é que traz o detalhamento das ofertas. E tem também uma visita que deve ser obrigatória. O CNEAS, ele tem os formulários, então assim, é importante que quando o gestor vai fazer a visita, ele já leve esses formulários porque é muito detalhado essas ofertas. Lá dentro que a gente vê, por exemplo, qual que é a equipe de referência, qual que é o serviço, qual que é o público. Então dentro da seção II que tem todos esses detalhes. Quando a gente quer, por exemplo, saber o quê que a entidade executa, qual o público que ela atende, qual é a equipe que ela tem lá dentro da entidade para execução daquele serviço ou daquele programa, projeto, aí a gente vai na seção II, lá tem e a gente consegue abrir e ver todas as informações. Então é importante que seja cadastrado de uma forma também muito correta, não é? Porque às vezes você abre lá, mostra, até que você consegue entender o quê que a entidade, se ela é do atendimento, se ela é de assessoramento, qual que é a oferta dela. Então assim, qual que é o programa, é uma confusão. Então eu acho que a gente também tem feito esse exercício de orientar os órgãos gestores, as pessoas responsáveis dos órgãos gestores, porque normalmente alguns municípios, município maior é vigilância e município pequeno é um faz-tudo lá, não é? Mais difícil também. É muito difícil porque ele tem que fazer tudo. E aí a gente tem feito esse exercício de qualificar esses dados, não é? Como a gente já falou, a Gabi falou também, eu já falei, a gente tinha menos, 62% de entidades, era muito município com entidade pendente. Nós tínhamos municípios com mais de 20 entidades pendentes, não é, Felipe? Quando a gente começou. Então assim, e assim, a gente via que era muita entidade pendente e porque elas estavam pendentes? Era porque inscrevia tudo e na hora de detalhar as ofertas, não sabia o quê que a entidade fazia. Então viu que a entidade não fazia nada e não conseguia preencher essa seção. Aí fazia visita, que a visita, no CNEAS, ela é obrigatória. Mas assim, aí deixou. Aí deixava lá. Foi deixando. Então, e hora a gente tem orientado esses municípios a verificar se essa entidade realmente é de assistência, orientado a concluir esse cadastro ou solicitar a exclusão desse cadastro. O problema é que quando vai solicitar a exclusão, o gestor, ele não consegue fazer. Então a exclusão do cadastro, ela é feita pelo Governo Federal. O Governo Federal que faz a exclusão do cadastro do CNEAS. Então se tem uma entidade lá pendente e essa entidade não está no Conselho Municipal, o Conselho já verificou que ela não é de assistência e o órgão gestor também já viu que essa entidade tem que ser excluída, tem que fazer uma solicitação para o Ministério, colocar uma resolução do Conselho ou um parecer, ou uma declaração, dizendo que a entidade não está inscrita no Conselho. Envia isso para a rede privada do SUAS no Ministério, lá na Secretaria Nacional, e aí eles que vão fazer a exclusão, não é? Então eles que fazem a exclusão. A exclusão não é feita pelo município. **Mayra, Apae-BH:** O sistema do CNEAS está super obsoleto. É algo que precisava mudar muito urgentemente. **ROSILENE, Sedese:** Muito. E a gente já conversou inclusive com, a Gabi já comentou que nós já estivemos, eu já, a gente já, já vieram umas três oportunidades. O Edgilson, que é o diretor da rede privada do SUAS, e ele disse que está nesse processo aí de planejamento porque assim, o CNEAS, para ter ideia, ele tem formulário, ele tem entidades inscritas para fazer, executar benefício. Benefício socioassistencial. E tem formulário no CNEAS para benefício. Então assim, e não existe nenhuma previsão que a entidade de assistência

social, ela execute benefícios no âmbito do SUAS, não é? O benefício que a gente tem é o benefício eventual que é regulamentado, concedido pelas equipes de referência do serviço, do trabalho social com família, e o BPC que também não é executado, por exemplo, por entidades e organizações. E o CNEAS ainda tem lá essa previsão e ainda tem entidades inscritas como que oferta benefícios lá no CNEAS. Mas isso é uma coisa que já está sendo pensada pelo Ministério, para fazer essas correções e essas adequações do sistema. Pode continuar, por favor. Bom, e aí é isso. Então a gente já falou sobre isso, Gabi já falou que o CNEAS, ele é o segundo nível de reconhecimento obrigatório. Então a partir desse momento, o cadastro concluído, essa entidade, ela possui o vínculo com o SUAS, então ela pode realizar parcerias. Ela pode não só no âmbito do Governo Federal, Estadual ou do município. Pode receber recursos pelo SIGPV, não é? Que é esse sistema de transferência voluntária de membros parlamentares do Governo Federal que eu já disse, que essa resolução 580, ela restringe essas parcerias apenas com as entidades que têm lá no CNEAS a oferta de serviço. Então outra entidade não pode receber, só para quem oferta serviço tipificado. E ainda ela está apta à certificação do CEBAS, não é? Que a gente já falou sobre ele também. O CEBAS, pode passar. O CEBAS, ele é concedido pelo Governo Federal. É necessário, ele é regulamentado pela lei complementar 187/2021. Inclusive, em relação às comunidades terapêuticas, essa lei que trouxe essa questão da inovação, das comunidades terapêuticas para requerer ao CEBAS, não ser necessário estar no Conselho Municipal e nem no CNEAS. Acho que eu vou falar um pouco disso lá na frente. Essa entidade, para receber o CEBAS do Ministério, ou seja, da Secretaria Nacional de Assistência Social, ela tem que atuar de forma exclusiva ou preponderante, como eu disse, o Conselho, ele pode inscrever a entidade, entidade preponderante a oferta de entidades não preponderantes. Para o CEBAS, se a entidade é, se ela vai solicitar, requerer ao CEBAS junto ao Ministério de Desenvolvimento e Assistência Social, ela tem que ser exclusiva ou preponderante à assistência social. Caso ela seja exclusiva ou preponderante na saúde, ela vai no Ministério da Saúde. E Educação também. Se a preponderância dela é educação, ela vai para o Ministério da Educação. Pode passar, pode descer. Bom, então assim, o CEBAS, ele deve ser requerido ao órgão gestor federal pela própria entidade, por meio de um sistema, pelo portal lá do Governo Federal. A entidade, ela deve exercer, como eu já disse, ser preponderante a assistência social e sendo que o CEBAS, ele não é obrigatório para o vínculo SUAS, por isso tem essa discrepância aí de a gente ter mais de 3.000 entidades inscritas no CNEAS, concluídas, e 1.060 apenas que possuem o CEBAS. E o CEBAS, ele é importante para essas isenções patronais. No SUAS tem uma, ele tem uma, ele pode ser usado, por exemplo, para desempate em processos de seleção, não é? Então esse, por exemplo, se faz uma seleção para celebrar parcerias, se 3 empataram, 3 entidades, e uma delas tem o CEBAS, então a que tem o CEBAS, ela é elencada como prioridade. Bom, e aí em relação às comunidades terapêuticas, eu acho que eu estou acabando. Eu acho que esse aí é o último *slide*, não é? Em relação às comunidades terapêuticas que eu disse, antes as comunidades terapêuticas, era uma briga porque assim, era uma luta na verdade porque elas queriam se inscrever no Conselho para ter esse certificado principalmente, o CEBAS, celebrar parcerias também no âmbito da assistência social, mas aí depois dessa resolução do CNAS, não é? Então essa resolução

do CNAS, ela fala que as comunidades, deixa eu ler. “As comunidades terapêuticas ou entidades de cuidado, prevenção e apoio de mútua ajuda, atendimento psicossocial e ressocialização de dependente de álcool e de outras drogas e seus familiares, por não atender aos dispostos artigos 1º, 2º e 3º que integram o SUAS, não devem ser inscritas nos conselhos de assistência social dos municípios e Distrito Federal e nem ter CNEAS.”. Então ela trouxe essa questão de que as comunidades terapêuticas, antes tinham feito uma orientação técnica e agora fez essa resolução dizendo que as entidades que trabalham nessa redução de demandas de drogas, elas não são entidades de assistência social. Só que o Ministério, ele continuou sendo o responsável pela concessão do CEBAS, não é? Só que não é feito pela Secretaria Nacional, pela rede privada do SUAS. Essa concessão, ela está em um outro departamento que é o Departamento de Entidades de Apoio e Acolhimento atuantes em álcool e drogas, que é vinculada diretamente à Secretaria Executiva do Ministério, então ela não é feita pelo Ministério. Aí assim, muitos municípios perguntam: “A comunidade terapêutica, mas ela pode”, inclusive a própria resolução fala que ela pode ofertar, não é? Não pode ser inscrita como entidade, mas ela pode se inscrever como oferta de assistência social. Pode. Cabe ao Conselho fazer essa análise. Porque se ela falar: “Olha, a gente não é uma entidade de assistência social, mas nós executamos serviços de convivência e fortalecimento de vínculos”. Mas aí esse serviço é executado como? Ele busca o público de fora? Porque ele vai ter que buscar um público de fora, não é? Ele tem essa equipe do serviço? É vinculado ao CRAS? Ou seja, é articulado com CRAS? Tem essa referência e contrarreferência com o CRAS? E assim, o serviço não pode ser naquele público que ele atende ali. Isso, exatamente. Planejado, permanente, e não pode ser com aquele público que está ali dentro, ele tem que abrir para público que o CRAS vai mandar porque o fluxo não é esse? Então assim, que pode, pode. Mas isso, cabe fazer essa análise, não é? Então eu acho muito complicado, eu acho muito difícil, mas pode acontecer. Então assim, a gente não pode falar que não tem como, mas tem como. Bom, acho que é isso. Ah, tem outro. E aí assim, só mesmo para a gente falar, finalizar aqui a nossa apresentação. Então o vínculo SUAS, é importante para a celebração de parceria, recebimento de recurso, para o CEBAS, que eu acho que a gente já até falou sobre isso. Pode passar, por favor. O órgão gestor, ele tem algumas responsabilidades, não é? Então ele deve planejar e implementar o referenciamento das entidades e atendimento às unidades de assistência social. Então assim, muitas vezes a entidade funciona lá no território, mas o órgão gestor, ele nem sabe, ele nem conhece. Então acho que isso, esse vínculo com o SUAS é para isso, não é? Para que seja uma rede mesmo, socioassistencial. Precisa de monitorar e avaliar as ofertas que são executadas pela entidade, analisar os impactos e resultados dessas ações que são ofertadas pelas entidades e é importante, e ressaltando aqui que independente, não é, gente? Se a entidade, ela recebe recursos ou não, ela precisa fazer parte dessa rede e de ser acolhida, assessorada, monitorada, suas ações avaliadas pelo órgão gestor. Dentre as atribuições do Conselho que todo mundo aqui já sabe, normatiza, disciplina e acompanha a execução da política de assistência social, ou seja, dos serviços, programas e projetos que são executados pela rede. Essa, a resolução 14 também, ela estabelece que os conselhos, eles têm essa competência de fiscalizar as entidades e organizações de

assistência social, verificando aí a questão do desempenho, da qualidade dos serviços que são ofertados por essas entidades. Pode passar, por favor. Bom, e aí acabando aqui. É o convite, não é? Mês que vem, mês de julho, dia 25 nós vamos realizar esse evento aí para as entidades socioassistenciais, com foco no SUAS. Vai ser um evento presencial com transmissão *online*. Ele vai ser realizado lá no JK, lá na Cidade Administrativa, naquele auditório JK. São 500 vagas presenciais, mas a gente vai fazer transmissão *online* com vagas ilimitadas, 25 de julho. E aí, aí assim, só para trazer a programação para vocês. A gente pensou de falar sobre as entidades e esse vínculo com o SUAS primeiro, depois nós convidamos uma pessoa muito especial para falar de celebração de parcerias com organização da sociedade civil, quem será? E aí na parte da tarde a gente reservou para as diretorias de proteção básica, de especial de média e alta complexidade, para falar dos serviços que são mais executados por entidades. Porque eu acho também que as entidades têm muita dificuldade, não é? De entender quais são esses parâmetros para execução do serviço. Então assim, elas têm dificuldade, então a gente precisa de fazer esse apoio para que elas entendam como executar o serviço de convivência, como executar o de acolhimento. E aí a gente reservou a parte da tarde porque as diretorias vão falar sobre esses parâmetros para execução. A gente ia abrir só para as entidades, não é, Gabi? Primeiramente, porque a gente ia abrir só para as entidades. Só que aí depois a gente pensou: “Como vai ter vaga ilimitada *online*”, teve essa possibilidade da transmissão, então a gente já mandou para os conselhos municipais. Vamos mandar ainda, não é? Não, acho que não, não é? **ROSILENE, Sedese:** É. Então, vocês estão ouvindo em primeira mão. É porque a gente fez o convite essa semana, não é, Dayse? A Dayse que está organizando e mais o Felipe, esse evento, junto com a Fátima. A gente vai, as inscrições vão ser abertas acho que na semana que vem, não é? Eu acho que semana que vem a gente consegue abrir as inscrições. E a gente vai enviar para os conselhos municipais, para as entidades e para os órgãos gestores também. Tá. Exatamente. Na divulgação, apoiar na divulgação e eu acho que vai ser muito importante ter a presença do CEAS lá. **Alexandre, Seapa:** Só uma última pergunta porque veio na minha cabeça. Eu posso falar o seguinte, para a assistência social, tanto para o CEAS, existe recursos, tem recurso disponível, mas a dificuldade na verdade é a apresentação dos projetos? **ROSILENE, Sedese:** Não. Quem dera, não é? Quem dera se a gente estivesse assim. Claro que a gente às vezes tem um recurso para uma entidade específica e tem essas dificuldades, mas eu acho que a lógica não é essa, assim. A gente não tem. Porque a gente tem muitas entidades que são regulares, que executam um ótimo trabalho de acordo com as normativas do SUAS. Então se a gente tivesse recursos disponíveis, esses recursos iam para essas entidades, certo? Mas existem muitas entidades que têm uma, precisam mesmo desse assessoramento, não é? Para que consigam. Quem dera se o Estado conseguisse, eu falo Estado, eu falo o poder público conseguisse executar e repassar recursos para todas as entidades executarem o serviço, mas tem um processo de seleção, não é? E tem esses critérios aí também, quando há recurso disponível. Pessoal, então eu acho que era isso. Aí então, aí a gente continua aqui à disposição, se tiver mais alguma dúvida. **Nelson, Sedese:** Então Rose, Gabi, muito obrigado. Depois a gente encaminha o convite no grupo dos conselheiros e aí a gente faz a discussão também da participação dos conselheiros no evento. Bom,

agora, gente, eu não sei, ficou alguma dúvida, alguma outra questão que alguém queira trazer? Acho que durante a fala vocês já foram trazendo as questões, mas. Então a gente, agora são 15 para meio-dia, não é? Eu acho que, vocês querem, a gente faz uma pausa agora e a gente inicia 15 minutos antes, 15 para 13h? Então, só para registrar de novo, não é? Então a pauta aprovada era a gente ir logo após a capacitação, a gente iria para o almoço e a gente teria a primeira discussão, o FEM, não é? Início do almoço. Eu acho que o FEM, a gente vai ter uma discussão maior do que 15 minutos, então a gente pode antecipar só a resolução da composição das comissões temáticas? Que é fazer a leitura da resolução, a gente já fez essas discussões anteriormente, para a gente avançar aqui nesses 15 minutos. Olha, então, gente, vou bem rapidamente aqui sinalizar só a respeito da resolução que está reproduzida aí para nós. A gente está atualizando a resolução porque a gente teve alterações nas composições de comissão e a gente precisa manter o nosso histórico de resoluções lá atualizado também. Então resolução CEAS que dispõe sobre a recomposição das comissões temáticas do Conselho Estadual de Assistência Social, de caráter permanente, que integra a estrutura do Conselho para o exercício de 2024. O Conselho Estadual de Assistência Social, no uso de suas atribuições conferidas pela lei estadual 12.262, de 26 de julho de 1996, e considerando a deliberação de sua 297ª plenária, realizada em 21 de junho de 2024, resolve: tornar pública a composição. Então tornar pública a recomposição das comissões temáticas do Conselho Estadual de Assistência Social, de caráter permanente, que integram a estrutura do Conselho para o exercício de 2024, que passam a funcionar com seguinte composição. Então a Comissão de Normas. Rosalíce Tassar de Almeida, coordenadora, Sociedade Civil. João Paulo Freire Jardim, coordenador adjunto, governamental. Joelma Dias Ramos, governamental, CMAS – Campanha. Rosilaine Rita dos Santos, governamental, COGEMAS. Aí gente, só. Esse daqui isso, suprimir aqui o, por favor. Eu vou só pedir para os coordenadores de comissão ficarem atentos. Então a gente suprime aqui o COGEMAS que já sinalizou a troca, não é? Então a gente está aguardando a nomeação. Marcelo Armando Rodrigues, Sociedade Civil, Ordem dos Advogados. Carla Valéria Soares Vita, Sociedade Civil, União das Associações de Pirapora. Altair Rabelo, Sociedade Civil, Associação de Pirapora de Assistência Social e a técnica Apoliana Seixas dos Santos. A Comissão de Política de Assistência Social: Érica Pereira Alves Beltrame, coordenadora, governamental. Fernanda Regina da Silva, coordenadora adjunta, Sociedade Civil, CMAS – Campanha. Wellington Duarte Riberio, governamental, COGEMAS. Andressa dos Reis Pimenta, Sociedade Civil, Lar dos Idosos Justino da Rocha. Sandra Regina Ferreira Barbosa, Sociedade Civil, SINTIBREF. Maíra de Queiroz Camilo, Sociedade Civil, APAE. Leticia Dufloth, governamental, Secretaria de Saúde e Edilene Rodrigues Ferreira, a técnica da Secretaria Executiva. A Comissão de Apoio aos Conselhos Municipais de Assistência Social: Flávio Christian de Assis Miranda, governamental, CMAS – Ipatinga. Wellington Donizete Marques de Lima, coordenador adjunto, Sociedade Civil, Fórum Municipal de Lutas pelo Direito dos Usuários do Sistema Único de Assistência Social. Cleuza Maria de Oliveira, governamental, Secretaria de Estado de Educação e de Saúde. Isaque dos Santos Lopes, Sociedade Civil, Comissão de Comunidades Quilombolas do Alto e Médio Rio Doce. Elisa Vieira Marques Brigadão Dias, governamental, Secretaria

de Estado de Fazenda. Luís Carlos Castro Fernandes, Sociedade Civil, Associação Recreativa de Melhor Idade, e Ernane Gonçalves Maciel, governamental, CMAS de Montes Claros. A técnica da Secretaria Executiva é a Ana Carolina Almeida Costa. **ROSALÍCE, CMSSVP:** A Comissão de Normas vai ter uma substituição. Hoje é a última plenária da Carla. **Simone, CFR:** Não da conselheira. **ROSALÍCE, CMSSVP:** Não, não da entidade. E sim da conselheira e não da entidade. É. A conselheira vai ser substituída. A gente mantém o mesmo nome ou deixa em branco? Isso que a Comissão de Normas está com dúvida. Porque a Carla, hoje é o último, a conselheira Carla vai ser substituída. **CARLA, UNAPIR:** Lembrando que a minha descompatibilização é dia 06 de julho. Até dia 06 ainda estou como conselheira. **Nelson, Sedese:** Eu acho que a gente pode manter a estrutura que está aqui hoje e aí essa alteração, assim como demais, porque a gente vacâncias no Conselho que vão ser publicadas em resoluções complementares a essa. Gente, não é necessário fazer uma resolução completa das comissões. A gente só faz uma resolução com a inclusão dos novos membros para cada uma das comissões. Posso continuar? Comissão de Orçamento e Financiamento. Jennifer Daniele Souza Santos, coordenadora, Sociedade Civil, Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais. Letícia Fernandes Godinho, coordenadora adjunta, governamental, CMAS – Coronel Fabriciano. Esther Rodrigues Spechite, governamental, Secretaria de Desenvolvimento Social do estado de Minas Gerais. Tomás Pereira de Sá Carvalho, governamental, Secretaria de Planejamento. Simone Maria da Penha Oliveira, Sociedade Civil, Coletivo Flores de Resistência. Matheus Borges Gonçalves, Sociedade Civil, Organização dos Representantes dos Usuários e Usuárias da Assistência Social do Movimento LGBTQIA+ de Cláudio. Nelman Barbonália da Silva, governamental, Secretaria de Estado de Fazenda. E a técnica da Secretaria Executiva é a Stephanie Damares de Souza. **Ludmilla, CRESS-MG:** Isso, está faltando. **PRESIDENTE:** Então inclusão do nome, aqui na Comissão de Orçamento, da Ludmila Lamartine de Souza. É pela Sociedade Civil, CRESS. A Comissão de Monitoramento das Deliberações de Conferências Estaduais de Assistência Social. Laís Alexandre da Silva, coordenadora, Sociedade Civil, CMAS – Ipatinga. Cristiane Aguiar Vieira, coordenadora adjunta, governamental, Secretaria de Estado de Saúde. Ana Carla Ribeiro da Silva, governamental, Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Solimar Assis, governamental, Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. Nelson Fernando Mauro Carvalho, governamental, SEDESE. E Anália Rodrigues de Paula, Sociedade Civil, Abrigo São Vicente de Paula de Comuna. Anália Romeiro de Paula, é isso? E a técnica da Secretaria Executiva é a Adelmira Gomes Cerqueira. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Nós temos uma vacância nessa comissão, tá? Não, estou falando da Roberta. **Nelson, Sedese:** Outras comissões também têm vacância porque a gente, há vacâncias no Conselho e aí. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Não, está registrada a vacância. **Nelson, Sedese:** Aí quando a gente tiver a composição completa, esses conselheiros tomarem posse, a gente faz a inclusão nas comissões. Só fazer a menção da inclusão do Alexandre da CEAPA na Comissão de Normas, que não foi mencionado aqui também. Tem mais alguma observação, gente, com relação à resolução? Então a gente pode ir para a votação? Então pela aprovação. Reprovação. Então resolução aprovada. Então estamos saindo agora,

11h57, no horário para o almoço, e aí a gente retorna às 13h, por favor. **Nelson, Sedese:** Acho que a gente pode ir iniciando, é 13h15, não é? A gente combinou o nosso retorno 13h, acho que a gente pode dar início. Eu acho que a gente está sem, pela minha contagem aqui a gente está a representação da Simone e do Isaque, então não sei se, aí, está chegando aqui. Eu já ia chamando o Matheus e o Leon para a mesa. Aí só também sinalizando que a Carla está ausente e o Altair está assumindo o lugar aqui em condição de titularidade. Gente, então vou voltar aqui na pauta, tá? O nosso próximo ponto de discussão é pedido de inclusão de pauta pela Sociedade Civil para discussão do FEM. Então, não sei se Rosa, Marcelo, quem que vai fazer a apresentação. Jennifer.

**JENNIFER, PSIND:** Boa tarde. Então, sobre o FEM, não é? Assunto recorrente. Na verdade eu queria mudar essa pauta, o nome da pauta. Não é sobre o FEM necessariamente, é sobre recursos do FEM vinculado ao FEAS e do FEAS. Porque aí se juntam aí várias fontes, não é? Quando a gente fala do FEM, a gente está falando só do que vai ser destinado do FEM ao FEAS. Porque já tem, na verdade, destinação em lei, não é? Então retomando. Na última plenária nós aprovamos o requerimento de reunião com a SEPLAG, SEGOV e SEDESE e nós encaminhamos dois ofícios já com essa solicitação, um após a plenária e um no dia 07 desse mês, se eu não me engano. Não obtivemos retorno ainda das secretarias, apenas da SEGOV e da SEPLAG que só nos respondeu essa semana e fez um pré-agendamento, não é? Que o presidente pode nos colocar aí a data que ficou acordado. Porém houve também, a gente teve a audiência pública nas assembleias legislativas com várias presenças aqui dos conselheiros e das conselheiras, tivemos uma discussão muito pertinente, muito importante. Foi apresentado todos os nossos questionamentos. Foram falas baseadas não apenas no acordo, não é? Isso tem sido questionado, que o acordo foi de portas fechadas com a deputada Bela e na Assembleia Legislativa, porém a gente não baseia os nossos questionamentos na fala da deputada. Nós estamos baseando os nossos questionamentos na leitura que nós fazemos e nos nossos estudos, não é? A gente fez consultoria, a gente pediu à assessoria jurídica, a gente pediu à assessoria contábil, então nós fizemos todo um estudo e um levantamento do que está na lei. Então nós apresentamos essas reivindicações, nós apresentamos os nossos levantamentos e como que foi a construção, e fizemos os questionamentos ao Governo, às secretarias, sobre quando será disponibilizado o recurso que é aproximado de R\$332.000.000,00, sendo que até então nós temos uma disponibilidade garantida de apenas R\$137.000.000,00 que totalizaria apenas 15% do FEM. Nós apresentamos todos esses questionamentos, o mandato da deputada Bela também enviou requerimentos às secretarias, ao Governo, e não houve resposta. Hoje a gente tem esse sentimento de que a Sociedade Civil do CEAS é o CEAS como um todo, na verdade, e toda a população de Minas Gerais está sendo ignorada nos seus questionamentos pelo Governo de Minas Gerais, sendo que nós estamos questionando e não há nenhuma resposta. Nem mesmo um diálogo, uma resposta ao nosso requerimento de reuniões e nem mesmo um posicionamento. Na audiência não foi apresentado nenhum posicionamento do Governo, não foi apresentada nenhuma justificativa para a não disponibilidade do recurso e nós não recebemos também o retorno das secretarias aos ofícios encaminhados. Então a gente sente, a gente não sente somente, mas nós conseguimos identificar o quanto o Governo passa por cima

de qualquer questionamento da sua população, passa por cima da assistência social e dos representantes, e também dos usuários, dos trabalhadores que estiveram presentes em todo esse processo de questionamento e de construção para obtenção desse recurso. Hoje a gente vem uma solicitação de que o CEAS faça um novo requerimento, um novo questionamento às secretarias sobre as respostas, não somente ao ofício do CEAS, mas à justificativa que não para a não disponibilização até hoje desse recurso para que seja pactuado acerca do planejamento de execução orçamentária para esse ano. Então, é, nesse momento é isso e estou à disposição para qualquer questionamento. **Nelson, Sedese:** Só, aí depois tem a inscrição ali da Letícia. Com relação às agendas, assim, eu quero primeiro sinalizar, não é? A gente teve um retorno da SEPLAG com a indicação de uma agenda para o dia 27, indicando já o nome das duas pessoas que participariam e sinalizando essa disponibilidade. Para além disso, é algo que eu já trouxe na mesa diretora, não é? A gente tem recentemente no estado uma troca de duas secretárias que são responsáveis pelas pastas cuja a gente faz esses questionamentos e solicita a presença para essa reunião, então a gente fez uma troca tanto na SEPLAG quanto na SEDESE. E com relação à SEDESE, a gente também, também sinalizei isso na mesa diretora ontem e aí já coloco aqui para a plenária, não é? Porque foi uma discussão que também apareceu no grupo do Conselho, de uma reunião com a nova secretária, Ale Portela, e ela trouxe já as possibilidades de agenda. Ela já fez um indicativo de duas datas, uma, primeira, não é? Para antecipar um pouco o diálogo com o CEAS e aí na mesa diretora, inclusive a gente entendeu assim, de um grupo menor de participação, não é? Talvez não com os 40 conselheiros porque seria uma reunião *online*, então a gente deve avaliar isso antes da reunião que seria no dia 1º de julho. E também a confirmação já da presença dela na nossa próxima plenária e aí na verdade, um dia anterior à plenária, que seria no dia 18, para conhecer e estar aqui junto com todos os conselheiros. Acho que, assim, com relação a retorno das agendas, não é? Acho que é isso, assim. E com relação à discussão do FEM no FEAS, não é? Não é só uma discussão do FEM, mas uma discussão do FEM no FEAS, eu acho que é algo que a gente vem discutindo, isso está registrado aí em plenária, a gente vem discutindo desde a nossa primeira plenária, não é? Isso é uma pauta presente aqui e eu acho que é legítima e a gente precisa discutir as questões. E eu acho que a gente precisa entender e aprimorar também, é o que a Jennifer falou, não é? Desses processos, desses fluxos, porque a gente acaba tendo compreensões distintas em algumas situações. Mas eu acho que é importante que isso esteja presente aqui para a gente chegar nesse consenso, não é? Inclusive de entendimento dos valores, do quê que é previsão orçamentária e do quê que é execução. Eu acho que a gente precisa de fato trazer isso para a pauta, para as discussões, para a gente aprimorar inclusive os nossos entendimentos e chegar em um consenso. Letícia. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** O que eu queria trazer para o Conselho em relação a essa pauta do FEM é que a gente saiba, que a gente saiba não, que a gente entenda que nós, nessa reunião a gente está entendendo que nós vamos estagnar o nosso recurso em 2024, os R\$107.000.000,00 que a gente tem pactuado. Isso porque não é possível pactuar nenhum aumento de repasse nos três entes da federação depois de 05/07. E porque eu estou dizendo isso, dessa estagnação do recurso? Porque nós estamos conversando desde janeiro sobre o FEM, não é? O mandato passado já

estava dialogando sobre o FEM. Então assim, eu sou uma pessoa que eu sou muito sonhadora, mas eu tenho o pé bem no chão e eu acredito que fazendo uma leitura do cenário que a gente está vivendo agora, qual o cenário? De um Governo que não respeita o controle social porque não responde o chamado para dialogar, não é? Não responde o diálogo para estar na mesa e dizer sobre esse acordo que foi feito com ele. De um Governo neoliberal que a gente sabe que a gente não tem valor, não é? Que é Estado mínimo, então a política social, ela tem que ser mínima na concepção do gestor que se alinha a esse posicionamento. E o pior de tudo que é a nossa não vinculação de receita. Nós não temos vinculação de receita, por isso que é a nossa maior bandeira e é por isso que a gente sempre fica à mercê do pires, não é? À mercê de quem é que vai ganhar a eleição porque ainda a gente não conseguiu demonstrar a nossa importância ou a nossa essencialidade na vida das pessoas que a gente atende. Então eu só queria fazer essa reflexão para que a gente entendesse porque nós estagnamos no recurso em 2024. E aí nós vamos continuar dialogando, não é? A gente pretende conseguir acessar o Estado, estamos fazendo um movimento grande. A gente sabe que semana que vem o Estado vai fazer uma reunião interna para discutir isso, no início da semana. Mas assim, para que a gente entendesse isso, que apesar da luta, a gente estagnou por conta do prazo eleitoral. Não estou dizendo isso porque eu estou cansada ou porque eu estou desistindo, porque eu acho que a gente não tenha que falar de fato desse acordo, dos 335, dos 107 que são garantidos historicamente. Mas eu acho que a gente precisava, isso aí é a minha opinião enquanto conselheira, juntar esforços com o Estado para que a gente conseguisse essa reunião na semana que vem, para ouvir o Estado e para conseguir tomar uma postura. Se a nossa estratégia vai continuar sendo essa de discutir apenas os 335 ou se nós vamos aceitar outros termos, ou aceitar outras narrativas, outros argumentos. Obrigada.

**ISAQUE, CQVRD:** Bom, eu queria agradecer a todos que participaram da audiência pública, todos que participaram virtualmente e os que participaram lá presencialmente. Dizer que eu entendo que o CEAS levou o seu recado de forma muito qualificada, com as pessoas, tanto os representantes do CEAS quanto demais movimentos que estiveram presentes, completaram muito bem a mensagem que o Conselho passou. Tanto a mensagem de não abrir mão do recurso para a assistência social quanto também a clareza da responsabilidade que esse Conselho tem em representar a voz das conferências de assistência social, as vozes dos inúmeros movimentos que defendem o SUAS nessa questão. E aí eu encaminhei no grupo do Conselho um *link* com os requerimentos, vocês vão reparar isso que a Jennifer falou, assim. Tudo está sem resposta. Tanto nós aqui no Conselho quanto nos demais espaços de discussão, o Governo não oferece uma resposta, não oferece uma justificativa e não fala o que quer, só mostra que não quer financiar o SUAS. Então acho que a gente, é manter essa luta e a gente não esquecer do grande histórico que a gente tem nesse enfrentamento. Digo isso porque em alguns momentos, vocês que acompanham a história desse Conselho, às vezes a gente tem falta de uma política pública pela não resposta do Governo, pelo não comprometimento do Governo, apesar de a Sociedade Civil e outros atores, além da Sociedade Civil, que compõem o Conselho constantemente mostrarem a necessidade de executar a política, mostrar a necessidade de aprimorar a política, mas a gente não é ouvido. Aí depois quando não executa a política, às vezes responsabiliza o Conselho,

responsabiliza a Sociedade Civil que não quis fazer uma execução debilitada da política, não é? Responsabilizam um conselho que luta pela qualificação constante e pela garantia dos direitos dos usuários dessa política. É só isso que eu queria deixar para a reflexão de vocês hoje. **JENNIFER, PSIND:** Então, fazendo coro aí ao que o Isaque falou, colocou para a gente. Quando se fala em “estagnou”, a Letícia traz para a gente: “A gente estagnou o recurso devido ao processo eleitoral”, não é? Eu acho que a gente precisa ter uma evidência maior do porquê que se, se for estagnar, não é? Se a gente realmente não conseguir avançar em pactuações na CIB, se a gente realmente não conseguir avançar na atualização dos valores do piso mineiro, eu acho que a gente precisa ter uma evidência de quem estagnou esse processo, não é? Porque nós estamos discutindo isso há muito tempo, nós temos o requerimento não só de reuniões. Eu compreendo, tem uma troca de secretária, mas uma troca de secretária na SEDESE não justifica a falta de resposta do Governo porque a gente sabe que existem outras pessoas, outros agentes lá envolvidos que poderiam estar dando uma resposta e uma agilidade nesse processo para disponibilização do recurso ou pelo menos uma justificativa plausível para não disponibilização desse recurso. Então não está aí nas mãos da Sociedade Civil, por estar fazendo uma frente de que não aceitamos menos do que os R\$332.000.000,00, que nós estamos estagnando esse recurso, a disponibilização desse recurso e a ampliação do piso mineiro. Acho que isso precisa ficar muito evidente porque quem conquistou qualquer mínimo centavo que seja foi a Sociedade Civil, foi a mobilização social, os usuários, trabalhadores dos SUAS. Então qualquer conquista, inclusive os R\$332.000.000,00 que a gente entrou na reunião da CIB e não foi pactuado na CIB por falta da disponibilização do restante do recurso, esse recurso de R\$332.000.000,00 também foi conquistado pela mobilização social e não uma oferta gratuita do Governo. Então eu acho que é muito importante a gente deixar isso registrado. A gente não quer simplesmente ouvir: “Ah, porque foi um acordo que não sei o quê”. Não. Se existe uma justificativa e essa justificativa, ela é plausível e ela realmente existe e está em lei, nós não somos leigos o suficiente para não entender uma justificativa que seja explícita. Então que o Governo responda por ofício, que ele divulgue, que seja transparente para que nós possamos compreender o porque que não está sendo disponibilizado. **MATHEUS, MLGBTQ de Cláudio-MG:** Só registrar e fazer coro aos companheiros e também sinalizar algo muito importante que é o entendimento desse Conselho sobre essa questão. A gente já, ao meu ver e a partir dos entendimentos de todo esse processo, nós já superamos de fato que essa questão diz só da Sociedade Civil. É uma questão desse Conselho. E é uma questão desse Conselho e me soa de uma maneira vergonhosa, e um grande desrespeito o Governo não nos responder, não responder esse órgão que é o CEAS, que é de controle social, que vai dizer de representações desse próprio Governo, mas também da Sociedade Civil, sobre o que nós queremos, sobre um entendimento qualificado. Porque já apareceram tantos elementos sobre essa questão: contingenciamento, comitê, é um comitê que vai dizer sobre isso, não é a tal secretaria. Mas no final a gente não tem a resposta qualificada de fato do quê que será feito. E acho que é um recado importante, a partir da cobrança que nós teremos enquanto CEAS, a gente entender de fato o que a partir das urgências, de onde a gente está chegando com esse debate, dos limitadores sim. Os limitadores que é

essa questão eleitoral, mas a gente entender de fato a narrativa que vai estar posta e como a gente tem que entender a narrativa que está posta, no sentido de dizer: “Não somos nós que estamos impedindo algo ou um recurso que chegue”, um aumento de piso mineiro, por conta dessa questão. Nós estamos querendo avançar nessa questão do recurso. É isso. É isso que está posto enquanto CEAS, é avançar nessa questão do recurso, não retroceder. E a gente, dentro dos nossos limites, a gente está construindo as nossas lutas e as nossas mobilizações, mas a gente precisa ser respeitado nisso e esse respeito parte de um entendimento de que, não querendo fazer um exercício futuroológico aqui, mas a partir do quê que vai estar posto, do quê que a gente tem que entender sobre isso. A gente vai, enquanto CEAS, ter que responder para essa sociedade sobre essa política desfinanciada, sobre essa política de estado mínimo, mínimo, e que fica cada vez mais mínimo. As urgências dos usuários, dos trabalhadores, dos serviços, e aí? Que marco vai ser 2024, com esse não entendimento desse recurso do FEM e do FEAS. Que marco vai esse e como a gente precisa dominar essa narrativa e ter responsabilidade com o nosso lugar aqui, e o nosso entendimento que não é mais de Sociedade Civil, é do CEAS. Isso é fundamental que fique evidente para todos nós conselheiros, porque o que vai acontecer depois disso e a gente não vai arrear o pé da nossa conquista, daquilo que está estabelecido, que são os R\$332.000.000,00. É disso que nós estamos dizendo enquanto CEAS. E é esse o recado que a gente precisa levar para a sociedade, levar para a sociedade que vai nos cobrar. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** Só para deixar claro, gente, quando eu falo “estagnamos” é que o SUAS mineiro estagnou no recurso que ele tinha, não é? Não foi porque a gente foi imprudente ou fez alguma coisa errada. E entendendo que a responsabilidade do Estado de dialogar, lugar do Estado de dialogar com a Sociedade Civil, é nos espaços de pactuação que é CIB e CEAS, não é? E ele está ausente desse espaço, dessa resposta. Agora, quando eu trago o meu ponto e o meu posicionamento é pensando no seguinte. Nós estamos lutando não contra uma ilegalidade, porque o decreto de programação orçamentária que o Estado usa para nos dizer que só são R\$225.000.000,00, apesar de ter sido uma perna do Estado, não é? A gente compreendeu isso aqui, todos. Ele é legal, então nós não estamos brigando contra uma ilegalidade. E quando a gente não briga contra uma ilegalidade neste cenário que eu falei aqui para vocês, de um Governo neoliberal que já se omitiu do diálogo conosco, a gente, ao meu ver, está ajudando o Governo, porque ano que vem nós não vamos ter esse recurso vinculado. Isso foi um acordo feito em sede de comissão de finanças e orçamento, quem imprimiu o PL vai ver lá que ele é a programação orçamentária para 2024. Pode ser que ano que vem deem uma de desentendidos para nós e a gente tenha só os R\$7.000.000,00, entendeu? A minha questão é essa só, de que se, até porque o Estado nem querendo negociar, isso está, não é? Só trazendo aqui o meu pesar por a gente não ter tido, a gente não ter conseguido fazer um meio-termo com o Estado e entrado em um consenso aqui para a gente conseguir ter uma execução desse recurso já em 2024. Obrigada. **SANDRA, SINTIBREF:** Então, gente. Nem sei se falando aqui do financiamento, não é? Nem sei se tem “ler” da fala, “Ler” da nossa língua, da nossa garganta, da nossa palavra, porque está repetitivo, não é? A gente, inclusive no âmbito nacional também, eu falo isso, sou da comissão de, não é? Estava na Comissão de Financiamento. Mas eu vejo, quando a

Letícia traz dessa questão do Governo e que é político, e que tem toda legalidade, mas como diz a nossa colega aqui do CRESS, então é questão imoral. Nós estamos falando de imoralidade. E que esse Governo, ele não respeita, Letícia, com todo o respeito de todos os governamentais que estão aqui, pessoas de conteúdo, de comprometimento, mas eu estou dizendo é desse Governo. Até lá no Conselho da Mulher, estadual, ele reativou agora depois de tempos parado. Eu falo porque eu estou lá no Conselho Municipal da Mulher e a gente debatendo o estadual. Então assim, não há um comprometimento com as políticas públicas, com o controle social muito menos. O Conselho da Mulher estadual não estava funcionando, parado, inoperante. Para não falar da Criança e Adolescente que andou meio complicado. (ininteligível) o que eu quero dizer? A gente tem que dar é visibilidade. Cabe a nós agora dar essa visibilidade porque a questão é política. E ele não nos respeita, Letícia, mas ele não respeita nem seus próprios pares, porque a votação foi unânime na assembleia desse recurso. E depois ele passa um pouco, um tempo, ele baixa o decreto. Tudo bem, é prerrogativa dele fazer decreto. Agora, é uma forma de governar que a gente também tem que denunciar, tem que falar e os desdobramentos disso, de não querer nem dialogar e fazer acordo, não é? É uma negociação, vamos dizer assim, fazer uma negociação. Então assim, com todo respeito, validando aos outros trabalhadores do Governo que estão aqui, mas assim, e a gente vem repetitivo com essa fala do financiamento. Eu estive na audiência pública que teve na sexta-feira passada, essa questão do piso salarial de todos os trabalhadores da assistência social, porque aí uma pauta dos trabalhadores, mas que tem impacto na qualidade e nas entregas lá para esse usuário, conforme a Simone tanto fala aqui como que está sendo realizado, como está sendo feita a questão dessa assistência social para os usuários. Então a resposta, ela é justamente isso. Vamos caminhar junto com a PEC. Se não tiver PEC aprovada, não vai caminhar na mesa de negociação, que está para ser levantada, não é? Já foi, já tem a resolução, mas agora é a composição, da questão do piso. E aí a gente fala, e teve um GT que foi criado, eu me inscrevi, estava nele enquanto financiamento, agora deve ser substituído, com o ministro que pediu o estudo de custo, pediu, até o Governo lá também vai trabalhar nisso, para ver se faz pelo menos de forma escalonada. 0,25, 0,25, 0,25 até a gente chegar a 1%; Este, o cenário nacional, federal, não é propício. Tem uma ordem. Não está explícito, nem nas primeiras páginas. Não criar despesas. Ponto. Então já estão querendo mexer na vinculação da, não sei se vocês estão acompanhando, da saúde e da educação porque é a meta, é arcabouço fiscal. Agora, que preço que vai ser também o cumprimento dessa meta, esse arcabouço? Essa questão aí fiscal do país? Por que? E está tendo até conflito, a gente sabe, pode falar aqui. Está tendo conflito entre a equipe do Governo e a equipe de lá. Por quê? As políticas públicas é que vão pagar a conta? E ontem eu escutei: “Vai cortar para cima ou cortar para baixo?”, ainda brincou: “Vai cortar para baixo, bem nas políticas públicas”. Então assim, eu estou pessimista nesse momento de que vai avançar, tanto a 383 nesse ano, a PEC, aprovação, que só falta ir para votação. E aqui também porque você falou, tem toda uma questão legal, mas o que eu acho que nós aqui temos a responsabilidade de fazer é dar essa visibilidade, fazer denúncia para o controle. E eu sei se tem uma outra, a gente estudar uma estratégia de mais, entre aspas aí a palavra radical, mas para a gente ver o quê que pode ser feito e quem sabe uma nova secretária senta com a gente,

não é? Quem sabe ela vai responder e sentar com a gente para a gente estar colocando? Porque foi um absurdo. Então assim, ele não respeitar nós é a gente querer demais, porque não respeitou os pares dele, a Assembleia Legislativa que votou por unanimidade essa destinação para a gente. Então assim, ou então é a manobra do jogo político: “Faz isso porque depois eu baixo um decreto, enrolo a manobra, 05 de julho não pode mais”. É tudo a manobra que infelizmente a gente vê aí nos bastidores, não é? Então assim, é lamentável, é triste, igual a Letícia falando, não é? Eu participei das audiências. A gente tinha esperança de ter um desfecho melhor, mas a luta continua e a gente tem que agora sentar e ver quais as estratégias. Obrigado. **LUDMILA, CRESS-MG:** Trazendo um pouco da sua fala, quando a Letícia traz, eu concordo: não há ilegalidade, mas há sim imoralidade. Porque foi uma coisa que foi pactuado, foi visto. E falando enquanto categoria dos trabalhadores, nós precisamos manter esse acordo e principalmente essa defesa pensando nos profissionais que estão na ponta, não é? Que precisamos pensar em como fazer política com esses profissionais, muitas vezes com subtrabalhos, com vínculos precarizados, sem acesso à benefícios eventuais porque os municípios estão estrangulados orçamentariamente. Mas, mais do que tudo, o trabalhador, ele ainda consegue trabalhar com o mínimo, de uma forma muito subhumana, mas ele consegue trabalhar. Então a gente precisa voltar mais ainda os nossos olhares para os usuários, que foi o que a Simone trouxe. Como que nós vamos garantir direitos, como que nós vamos garantir acesso, como que nós vamos garantir alimentação, como que nós vamos garantir vaga em abrigo diante de uma situação de violência, de uma situação de possibilidade de morte para essas mulheres, para esses idosos, para essas crianças se nós não temos recurso? Então quando a gente defende o recurso, acima da bandeira da política nós temos que voltar esse olhar para essa centralidade dos usuários porque a gente só consegue fazer qualquer atendimento na ponta, só conseguimos garantir qualquer direito com recurso. Então acredito que enquanto Conselho Estadual, antes de pensar em qualquer passo para trás, nós precisamos pensar em quantos e quais nós vamos deixar de atender. Porque abrir mão de qualquer recurso é deixar de atender alguém na ponta, então quem serão esses que nós vamos abandonar? Obrigada. **Simone, CFR:** Pessoal, quero pedir 10 minutos para a Sociedade Civil se reunir ali, por favor. **Nelson, Sedese:** Então 10 minutos, Sociedade Civil, só para registrar, não é? E aí a gente retoma. Sim, é isso, é só para registrar. **MARCELO, OAB-MG:** Conselheiros presentes, nós reunimos para a gente chegar a um entendimento e pôr fim a essa fala porque essa construção nossa, ela já é algo já muito resolvido, tanto no CEAS quanto na Sociedade Civil e Governo quanto à posição que o CEAS tem e a posição que a Sociedade Civil já fechou a questão no que diz respeito aos recursos do FEM. O que nós discutimos lá é da necessidade premente de que o Estado nos dê uma resposta, seja uma resposta positiva, seja uma resposta negativa, mas é importante que a gente tenha uma posição. Se for positiva, que bom. Que bom porque quem vai ganhar é a política de assistência social e que vai chegar em todos os municípios, e será algo muito importante para todos. Nós temos a compreensão quanto à responsabilidade nossa, do CEAS, de defender de forma muito segura a política de assistência social. Então não é amanhã que vem, de alguma forma, responsabilizar o CEAS por algo que o próprio Governo não se responsabilizou com a

sociedade como um todo. Então o fato de uma posição do CEAS, uma posição da Sociedade Civil quanto ao que vier, nós temos muita tranquilidade quanto a isso. Penso que a nossa responsabilidade, ela é muito grande. Mas também o é do COGEMAS. O COGEMAS, no meu ponto de vista, ele tem uma responsabilidade muito maior porque ele que está lá na ponta, é ele que vai atender o usuário lá na ponta e, portanto, é ele que deve sim defender aquilo que nós estamos defendendo. Nós estamos defendendo a política pública de assistência social e o COGEMAS, ele defende, para além da política pública de assistência social, ele defende toda uma municipalidade e todos aqueles que buscam a assistência social no caso específico. Foi dito aqui a respeito do aspecto legal, não é? Acho que Letícia falou sobre legalidade e outros colegas falaram sobre legalidade. Me perguntam: “Teve legalidade o ato administrativo proposto pelo Executivo quanto à medida tomada?”. Não sei dizer claramente, mas até onde nós podemos compreender, se nós temos um recurso fonte 10(dez), que a todo instante, ela vem em todos os anos, orçamentariamente previsto e aí ele está ali alocado de forma como foi o deste ano, se nós temos um outro recurso que vem complementar para crescer, na medida em que tenha isso, ele só veio para crescer e não vem para ser cortado. É o que eu acho, não podendo dar uma segurança legítima da minha fala quanto à questão de legalidade. Mas eu acho que é algo extremamente discutível, não é? Nós, enquanto CEAS, nós enquanto cidadãos, nós não podemos admitir que atos administrativos, talvez abusivos, venham de alguma forma criar obstáculos para o crescimento de uma política pública, não é? Portanto, o que nós queríamos dizer é, quanto a esse aspecto de legalidade, é de que a gente precisa de melhores estudos quanto a isso e acho que é algo extremamente viável, uma discussão sobre isso, não é? Foi falado também de denúncias, não é? Existe o Ministério Público, existe as redes sociais, existe todos os caminhos que podem ser seguidos para demonstrar a insatisfação e a indignação. Então é isso, presidente. Eu acho que nós temos uma posição muito tranquila, muito formada quanto a isso, e acho que o Estado irá se sensibilizar. Muito obrigado. **MARCELA, Sedese:** Gente, só uma questão que não é nem, não vou entrar na discussão toda, mas é só porque o Marcelo falou uma coisa agora que o Wellington tinha falado também e até falei com ele na reunião passada. Historicamente os recursos do FEAS são do FEM, não tem fonte dez no FEAS. Então assim, isso, é só isso assim. Porque eu acho que muda a discussão de vocês assim. Desde que o FEM existe, se eu não me engano, depois a gente pode fazer esse levantamento. Eu não sei se sempre, mas desde que eu estou aqui e desde mais tempo, se eu não me engano, os recursos são de fontes 71 mesmo. Os recursos do FEAS, eles sempre foram de fonte 71. Então é um pouco, um pouco isso é a discussão que está em pauta. Eu entendo que não é tudo, entendo que não é, mas é só para explicar que o quê que aconteceu com a fonte 10? É porque como, como era a questão, não é? O FEM, ele tinha uma duração determinada, não é? O recolhimento de recursos tinha uma duração determinada. Até esse momento, normalmente na LOAS já vinha a fonte 71, já vinha escrito fonte 71. Esse ano veio fonte 10 porque não tinha mais recolhimento de fonte 71, mas assim, historicamente os recursos do FEAS são do FEM mesmo, não é uma novidade não. **Nelson, Sedese:** Assim, acho que, eu vou, são várias as coisas que eu quero dizer com base na fala de cada um de vocês e eu acho que todas as falas são importantes. Mas assim, eu preciso,

acho que dizer assim, especialmente com relação às respostas assim. Tudo que chegou às subsecretarias de assistência social via SEDESE foi respondido sim. Então hoje, quando vocês mencionam a respeito dos requerimentos, na fala do Isaque. Não chegou nenhum requerimento para nós até este momento, não chegou nenhum requerimento para que a gente se manifestasse, não é? Com relação, digo da Assembleia, não é? Quando o Isaque trouxe. Para além disso, todas as solicitações que o CEAS fez, a SEDESE também respondeu. Com relação às agendas, eu trouxe aqui no início da minha fala, não é? E aí eu acho assim, eu preciso dizer disso, que eu acho que o Conselho precisa compreender isso porque na nossa última reunião de CIB e depois plenária, isso também foi uma pauta e na CIB a Mariana fez uma apresentação de cenário para ampliação do piso. E o que eu gostaria que o Conselho entendesse é que a ampliação do piso não diminui em nenhum momento a luta do CEAS para os recursos do FEM alocados no FEAS. E que naquele momento a gente estava utilizando de um fluxo de um protocolo que já está instaurado enquanto política pública para a CIB/CEAS. Então a gente tem como rotina passar essas matérias para partilha desses recursos de forma separada. Então a gente, no início do ano, não é? Quando a gente ainda não tinha o valor do FEM e que a gente discutiu aqui a LOA da assistência social, os valores, e aí depois, na sequência a gente veio e apresentou Centro-Dia, a gente apresentou Aproximação SUAS na CIB, fez critério de partilha lá e depois trouxe para o CEAS. Isso não isola e não diminui outras lutas, não é? E em um dado momento, inclusive foi sinalizado como se a gente estivesse assediando a aprovação desse valor frente ao período eleitoral. E aí, assim, deixar registrado de fato que nunca foi assédio, não é? Eu acho que é irresponsabilidade dizer que é assédio porque nunca foi. A gente deixou muito claro e isso está registrado em ata, isso está registrado tanto na ata da CIB quanto na ata do CEAS, da nossa posição e da nossa preocupação com o município, com o usuário, com o trabalhador. Então quando a gente fala do aumento do piso e das possibilidades que a gente tem de negociação neste momento, a gente não está isolando o restante do valor. A gente não está dizendo que a luta do CEAS precisa deixar de lado o outro valor, não é? Mas a gente está dizendo que as negociações e que as deliberações, elas podem caminhar em paralelo. E aí nesse sentido, e eu não estou colocando aqui em nenhum momento e acho que ninguém colocou aqui da responsabilidade do CEAS, mas nesse sentido, e aí eu penso ser irresponsabilidade a gente não ouvir esse ponto. É isso que é a minha colocação, porque a gente não está, é isso, a gente não está pressionando e a gente não está dizendo que não existirão outras pactuações. A gente só está sinalizando o que é possível nesse momento com base no que a gente tem de previsão orçamentária. E aí tem uma outra questão que a gente vem discutindo aqui também que é isso, a diferença de previsão orçamentária e a diferença do que já está enquanto financeiro, não é? Eu não sou a melhor pessoa para orientar e explicar, mas assim, existe uma diferença do que está previsto orçamentariamente e do que a gente tem de possibilidade de execução. Isso está posto inclusive na forma de arrecadação do FEM. Então a gente precisa compreender isso também, não é? O quê que a gente pode pactuar, não é? E a gente não está pondo em pauta aqui hoje pactuação, mas eu quero só reforçar isso com o Conselho, inclusive pensando nos nossos prazos, não é? Hoje, e de novo, isso não é, em nenhum momento, assédio para que o Conselho faça essa discussão. Isso

é só um lembrete da nossa responsabilidade e do quê que a gente precisa caminhar a partir daqui. Porque o período eleitoral, ele inicia-se em 06 de julho e a gente tem prazos para execução. Então eu acho que a gente precisa também avaliar qual que é esse nosso posicionamento enquanto CEAS e entender se a gente não está disposto a ouvir nenhuma outra proposta ou se a gente está disposto a ouvir, porque se a gente estiver disposto, a gente já tem perdido muito tempo, não é? E para além de pactuações que possam acontecer, CIB e CEAS, a gente ainda tem caso, não é? Existe alguma pactuação? Uma operacionalização que vai acontecer lá na Secretaria e que vai depender dos servidores, que não são muitos, e que pode impactar essa execução, não é? E aí é entender essas nossas lutas, o quê que a gente está disposto também. E para além de tudo, entender que são lutas que podem caminhar de forma paralela, não é? A gente pode lutar pelas duas coisas, a gente não precisa escolher uma ou outra. Acho que é isso, não sei se temos mais inscritos. Ah, Jennifer. Ah, Letícia também está inscrita.

**JENNIFER, PSIND:** Então, presidente. Eu quero evidenciar que a gente está vendo que todos os conselheiros e conselheiras aqui, mesmo os da SEDESE, não estão contra a gente, não é? Contra esse recurso, contra a ampliação do recurso, a gente reconhece isso. Quando a gente fala, por exemplo, quando a Mariana disponibiliza na reunião da CIB que o que tem de disponível, apenas R\$137.000.000,00, nós compreendemos que não está no alcance dela disponibilizar mais. Então reforço que a gente precisa de um requerimento de resposta e aí especificamente de quem pode responder. Então é a SEGOV, é a SEPLAG? Então que seja direcionado esse requerimento às secretarias responsáveis do porque ainda não está disponível o restante aí do dinheiro que vai completar os R\$332.000.000,000. E que se esse recurso, ele ainda não está disponível e não vai ser disponibilizado, que venha com justificativa. Então assim, não é a SEDESE que pode nos responder? Tá, quem é que pode nos responder? Então assim, importante a gente sair daqui com essa aprovação de um requerimento de resposta no Governo, para que justifique o porquê ainda não está disponibilizado e com prazo do que vem a lei aí de transparência, 5 dias para resposta, já que as secretarias vêm ignorando os pedidos que a gente tem feito de reunião. Então que seja feito esse requerimento aí. É, eu tinha outras coisas, mas eu acho que é isso. O que a gente precisa fazer agora é ter uma resposta, uma resposta e uma justificativa. Não só uma resposta como tem sido dada pela SEDESE: “Não temos como porque nós só podemos executar isso, porque nós só temos disponível isso”. Se a SEDESE não tem como nos responder para além disso, a gente precisa encaminhar esse pedido de resposta para quem pode.

**LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** Só queria, Nelson, saber uma coisa. Dia 27 tem uma reunião confirmada já? Com a SEPLAG? Porque você falou que eles retornaram data, então dia 27 nós temos reunião com a SEPLAG? A gente vai tirar daqui os membros que vão nessa reunião hoje? É isso? Porque eu acho, gente, que assim, eu não sei se dia 27, a gente tendo uma reunião, a gente tem tempo hábil para chamar uma CIB, umas CEAS, se a gente entrar em algum consenso com o Estado. Mas assim, eu acho que é oportunidade de a gente inclusive conquistar a nova secretária da SEPLAG, não é? De a gente trazendo essa luta para ela, mesmo que a SEGOV não esteja presente, não é? Levar nossa argumentação, levar nossas dúvidas.

**Nelson, Sedese:** A gente tem uma indicação, a SEPLAG fez, deu o retorno com a data do dia 27 para se reunir com o

Conselho e aí acho que é isso assim, não é? É entender quais serão os conselheiros que participarão dessa reunião na modalidade virtual, eles já sinalizaram, e indicar esses nomes. Entendo também que a gente já, nesse processo alguns conselheiros estão mais envolvidos na pauta do que outros, não é? Mas acho que é isso assim, temos um indicativo. Nelma e depois João Paulo. **NELMA, SEF:** Esse recurso do FEM, não é? Eu esqueci a sigla. Primeira coisa, gente, tem um percentual em cima do ICMS que a gente pode consultar no Portal de Transparência se o valor está atingindo o que vocês estão querendo. Porque se não tiver, não tem como o recurso ser solicitado porque existe uma lei que fala que 2% do ICMS é para o surto da pobreza, da miséria, não é? Então primeira coisa que tem que ver é se está, você já conferiu isso? Então. Se os 2% já estiver, aí tem a parte do FUNDEB, não é? Que é em cima disso também, e a parte do município. Aí se tiver aí... **JOÃO PAULO, Sedese:** Não, só respondendo. Jennifer. Não, até para esclarecer porque você colocou a questão da disponibilidade. É o que de fato financeiramente tem, porque quando a gente faz o orçamento, a gente estima quanto que será arrecadado e isso é feito ao longo do ano. Você arrecada tudo em fevereiro. Você estima quanto você vai receber. Então quando a gente fala lá desse orçamento total que é até 220, 300, enfim, não vou entrar no mérito de qual valor que é, a gente fala que é até esse porque a gente está estimando com base nos valores do ano anterior. Então quando a gente fala que tem 30 e poucos, que foi a proposta que foi trazida, eu nem estava aqui, eu não sei como é que foi exatamente a fala aqui, mas eu acompanhei, obviamente, as discussões lá e a gente tentou construir dentro do cenário que tinha a melhor proposta que foi essa: 30 e poucos milhões é o que tem garantido, que já está arrecadado em termos financeiros. Então vai ter, precisa de mais 180, mas não está arrecadado. Se arrecadar, aí depois a gente vem e pactua os 180. Então a nossa proposta, pensando no prazo por causa do período eleitoral, da série de limitações que a gente tinha, foi justamente esse levantamento que foi feito. Então conseguimos, nós temos aqui com segurança 30 e poucos milhões, conseguimos costurar esse acordo, de falar: “Então beleza. Temos 30 e poucos, podemos tentar pactuar e tentar já incrementar o piso a partir disso?” e essa foi a proposta que a gente trouxe. A gente levou para a CIB, não é? E aí não teve a pactuação e conseqüentemente não veio para o CEAS. Então acho que o que a gente está falando são, lógico que o Nelson colocou muito bem, eu acho que isso que precisa ficar claro. São discussões diferentes. Quando a gente fala de pactuar 30 para incremento do piso, nós estamos falando de agora, medida agora e que precisaria ser urgente por causa do prazo, que aí a gente não vai poder fazer depois, e que em nada vai impactar a continuação dessas conversas sobre. “É 220”, “É 330”, “Queremos essa recomposição” são conversas totalmente diferentes. Pactuar os 30 agora para o piso, que foi a proposta trazida, levada à CIB, em nada afeta ser 220 ou 330, sabe, gente? Então assim, quando a gente trouxe essa proposta, foi isso. Dentro do cenário que a gente tem, quanto que a gente tem com segurança para poder falar assim: “Podemos agora, neste momento, fortalecer os municípios, aumentar o nosso cofinanciamento para os municípios”. 30, não lembro, não sei o valor certo. Então como fazer? “Vamos de piso. Vamos levar a proposta do piso”. É isso. E aí esse é o ponto. Nós vamos, não sei nem se dá tempo, igual o Nelson falou, porque tem todo um trâmite burocrático. Não sei se depende das reuniões, dessas outras reuniões, porque como eu

disse, nessas reuniões eu acho que a discussão é sobre 330, 220 e por aí vai. Não precisa passar por essas conversas esses 30 e pouco de incremento para o piso. E se fosse uma proposta, que eu acho que talvez o que a Letícia trouxe, se a gente fosse fazer essa discussão desses 30 e pouco da pactuação, isso teria que ser uma coisa muito rápida porque a gente tem, sei lá, até semana que vem para até o dia 05 a gente conseguir operacionalizar em termos de gestão. Então eu acho que esse que é o ponto. Eu acho, assim, minha opinião, não precisa passar pela discussão com a SEPLAG. Eu acho que a SEPLAG é a conversa sobre esses 330, resposta e por aí vai. Agora, a pactuação dos 30 eu acho que não há prejuízo algum, muito pelo contrário, não é? Seria muito bom para os municípios eu acho, ter um incremento de 30 milhões, eu acho que nunca teve um incremento desse. Obrigado. **JENNIFER, PSIND:** Só uma pergunta, João. Então, o que nós estamos requerendo é uma resposta formal do Governo. E eu acho que nós, Sociedade Civil, não CEAS, nós, mobilização social, todas as entidades que se envolvem para garantir a política pública de assistência social, nós temos direito a uma resposta. Então quando a gente fala: “Ah, 32 milhões”, nós queremos ampliação do piso, nós lutamos para isso. Nós estamos efetivamente lutando para isso. Só que porque a gente não tem uma resposta? Se existe uma resposta, porque a gente não tem uma formalização dessa resposta? E aí você traz uma resposta de o que tem disponibilizado. Tá, mas não satisfaz ainda, entende? Não satisfaz na Assembleia, na audiência pública, a SEGOV estava lá, não trouxe uma evidenciação do porque não disponibiliza ou se vai disponibilizar ou não, se é entendido que a gente vai ter R\$332.000.000,00 ou não. Quando a Marcela traz que foram os últimos anos, não é? Os últimos 10 anos executado, o FEAS foi executado como FEM. A gente entende isso. Nós fizemos esse levantamento, a gente estudou, nós sentamos e estudamos muito. A gente entendeu, só que agora a gente precisa de uma resposta do porque que isso não está efetivado como uma suplementação e não uma substituição nesse momento, entende? E eu acho que a sociedade de Minas Gerais tem direito, não só merece uma resposta. Nós temos direito a uma resposta que o Governo poderia dar, se existe uma justificativa, poderia nos formalizar uma resposta que não tem sido formalizada. Então assim, nós queremos discutir o mais rápido possível essa ampliação do piso? Queremos, mas nós exigimos uma resposta. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** É eu? Eu só queria, a última fala minha sobre essa questão. Eu só queria que a gente lembrasse uma questão. A minha defesa vai ser pelos R\$332.000.000,00, até quando for possível, porque orçamento é uma briga argumentativa e a gente usa determinado argumento se ele cola em determinado momento. E aí para a gente ir nessa reunião do dia 27 como uma primeira estratégia de defesa dos R\$332.000.000,00, ótimo, mas com uma segunda carta na manga também que é uma segunda estratégia. Porque vai que o Estado, não sei nem se dá tempo, tá, gente? Não é ninguém que está pedindo para eu falar isso aqui. Mas vai que o Estado aceite pactuar os R\$225.000.000,00. Nós vamos deixar que esse recurso fique com ele e que ano que vem a gente nem saiba se nós vamos conseguir acessá-lo? Porque ele não é vinculado. Ele é uma emenda à lei orçamentária desse ano. Só para a gente não perder isso de vista. Obrigada. **JOÃO PAULO, Sedese:** Novamente, assim, eu, não tenho nenhum documentário nessa questão porque igual eu disse, para mim fica claro que são duas discussões que não são concorrentes e nem dependentes, sabe? Eu

acho que é isso. Eu estou, talvez a Letícia ou eu, ou Nelson, a gente falou de uma pauta e essa questão é outra pauta. Por exemplo, a resposta. Eu acho que o CEAS tem que ter resposta e tem que ser cobrada a resposta, não é? Com relação ao quê? Aos 330. Só que a gente está falando também do outro que a gente já tem. A gente vai fazer o que com ele? É isso. Assim, se a deliberação for essa, está tudo bem também. Assim, é a proposta que a gente trouxe, foi o quê? Vamos conversar sobre esse, igual o Nelson falou, paralelo. Não são coisas que eu preciso resolver esse para resolver o outro, na minha humilde opinião, na minha leitura. São conversas que podem caminhar paralelamente e que não prejudicam uma com a outra e que se não acontecer, aí sim prejudica, por exemplo, um município nesse cofinanciamento, entendeu? **JENNIFER, PSIND:** E aí, então só mais uma pergunta, João. Está sendo então colocado R\$32.000.000,00 que aí foi diante do que a Mariana colocou mesmo, corresponde aos 15%, não é? Que é aquela lei anterior que foi aprovada em fevereiro. Então juntando os 32, mais 107, daria 130, é, que corresponderia aos 15%. E aí, oi? **João Paulo, Sedese:** Não. Isso é o que tem até agora. **JENNIFER, PSIND:** É o que tem até agora. Sim. Mas tá. E aí entra esse questionamento, sabe? Então não tem disponível, o Governo não tem disponível do FEM, vamos falar só do FEM, os 225? **MARCELA, Sedese:** Só, então Jennifer, só pegar nesse ponto. O que a gente enquanto SEDESE está propondo é aquilo que a gente tem segurança e é por isso que o João está falando, e que é o que a Mariana falou na audiência, é o que a Mariana falou na CIB. A Mariana falou na audiência o que ela falou na CIB, não é? Que é: “Vamos pactuar os 15%” porque se a gente está falando que a gente não tem recurso vinculado para a assistência, gente, desde o ano passado a gente tem 15% do FEM vinculados para assistência, que é isso, não é? É alíquota de 2 pontos percentuais do ICMS, aí o parágrafo 6 do artigo tal tal tal...Fala que 15% desse aumento vai ser direcionado para o FEAS. Para o FEAS. Então é o recurso. Então quando a gente estava discutindo o cenário de aumento do piso, por isso que a gente apresentou aquilo lá na CIB naquele momento, que era, isso não tem a ver, enfim. É óbvio que pode ter, mas assim, não tem a ver direta ou indiretamente, diretamente não tem a ver com a discussão dos R\$300.000.000,00, dos R\$330.000.000,00. Tipo, isso é um recurso que está garantido na lei, então era isso. Então vamos propor e vamos executar o recurso que nós já temos garantido em lei e a discussão, toda a briga, toda a luta pelos R\$330.000.000,00 não está afetada por isso. Isso era, pelo menos, como nós pensamos e porque a gente apresentou aquilo naquele momento, não é? A CIB não aprovou, resolveu não pactuar, então nós não trouxemos para o CEAS, não é? Nós não trouxemos a pactuação para o CEAS na última plenária. Então assim, é isso, nós não usamos nenhum argumento, de nada, porque nós sequer trouxemos essa discussão para o CEAS porque não passou pela CIB. Agora, a gente continua defendendo a mesma coisa, não é? Que esse recurso que nós sabemos, enfim, o cálculo, o recurso, não é? A lei que disse que eram 900 e tantos milhões de reais o recurso previsto para o FEM esse ano, logo que a gente poderia fazer o cálculo de 15% dele tinha saído na semana anterior. Na semana imediatamente seguinte a gente faz uma reunião da CIB e apresenta. Ou seja, no primeiro momento que a gente tem o valor que a gente de fato poderia propor algum tipo de pactuação, a gente cria dois cenários, apresenta na CIB e tal. A CIB não pactua, a gente não apresenta no CEAS e a Mariana apresenta na

Assembleia a mesma coisa. Então assim, em relação àquilo que está na nossa governabilidade, a gente contou, disse, e é isso assim. A gente pode não ter respondido por escrito porque não nos foi perguntado por escrito, mas o nosso argumento para ter apresentado R\$137.000.000,00 naquele momento era esse, foi o cálculo de 15% considerando o aumento que a gente teria em relação ao que a gente já tem no plano de aplicação. Agora, o resto, as outras coisas de fato a gente, tipo, a gente não sabe, logo seria irresponsável a gente apresentar. E o outro ponto só, sobre a fonte de dados foi só porque o Marcelo falou na fala dele que historicamente tinha esse recurso de fonte 10 que estaríamos perdendo, aí eu só quis dizer que na verdade historicamente não tem esse recurso de fonte 10, assim, o que não é uma defesa de nada. **JENNIFER, PSIND:** Não, eu só vou te responder. Obrigada Marcela, mas ainda continua o questionamento. Mesmo se não é a SEDESE que tem que responder, nós queremos e exigimos uma resposta do Governo, de quem tem governabilidade para responder. Porque no mínimo nós deveríamos então estar aprovando hoje um plano pactuado na CIB com R\$225.000.000,00, se for o que a gente está entendendo. Mas eu entendo o quê que vocês estão explicando e o quê que vocês apresentaram para a gente, não está em questionamento porque que foi apresentado R\$32.000.000,00 por vocês, está em questionamento porque o Governo não nos dá uma resposta. **MATHEUS, MLGBT de Claudio MG:** Só evidenciar que eu estou enquanto representante desse CEAS na CIB e eu acompanhei a fala da Mariana na audiência pública, e só agora, com a sua fala, presidente, com o complemento da Marcela e do João Paulo, que aparece com mais nitidez que realmente essas duas questões estão separadas e que uma não depende da outra. Isso é um ponto que para mim parece muito grave só aparecer agora e não ter sido apontado com tanta clareza, com tanta firmeza e nitidez dentro da CIB, porque eu tenho certeza que a CIB pactuaria. Mas faltou essa explicação e esse entendimento evidente de que são duas coisas, são duas discussões. A discussão do FEM é uma discussão que nos afeta muito, dominou a CIB, mas faltou essa evidência nítida: “São coisas separadas”. A gente pode, pelo menos no entendimento que eu consegui compreender, que não sei o restante dos conselheiros. A gente poderia ter pactuado a questão do piso na CIB, já poderia ter trago aqui para o CEAS e já estaria com esse ponto resolvido. Então assim, eu vejo que é uma falta e eu quis fazer essa fala muito para trazer esse entendimento para os conselheiros de que só agora que aparece esse elemento, porque infelizmente, na nossa dificuldade de compreender, a gente achava que eram questões que estavam andando juntas. Que se não fosse resolvida a questão do FEM, a gente não ia caminhar com essa questão. E só agora, reforçando para que fique registrado, que aparece esse elemento de que são questões separadas. Então aí cabe até urgência. Vamos chamar a CIB que foi adiada, vamos marca-la novamente, vamos trazer isso com mais clareza para os municípios para a gente conseguir pactuar de fato. **Nelson, Sedese:** Assim, Matheus, eu compreendo quando você diz da compreensão de vocês só nesse momento, mas assim, só quero registrar que a Mariana, na apresentação dela, ela contextualiza isso, não é? Ela contextualiza que a discussão de ampliação do piso se baseia nos 15% que a gente tem de previsão e de vinculação do FEM. Então ela explica esse cenário, não é? Eu acho que a discussão, ela, naquele momento, como você diz aqui, ela ficou muito à voga do FEM e não permitiu que quem estava ali presente compreendesse o que

a gente estava dizendo. Mas é por isso que eu reafirmo, assim, a todo momento que a gente em nenhum momento está tensionando, pressionando, assediando ninguém para aprovação do que foi proposto lá. A gente está apresentando aquilo que é possível neste momento e que são discussões que podem caminhar de forma paralela, não é? Elas não precisam, a gente não precisa escolher uma ou outra, a gente pode discutir as duas coisas. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Pegando a fala do Matheus e o esclarecimento aí do Nelson. Porque não propor então que a gente caminhe junto, não é? Que a gente delibere hoje aqui como encaminhamento chamar a CIB para tentar, nesse prazo que ainda resta, garantir esse piso para o município, lá na ponta? Porque como a Letícia disse, não é nem garantia que a gente vai conseguir, mas porque que não em paralelo à discussão do FEM a gente chama uma extraordinária da CIB, vê a forma aí que pode ser feito e a gente tenta pactuar e garantir que o município lá na ponta receba essa pactuação e seja beneficiado ainda agora em 2024? Porque agora é uma luta contra o tempo, não é? Já que tem esse entendimento, como o Matheus trouxe, que agora ficou mais claro, talvez seja a hora de a gente se posicionar como Conselho e tentar garantir que o município não saia prejudicado lá no final por causa da discussão. **JOÃO PAULO, Sedese:** Nessa linha, não é? Não sei, parece, pelas falas, que estamos entendendo melhor a situação, então eu vou propor dois encaminhamentos que eu acho que é, pelo menos é na linha da interpretação e da minha avaliação do que a gente está conversando aqui. Propor dois encaminhamentos. Um, que a gente, que o CEAS, ele encaminhe para a SEDESE, eu não sei se é solicitação. É porque aí tem essa questão também. A CIB tem que olhar com os representantes da agenda para fazer essa convocação, não é fácil pelo número de pessoas. O tempo, ele é muito curto. Como eu disse, aí trazendo para vocês um pouco do cronograma, até o dia 06, então até o dia 05 teria que estar tudo ok. Para estar até dia 05, precisa de pelo menos uma semana antes, então nós estamos falando aqui dia 27, quinta-feira que vem. Não sei se a gente consegue uma CIB extraordinária com um CEAS extraordinário para poder deixar essa questão, mas o meu encaminhamento, o primeiro encaminhamento seria esse. Que a SEDESE propusesse uma CIB extraordinária e um CEAS extraordinário para poder apreciar essa questão dos 30 e pouco, a pactuação desses 30 e pouco para incremento do piso, enfim, como foi feito no mês passado. E o segundo encaminhamento, aí eu acho que é o que a Sociedade Civil trouxe, principalmente no início da discussão, que são novos ofícios ou novos encaminhamentos cobrando essa resposta. Então eu acho que pelo o que eu ouvi da discussão, seriam esses dois encaminhamentos, que é isso. E na minha opinião, deveriam caminhar paralelamente. Um não prejudica em nada o outro. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** Seguindo a sugestão do João Paulo, eu queria que a gente colocasse em pauta deliberar um ofício, apesar da SEPLAG já ter nos dado data, mas mostrando que nós estamos reiterando pela segunda vez, mostrando que temos um prazo de vedações eleitorais para seguir, por isso solicitando a urgência no atendimento da demanda do CEAS. Acho que a gente pode tirar um ofício. **JENNIFER, PSIND:** Então, gente, eu acho que assim, a gente vem dialogando há muito tempo. Nós nunca nos mostramos contrários ao diálogo, à negociação, à ampliação, não é? Nunca. A gente, Sociedade Civil, nós dialogamos muito. Então aqui nós fechamos foi dois acordos com o Governo, não é? A gente, não foi só um não, nós aceitamos duas vezes o

acordo com o Governo. Não me oponho, não vou me opor, assim, se for agendada reunião extraordinária da CIB, se for agendada reunião extraordinária do CEAS, plenária extraordinária, não estou me opondo pessoalmente, não é? Óbvio que a gente vai considerar todas as questões, Sociedade Civil, e vamos chegar a um posicionamento conjunto porque eu também não vou, estou falando aqui que aprovou nada. Porém eu ainda coloco o requerimento como exigência aí, não é? Para que a gente exija, enquanto CEAS, uma resposta, uma justificativa do Governo, não é? Que seja SEGOV, que seja SEPLAG, que seja o próprio governador assinando, quem é que seja. Que nos respondam justificando, falando qual que é o posicionamento do Governo acerca dos R\$332.000.000,00. Se: “Ah, não, a gente não aceita que vai ser considerado da fonte 10 que está lá na LOA”, mas que venha uma justificativa para a gente, por escrito, para que a gente possa avançar nesse diálogo. Porque nós exigimos uma resposta. A gente não pode ficar sem uma resposta. Eu acho que toda a população de Minas Gerais precisa de uma resposta sobre isso. **Nelson, Sedese:** Então, não sei se a gente pode tirar os encaminhamentos da nossa discussão. E aí entendendo ali, depois eu vou pedir, não é? Acho que porque a Secretaria Executiva foi encaminhando várias situações aqui, mas eu acho que todos, a gente resume todas as falas aqui no envio então de um ofício desse Conselho para a SEPLAG, SEGOV, SEDESE, não é? Acho que reiterando todos os outros encaminhamentos. E aí eu estou falando isso, é para a gente deixar registrado aqui qual que é o nosso encaminhamento, não é? Então reiterando todos os encaminhamentos e solicitando informações a respeito dos valores que foram apresentados pela Assembleia e que serão disponibilizados pelo Estado para o FEAS, é isso? Eles estão, o pessoal só sinalizando aqui de disponibilizar o ofício antes de encaminhar, na mesa diretora, para a mesa diretora avaliar ali o conteúdo. E sim. Estão pedindo aqui para que o encaminhamento, só para a gente registrar, gente. É um único ofício para os três órgãos, certo? A gente encaminhar um único ofício para a SEDESE, SEPLAG e SEGOV, para manifestar com relação aos encaminhamentos anteriores e a informação dos valores. E aí a gente vai enviar neste mesmo ofício reiterando a necessidade da reunião com os três órgãos, é isso? **JENNIFER, PSIND:** Então. Eu acho que o requerimento, é o seguinte. Um ofício para reiterar os pedidos que foram feitos sobre reuniões, mas também pedindo uma justificativa por escrito, não é? Uma resposta de qual é o orçamento que o Governo entende que vai ser disponibilizado e que está na lei, como que é esse entendimento, não é? O quê que vai ser realmente efetivado no ano de 2024. Porque a SEDESE tem de disponibilidade agora mais R\$32.000.000,00, que é o que foi apresentado. Mas aí é diante do que foi aprovado na Assembleia, o quê que vai ser ainda disponibilizado após isso. **Nelson, Sedese:** Então, gente, ficou claro o encaminhamento? Ofício para os três órgãos. É um ofício só, gente, reiterando as duas coisas. Então enviar ofício para a SEPLAG, SEGOV e SEDESE reiterando as informações apresentadas e todos os documentos, solicitando informações sobre a disponibilização dos valores apresentados pela MMG dos recursos, R\$330.000.000,00, com uma justificativa do Governo de qual o valor que será apresentado ao FEAS, não é? Gente, é porque nós estamos comentando aqui e não está registrando as informações na ata. Então só junta, Poliana, por favor, as duas informações que é reunião e solicitação de informações. É um ofício só com as duas

questões. **JENNIFER, PSIND:** Aí na lei da transparência, oi? Ah, tá. Só para reafirmar então, colocar o prazo de 5 dias que é o que dispõe a lei de transparência para resposta desse ofício. Então gente, o encaminhamento é enviar ofício para a SEPLAG, SEGOV e SEDESE reiterando as informações apresentadas e todos os documentos, solicitando informações sobre a disponibilização dos valores apresentados pela MMG, bem como os recursos, com a justificativa do Governo de qual valor do orçamento será disponibilizado para 2024. Isso, aí solicitando, além disso, não é? Solicitando reunião com os órgãos e um prazo de resposta de 5 dias. Então a gente pode votar no encaminhamento? Está compreendido, gente? Podemos votar sobre esse ponto, gente? Prazo máximo de resposta: 5 dias. E o envio do ofício, até segunda-feira. Assim, eu estou pedindo para ser à tarde porque a Secretaria Executiva vai se reunir na segunda-feira para fazer o ofício de manhã, a gente encaminha na mesa diretora, até que os membros da mesa diretora sinalizem assinatura do ofício, então com esse prazo aí de segunda-feira até o fim da tarde. Cinco dias a partir do recebimento, não é? **Jennifer, PSIND:** Então é a partir de terça? **JOÃO PAULO, Sedese:** É importante colocar 5 dias a partir, qual que é o, o prazo vai correr a partir de quando? Se é do envio, do recebimento? Porque se a gente coloca 5 dias, pode ser de hoje, da plenária. Então para a gente colocar, só deixar registrado esses 5 dias. Não, sim, eu só estou colocando para a gente registrar isso. Eu não sei se o envio ou recebimento. **Jennifer, PSIND:** Os 5 dias vai dentro do ofício, entendeu? **JOÃO PAULO, Sedese:** Sim, só estou falando para a gente registrar esse prazo para não ter questionamento. **Nelson, Sedese:** Gente, então está registrado ali com prazo máximo de resposta de 5 dias a partir do envio. Podemos votar no encaminhamento? Então pela aprovação. Reprovações. Abstenções. Então aprovado o primeiro encaminhamento. **ROSALICE, CMSSVP:** Eu queria saber, entender um pouco do outro encaminhamento que foi proposto, que é a plenária extraordinária, não é? Eu até anotei aqui, a próxima é cobrar a plenária extraordinária CEAS e CIB. Essa plenária extraordinária seria após essa reunião da CIB, é isso? **Nelson, Sedese:** É. Na nossa estrutura de pactuação de recursos, primeiro CIB e depois CEAS. E aí só para registrar, gente. Eu entendo, como eu já mencionei aqui que eu entendo que são discussões distintas que podem caminhar paralelo, eu entendo que a justificativa que o Conselho está solicitando a respeito do valor disponibilizado para 2024, ela não está atrelada à pactuação de aumento de piso que foi proposto lá na plenária anterior. Então, assim, só para registrar que eu entendo que são duas coisas distintas, então por isso que estamos votando aqui encaminhamentos distintos, não é? E aí também que uma reunião extraordinária CIB e CEAS, não necessariamente elas vão, são separadas, e que não necessariamente elas vão ser, nós não vamos falar aqui qual que vai ser a data da extraordinária realizada pela CIB e também não vamos falar da extraordinária realizada pelo CEAS porque precisa a SEDESE apresentar isso, solicitar para a CIB e aí após aprovado e discutido em CIB que a gente tem também uma plenária do CEAS, não é? **MARCELA, Sedese:** Não, gente, só uma questão assim. Não vai ter data, não podemos marcar a data, etc, mas só preocupada com operacionalização. A gente precisa fazer isso até metade da semana que vem porque a gente precisa de uma semana, pelo menos, para operacionalizar isso. E assim, se pactuar, tem que publicar, entendeu? Todos os fluxos. Então a gente precisa da outra semana, então é isso, assim.

Sei lá, acho que o prazo é 27 ali, morrendo. Porque aí, mas assim, só para ficar de pré-aviso mesmo. Enfim, pensar aí. **Nelson, Sedese:** Então assim, gente, registrando o que a Marcela trouxe mais uma vez. Eu também já falei disso aqui, de prazos para operacionalização de qualquer que seja dos encaminhamentos nossos, não é? Quando e se pactuado qualquer cenário diferente do que a gente tem hoje, isso tem que acontecer antes do período eleitoral, mas antes disso tem uma questão de operacionalização dentro do FEAS para garantir que isso também seja efetivado, não é? Porque se não, também, eu acho que é isso. A discussão, ela precisa acontecer de maneira que a gente consiga efetivação daquilo que foi o aprovado por nós. E aí lembrando que é muito possível que essas, muito possível não. Entendendo que essas reuniões, elas vão acontecer de forma virtual, até porque a gente não vai conseguir operacionalizar uma reunião presencial com tão curto prazo. **JENNIFER, PSIND:** Eu acho que, colocar aqui que quando a gente dialoga, eu gosto muito de dialogar, de negociar, de a gente estar abertos a ouvir uns aos outros, eu acho que isso é muito benéfico. E a gente, mesmo que discordando em alguns pontos, eu fico muito feliz que essa plenária aqui consiga avançar nos diálogos. Mas aí eu só vou reforçar, presidente, para fechar, de que a gente, para que também quem é da SEDESE, quem é aqui do Governo, não é? SEGOV, Tomás. Que reforce a necessidade que nós temos de uma resposta completa para que a gente realmente possa ir para essas extraordinárias com a sensação de ter sido pelo menos atendido nas nossas respostas. Porque não adianta nada a gente fazer esse exercício aqui de diálogo, de construção conjunta, de “estamos pactuando” e chegar uma resposta incompleta que não satisfaz, que não traz realmente um entendimento do quê que vai ser disponibilizado ou não e a gente tem que novamente vir para mobilização, vir para a nossa reunião ali de Sociedade Civil e falar: “Não, assim não dá porque nós não temos nenhuma resposta do Governo”. Então assim, mobilize também para que a gente receba essa resposta e que seja uma resposta satisfatória para que a gente possa ir para o diálogo dentro da CIB e também na extraordinária com sensação de que: “Olha, tá, nós não estamos satisfeitos ainda no resultado, mas nós temos pelo menos uma resposta satisfatória e uma justificativa”. Então que a gente possa avançar nisso, está bom? Obrigada. **Nelson, Sedese:** Então assim, gente, acho que esse segundo ponto de discussão, de realização de extraordinária, não é necessariamente um encaminhamento, não é? Porque a gente não vai acordar aqui ainda uma data, não vamos convocar, não é? A gente não tem a matéria ainda para poder dar andamento nesse ponto, mas acho que é só importante a gente deixar registrado que é possível uma extraordinária ainda na semana seguinte, com base aí nessas nossas discussões. Isaque. **ISAQUE, MQVRD:** Pensando um pouco nesse encaminhamento, eu acho que se o CEAS vai enviar um ofício para a CIB chamando para discutir, eu acho que é fundamental também que seja repassado para a CIB qual que é o entendimento que o CEAS está tendo hoje, porque que o CEAS está fazendo esse movimento, está bom? Inclusive ali, levando essa fala do Matheus. Até esse momento não havia esse entendimento, então assim, o CEAS só está encorajando, chamando a CIB para discutir porque há esse novo entendimento que chegou aqui como uma novidade para a gente hoje. Acho que é interessante contextualizar isso na hora que for enviar para a CIB. **ROSE, Sedese:** Eu acho que assim, se a gente for articular a CIB, por exemplo, na segunda-feira, então não vai ter

tempo. A gente vai convidar o CEAS e o CEAS pode fazer essa contextualização na própria reunião. Porque eu acho que o encaminhamento ali, para enviar ofício, para mandar o que foi discutido, não vai ter tempo hábil para isso. Então assim, eu só sugiro que seja com a presença do CEAS para fazer essa contextualização na reunião da CIB extraordinária. **Nelson, Sedese:** Gente, então nosso encaminhamento é realizar extraordinária na semana que vem, considerando todos esses prazos, então fica como um pré-indicativo de realização de plenária na semana seguinte, e da participação do CEAS na CIB, inclusive para que o CEAS possa contextualizar essa discussão nossa feita aqui hoje, certo? Esse é o nosso segundo encaminhamento. **JENNIFER, PSIND:** Sim. Aí, só evidenciando que a gente vai para extraordinária após uma resposta do nosso, desse ofício que vai ter um prazo de 5 dias aí. **JOÃO PAULO, Sedese:** Não. Novamente, são coisas paralelas, não é? Aqui, aí eu acho importante esclarecer, realizar extraordinária do CEAS desde que se tenha a CIB. Eu acho que até aí, na fala da Jennifer, não é? Do ofício não. Porque senão, não justifica o CEAS fazer extraordinária se não tiver pactuação de CIB. **MARCELO, OAB-MG:** Eu acho que Jennifer quis dizer, é que como a resposta que a gente precisa é de 5 dias, não é? Parece que você está querendo vincular a reunião extraordinária do CEAS à resposta de um desses entes aí que vão responder para a gente de forma objetiva e clara sobre essa situação. De repente SEDESE tem condições, SEPLAG ou SEGOV, nesse sentido. Não é isso que você está querendo dizer? **MARCELA, Sedese:** Só vou, gente, é, só vou falar. A SEDESE, o que a SEDESE tem para a dizer a gente tem dito em todos os lugares, todos os espaços, e a gente pode escrever, mas assim, é isso. O que a gente vai dizer é isso. A gente não consegue garantir que a SEPLAG e a SEGOV respondam, até porque 5 dias a partir do envio, mesmo que o envio seja agora, o recebimento não é imediato. Tem que assinar, não sei o quê. Então assim, 5 dias, o que a gente está dizendo é a semana que vem inteira. Acabou a semana que vem. Se não fizermos até o dia 27, eu estava confirmando aqui com a Roberta. Se não, se a gente não tiver essa definição até o dia 27, a gente não consegue. Por quê? Porque tem que, aí só questões operacionais. Tem que abrir 853 planos de serviço, pedir aditivo, conseguir assinatura de prefeito e a gente tem uma semana para fazer isso assim. Se não, então é uma questão dessa. E de novo, foge da nossa governabilidade, não é? É óbvio que a gente pode tentar, mas não temos. **JENNIFER, PSIND:** Posso então só fazer um pedido? Que a SEDESE então pelo menos formalize o que está sendo falado em todas as reuniões para a gente, como que está sendo disponibilizado, assim, e aí a gente segue esse planejamento, esperando a resposta das outras secretarias. Pode ser? **Nelson, Sedese:** É isso, assim. A gente não responde, é isso. Vou sinalizar aqui, não é? A gente vai, enquanto Subsecretaria de Assistência Social, mesmo assim a gente ainda se remete à Mariana, nossa subsecretária não pôde estar aqui hoje, mas a gente vai tentar articular para trazer essa resposta com antecedência. Mas é isso, eu estou sinalizando quais são as nossas possibilidades, não é? Agora, no que diz respeito a SEPLAG e SEGOV, a gente não consegue dizer que essa resposta vai anteceder uma possível convocação de extraordinária. **Jennifer, PSIND:** Tudo bem. **Nelson, Sedese:** Então estamos acordados com o encaminhamento? Então o segundo encaminhamento é realizar extraordinária do CEAS na semana que vem, ainda em data a ser apresentada, não é? A gente ainda precisa de outros encaminhamentos. E a

participação do CEAS na CIB para contextualizar, depois também de informar sobre essa data, para contextualizar da situação discutida aqui. A gente está colocando que a discussão, a extraordinária tem que acontecer na semana que vem. Porque a Marcela trouxe aqui para nós da discussão que ela está fazendo ali também, de forma paralela com o FEAS, para entender qual que é o prazo para operacionalização desses encaminhamentos. Então semana que vem seria um limite para a gente realizar a reunião. **ALEXANDRE, SEAPA:** Só, é virtual a reunião? **ANA CAROLINA, Secretária executiva:** Só para alinhar. A reunião com a SEPLAG, vocês confirmam então? A reunião com a SEPLAG de quinta-feira, dia 27, que eu coloquei na mesa diretora. Posso confirmar? **Nelson, Sedese:** É isso assim. São duas questões paralelas, então pode manter. Gente, então está claro o segundo encaminhamento para todo mundo? Podemos votar? Então gente, só registrando aqui de novo. A SUBAS vai articular a resposta ao CEAS, mas daquilo que compete à SEDESE e daquilo que a gente está trazendo e apresentando aqui para vocês. **SIMONE, CFR:** Pessoal, gostaria de pedir novamente que a Sociedade Civil pudesse mais 5 minutos, bem rapidinho ali. É 5 mesmo. **Nelson, Sedese:** Então só para deixar registrado aí a suspensão da reunião por 5 minutos. Retomando a nossa reunião. Eu vou, antes de passar para a Sociedade Civil trazer o retorno da reunião, só se atentar, só registrar porque a gente colocou ali como prazo máximo de resposta 5 dias a partir do envio e a lei de acesso à informação, ela não fala de 5 dias. Ela coloca um prazo de 20 dias, podendo ser prorrogado por mais 10. E aí eu, só para registrar isso, assim, que a gente está deliberando de um prazo que também a gente não, eu acho que a gente pode criar até algum atrito, não é? Colocando um prazo superior ao que está estabelecido em lei, não é? Então eu acho que a gente pode registrar, e aí se o Conselho concordar porque a gente já disse desse encaminhamento, da importância que essa resposta seja o mais rápido possível e que considere, para além disso, a lei de acesso à informação, não é? Para demarcar que a gente precisa de uma resposta em no máximo 30 dias. Porque é isso, assim, é o que a lei traz. Aí para além disso, a gente vai articular e tentar que essa resposta venha antes, mas é importante registrar que a lei da informação diz de 20 dias prorrogados por mais 10. **MARCELO, OAB-MG:** A Sociedade Civil reuniu agora e estou achando ótimo essa plenária porque ela está demonstrando como a gente disputa e luta pela política de assistência social. E de antemão, já quero cumprimentar todos os conselheiros, em especial os conselheiros da Sociedade Civil que têm lutado muito para que a gente possa garantir o mínimo para a assistência social no nosso estado. Presidente, nós, em reunião nós entendemos da desnecessidade do segundo encaminhamento. E entendemos desnecessário porque diante do ofício que nós estamos pedindo encaminhamento, para que seja encaminhado e já foi deliberado, considerando que a governabilidade e autonomia da SEDESE de chamar a CIB e a responsabilidade da SEDESE de chamar a CIB, é uma responsabilidade dela da qual o CEAS não tem autonomia, não é? Isso inclusive foi dito pelos técnicos da SEDESE que estão aqui. Então assim, a gente entende da desnecessidade justamente por isso, porque compete à SEDESE tomar as medidas necessárias para que os recursos do FEAS sejam passados pela CIB e chamados para, pactuados na CIB e chamados para deliberação aqui no CEAS, não é? É isso que a gente entende e entendemos que caso seja chamado a Sociedade Civil, o

Governo como um todo seja chamado para a reunião do CEAS, de forma extraordinária, *online*, seja da forma que for, nós da Sociedade de Civil, a gente entende da necessidade de que uma resposta seja dada para a gente antes desta reunião. Era isso. Alguma coisa mais, companheiros? É isso? Muito obrigado. **Nelson, Sedese:** Então eu também compreendo, não é? Que assim, que é isso. A gente não vai deliberar sobre a realização da reunião da CIB e nem da extraordinária porque a gente não tem desse indicativo, não é? Mas aí só, então acho que é importante registrar e solicitar, não é? Porque a gente já votou. A gente pode fazer a alteração com relação ao prazo? A gente pode colocar como indicativo que a resposta venha em 5 dias, mas isso não diz da lei de acesso à informação que é o que foi falado anteriormente. Eu preciso registrar isso aqui. **JENNIFER, PSIND:** Eu acredito que pode ser citada a lei de informação para que reforce a necessidade de uma resposta e também que seja explícito que nós queremos uma justificativa do total desse valor, não é? Então explicitando o que realmente nós temos e sobre a necessidade, e que é isso, assim. Eu acho que não precisa então de citar 5 dias, mas citando a lei. É, um indicativo de, não, pode ser assim. Eu acho que a gente só cita a lei e colocar 20 dias. Pois é. E fazer um pedido de que seja dentro de 5 dias, não é? Fazendo um pedido. Mas realmente, se a gente dar assim, a questão da lei porque a lei vai obrigar uma resposta, você entende? Então se ela não vier em 5 dias, que venha em 20, mas que nós tenhamos uma resposta. É isso. **Nelson, Sedese:** Então a gente pode caminhar para os próximos pontos? Está todo mundo de acordo? A gente já tinha deliberado e aprovado a primeira, o primeiro encaminhamento e o segundo a gente está retirando ele, considerando da autonomia e da forma de execução também das demais reuniões. No primeiro encaminhamento, Secretaria Executiva, só colocar: “Indicativo de resposta, 5 dias a partir do envio” e citar a lei, não é? A gente justifica o motivo dos 5 dias, não é? Da importância de ter acesso à resposta o quanto antes. Certo? A gente vota de novo no encaminhamento? Então pela aprovação do primeiro encaminhamento. Gente, então votando, já vamos votar de forma conjunta. Então aprovação do primeiro encaminhamento e a retirada do segundo. Então pela aprovação. Reprovações. Abstenções. Então aprovado e pauta vencida, não é? O nosso próximo ponto de pauta é a respeito do ofício circular 01/2024 do CNAS que trata da programação orçamentária do exercício de 2025 para realização de conferências estaduais, municipais e do Distrito Federal. Então o CNAS encaminhou um ofício para os conselhos estaduais indicando a importância dos conselhos estaduais se atentarem no processo de discussão do orçamento do ano de 2025, da inclusão e da necessidade de a gente realizar as conferências estaduais e municipais no ano seguinte. A mesa diretora fez já a leitura desse ofício e a gente, enquanto mesa diretora a gente já fez um indicativo de encaminhamento, então eu já trago aqui como uma proposta de encaminhamento. Do envio de um ofício por parte do CEAS aos conselhos municipais de assistência social para que eles fiquem atentos e junto das secretarias municipais de assistência social, e de um envio de um ofício para a SEDESE solicitando a indicação de como esse processo se dará com o CEAS e da participação do CEAS nesse processo, e da importância do recurso para a conferência estadual no ano de 2025. **ROSALÍCE, CMSVP:** Ontem a Sociedade Civil também discutiu sobre esse ofício e nós queremos fazer um encaminhamento aqui. Já pedi a Comissão de Orçamento para se debruçar

sobre esse orçamento e também a Comissão de Monitoramento, ela já começar a pensar, discutir sobre a conferência para o ano que vem. Por que, Nelson? A gente está querendo, a gente discutiu muito sobre como que é o padrão de conferência durante todos esses anos e a gente não vê que há uma avaliação, que não há um controle social efetivo nas deliberações, nos encaminhamentos. Tem muitas deliberações que vêm dos municípios que é a mesma que vem durante todo o período, então a gente quer discutir, já começar esse ano essa discussão das conferências, aquilo que dá para a gente já ir conversando, verificando local, verificando a estrutura que vai ser essa conferência para quando a gente chegar no ano que vem, a gente já ter pelo menos metade das coisas encaminhadas para a gente fazer diferente. A gente quer uma discussão diferente que avalie não só os pontos que já vêm sendo discutidos durante os anos, a gente quer avaliar um pouco a qualidade também desse serviço que está sendo avaliado. Então a gente já faz esse encaminhamento aqui, Comissão de Orçamento e também a Comissão de Monitoramento das conferências também começarem a fazer essa discussão. **Nelson, Sedese:** Laís, se quiser me complementar, mas ontem na Comissão de Monitoramento a gente já fez uma discussão e a gente já tirou como encaminhamento da comissão, aí é algo que não precisa necessariamente passar pela plenária, mas já há um encaminhamento da Comissão de solicitar à SEDESE a avaliação que foi feita nas pré-conferências regionais e na conferência estadual para que a Comissão possa fazer essa análise e já iniciar a discussão de proposta, não é? De metodologia e de organização da conferência que se realizará em 2025. **JENNIFER, PSIND:** Então, dentro da nossa Comissão de Orçamento e aí seria nosso informe, então subindo a pauta aí, mas a gente também discutiu bastante como que a gente vai trabalhar isso, não é? Como que a gente vai se organizar. A gente fez solicitação à Secretaria Executiva para trazer todo o histórico para a gente, para a gente se preparar para que quando esses encaminhamentos forem avançar e for criada a comissão, a gente também pretende, a gente faz a solicitação de que tenhamos representantes também da Comissão de Orçamento dentro da comissão de planejamento da conferência, para que a gente esteja acompanhando também o processo e a gente vai se debruçar sobre isso para que a gente esteja preparado para poder auxiliar, não é? E que tudo corra aí de uma forma mais estruturada e também que a gente não fique, como às vezes, não é? Só no último minuto resolvendo as coisas, mas que a gente consiga acompanhar todo esse processo. **ISAQUE, CQVRD:** Ainda sobre esse ponto de conferência, a gente teve um debate longo na Sociedade Civil, mas um dos pontos levantados, assim, que está entre as prioridades e acredito que precisa ser trabalhado ainda esse ano é o levantamento de locais disponíveis para execução da conferência, não é? Porque na conferência passada a gente experimentou alguns perrengues por termos demorado a discutir alguns pontos. Essa questão do local mesmo foi uma delas. Eu lembro de conferências passadas em que no ano anterior a gente já tinha a publicação com data da conferência estadual, local, período. Então assim, entre os pontos a se pensar, começar o levantamento de locais disponíveis para que a partir do local fique mais fácil para que a gente trabalhe as outras coisas. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabricio:** Inclusive dizer assim, que para a gente aprovar e conversar sobre, a Comissão de Orçamento aprovar e conversar sobre o planejamento orçamentário do ano que vem, aprovação da LOA do ano que vem, a

gente tem que ter previamente um planejamento do estado para se debruçar sobre ele, não é? Se a conferência custa R\$4.000.000,00, porque ela custa R\$4.000.000,00, não é? Enfim, para a gente até poder planejar nossa LOA e garantir esse recurso na LOA, sem precisar de nenhuma emenda e nenhum sufoco depois. **Nelson, Sedese:** Então acho que é isso, assim, as comissões se manifestaram a respeito do pedido. Eu acho que o que cabe de encaminhamento aqui na nossa proposta, então é de que as comissões mantenham essa discussão, não é? Porque as comissões se anteciparam ao pedido. E a respeito do envio do ofício para a SEDESE e conselhos municipais. **ROSALICE, CMSSVP:** E a gente queria também ver se mais para frente um pouco, se já começasse a pensar na formação da comissão da conferência. Porque começa com a Comissão de Monitoramento e depois a gente tem que criar uma comissão para, junto com a Comissão de Monitoramento, trabalhar e começar a organizar a conferência, então seria uma comissão de organização que é a comissão mais a comissão de acompanhamento, tá? Aí mais para frente a gente começar a pensar nisso. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Nelson, você poderia explicar para as pessoas sobre o processo licitatório porque a gente pode falar sobre o que a gente quer, mas não escolher os locais que você colocou ontem na Comissão de Monitoramento. **Nelson, Sedese:** É porque ontem, quando essa discussão surgiu, e aí já também respondendo o que a Rosa aqui colocou sobre o GT, não é? Eu expliquei assim, primeiro eu acho que o trabalho inicial se dá na comissão porque a comissão tem essa atribuição, então primeiro a comissão inicia para depois a gente formar um GT com outros membros que vão agregar esse processo, não é? Então é isso. Assim, eu acho que a gente precisa iniciar primeiro essa construção, fazer uma leitura dos dados. Quem esteve aqui, acho que a grande maioria estava lá na conferência, não é? Então respondeu questionários para a gente entender da estrutura, da organização, não é? E aí a Laís trouxe essa questão, o Isaque disse aqui agora, porque o processo, para realização da conferência a gente vai precisar desenhar um contrato, um processo para uma empresa que vai executar todo o serviço, seja ele de *coffee break*, de alimentação, local, de estrutura. E nesse processo a gente não indica marca, a gente não indica qual que é especificamente o local que vai ser realizado. A gente indica próximo, quilometragem que as pessoas poderão ficar hospedadas àquele local, qual que é a estrutura que precisa ter o local, o local precisa ter uma estrutura para receber quantas pessoas, quantas salas separadas para organização da conferência. A gente não indica o local, a não ser que a gente utilizasse um local que fosse público, do Estado. Se fosse um local do Estado aí a gente pode fazer a indicação e aí a gente não vai contratar uma empresa para realizar. Então assim, acho que é isso, não é? Que a Laís quis que eu explicasse, que não existe uma indicação de um local que não seja público. **MARCELA, Sedese:** É só, várias pessoas já estiveram aqui em outros momentos, a gente já esteve em outras organizações. Organização da conferência, ela exige muito, mas eu acho que é uma ótima fazer o levantamento dos lugares possíveis para poder fazer o pensamento de como que vai ser estruturado. Só para dar um exemplo do que aconteceu na conferência passada. Na conferência passada o CEAS estabeleceu que a conferência seria para 1.200 pessoas. Isso significou que na região metropolitana só tinham dois lugares que conseguiam fazer isso e isso reduziu muito o, e aí enfim, várias consequências, tanto de data, quanto de local. Então assim, conhecer o mercado

também, então fazer essa pesquisa de mercado, esse levantamento antes de estabelecer quantitativo de pessoas, locais, tudo mais, é importante. De fato a gente não pode escolher, a gente não pode escolher o lugar antes da realização, mas a gente pode pensar quais são os melhores critérios para a própria conferência a partir de conhecer o levantamento mesmo, de qual é a capacidade de auditório, capacidade de hospedagem dos lugares em Minas Gerais assim. E pensar, enfim, a partir também da leitura crítica de vocês do quê que foi a última conferência. **ROSALICE, CMSSVP:** Eu queria até que a Mira me recordasse a memória assim, mas já houve conferências que a gente, a Secretaria Executiva já começava a pesquisar locais já em novembro do ano anterior. E esses locais eram reservados com antecedência, não é? Agora pode ter mudado, assim, é porque eu vim buscando na memória. A conferência, ela é convocada pelo Conselho Estadual, Marcelo lembra disso, a gente convocada a conferência estadual em dezembro. Em dezembro do ano anterior a gente já começava a pensar a conferência e já começava a Secretaria Executiva a buscar locais na região metropolitana onde pudesse realizar conferência. Geralmente era SESC Venda Nova, mas tinha uma estrutura totalmente diferente em relação aos serviços públicos que eram oferecidos, que levavam até lá, era Minascentro, a gente já fez uma conferência maravilhosa dentro do Minascentro. Nós estivemos lá no Tauá também. É, aí a gente, assim, era reservado com um período muito, com muita antecedência, sabe? Então essa é a memória que eu tinha das conferências presenciais aqui no CEAS. Por isso que é interessante a gente já pensar em um local para a gente já pensar em uma reserva, alguma coisa assim. Eu não sei como que funciona agora a organização das conferências presenciais. Não era assim, Mira? Ou eu estou? **ADELMIRA, Secretaria executiva:** A Rosa tem muito mais experiência do que eu de conferência, não é? Mas quando eu cheguei aqui, então se fazia realmente essa pré-reserva de lugar, mas eu não sei apontar se era por processo licitatório, como hoje é feito, não é? Então que o Minascentro antes era do Estado e hoje está com uma cessão, não é? Então não funciona da mesma forma. Eu também acho que para a gente pensar o local, a gente primeiro tem que definir uma série de coisas, não é? Assim, quantas pessoas, quantos serão os delegados. Então uma coisa que foi apontada aqui é realmente esses quantitativos de delegados porque fica muito difícil um número muito grande e depois a gente não acha lugar. Então é uma coisa que deve debater na comissão, ontem a gente falou sobre isso, para a gente analisar a avaliação da última conferência, identificar os pontos negativos e positivos e a Comissão propor para vir depois para o grupo, para o GT ou uma comissão que vai organizar a conferência, e vai propor como seria a conferência que o CEAS quer, não é? Em relação à participação de usuários, como que a gente vai conseguir garantir uma maior participação de usuários, porque a gente viu na última conferência que às vezes muitas regionais não mandam delegados e é importante a gente pensar como que vai ser essa representação das regionais, porque às vezes, a gente viu que muitas regionais ficaram esvaziadas. Então como que a gente pode garantir essa participação, mas uma participação mais efetiva, inclusive da Sociedade Civil. Então a gente tem que pensar muito bem como que a gente quer essa próxima conferência. **LETÍCIA, CMAS Cel Fabriciano:** Nós já temos a comissão? Ou é uma comissão extra, não é? Porque a gente já não tira a comissão para começar os estudos, etc? **Nelson, Sedese:** É porque o que eu estou explicando aqui,

Letícia, é que a gente já tem uma comissão que tem como atribuição pensar na conferência, não é? A gente, a Comissão de Monitoramento, ela tem esse papel, então a gente já está fazendo isso. Então a gente está olhando para as deliberações, para entender o quê que está avançando e o quê que não, e a gente já tirou como encaminhamento a solicitação de informações para a SEDESE a respeito da pesquisa que foi feita da estrutura, do local, da organização, então para a gente iniciar esse estudo. Então o primeiro passo é essa comissão fazer essa análise, aí na sequência a gente apresenta isso para a plenária e aí a gente vai tirar um grupo de trabalho para organização. Com relação à questão que a Rosa trouxe, é isso, assim. A gente pode buscar esses lugares, não há um problema. A gente só não vai poder indicar qual local vai ser, isso se tratando de um local privado, não é? Se for um local público, a gente consegue fazer essa reserva. Hoje, em se tratando de local privado, a gente não consegue. E antes, a Rosa citou alguns aqui, então alguns dos exemplos, não é? Assim, eram prédios públicos e hoje tem uma cessão, aí a gente depende desse processo também de pagar esse local e aí isso implica no processo licitatório. **JENNIFER, PSIND:** Só fazer um pedido, presidente. Se puder compartilhar com a Comissão de Orçamento esses documentos para que a gente vá se apropriando mesmo para quando chegar a hora a gente estar mais preparado e não precise ficar correndo atrás também. **ISAQUE, CQVRD:** Assim, eu compreendo as dificuldades, a burocracia no Estado relacionado a escolhas e tudo mais, mas entendo também que fica a cargo do CEAS esse controle de qualidade da conferência. E assim, a gente chama a atenção é para que esses levantamentos, eles sejam, eles ocorram antes porque, assim, a gente teve um problema sério na conferência passada que é de, fomos forçados a adiar a conferência com um mês de antecedência porque não tinha um local. Porque começamos a, esse processo de seleção foi feito em cima da hora e não apareceram no momento. Algumas coisas a gente não conseguiu fazer com que os delegados da conferência aproveitassem melhor a conferência por causa de que a gente incorreu em possibilidades que estavam relacionadas ao prazo e o local é um dos principais, assim. É só para que esse grupo de organização seja feito antes, que a gente tenha tempo para discutir as coisas com calma e acertar ao máximo para que os delegados tenham a melhor participação possível na conferência. **Nelson, Sedese:** Bom, gente, então assim, é que a gente fez uma discussão já paralela aqui ao encaminhamento que é a respeito da conferência. Eu entendo, quero registrar também assim, o esforço da SUBAS principalmente, Marcela que está aqui, para que a conferência acontecesse e da forma como ela aconteceu ano passado, porque foram noites sem dormir, assim. Posso afirmar isso, assim, que nós ficamos noites sem dormir. Eu não estava no Conselho, mas eu fui uma das pessoas que virei noites trabalhando para que Marcela e João Paulo, e todos os demais lá, para que a conferência acontecesse. Então só quero deixar registrado assim, que mesmo com alguma dificuldade, com a conferência sendo adiada pela falta do espaço, na época a gente se empenhou muito para que ela pudesse acontecer. **SIMONE, MFR:** Eu não podia, acho que por estar nesse movimento, não é? Por ter participado da contribuição da conferência, não dá para mim ficar aqui, é aquilo que eu disse para a Sociedade Civil ontem, não é? Eu estou nesse mandato e eu não posso, hora nenhuma, achar que o mandato anterior não fez, até porque eu saindo daqui, espero que os próximos que

sentarem aqui reconheçam o esforço e o trabalho da gente aqui, as limitações, não é? Então dizer da conferência, teve sim vários gargalos, mas falando como usuária e falando como Simone, eu me dediquei demais, sabe? Então assim, meu esforço foi muito gigantesco. Então houve falhas e vai ter falhas sempre, a gente vai fazer e vai ter falhas também, sabe? Mas eu não posso aceitar literalmente assim porque eu me dediquei demais, os meus parceiros dedicaram demais. Eu era da Comissão de Monitoramento na época, fui do GT, participei assim, gente, eu dediquei para a conferência de uma forma que assim, eu vou ser bem sincera. Eu só estou, eu só fui reeleita porque graças a Deus eu sempre trabalhei com muita transparência porque nem campanha eu consegui fazer, porque eu me dediquei tanto à conferência que eu esqueci que eu tinha que fazer campanha. Então eu vou até dedicar a minha reeleição ao Leon e ao Matheus que deixaram de fazer campanha para eles para fazer campanha para mim dentro daquela conferência. Acho que é o momento então de eu até dizer disso, não é? Gratidão, porque realmente eu esqueci de fazer campanha. Então assim, teve falhas, sabe? Mas a gente também tem que, eu acho que a gente tem que reconhecer o esforço, a dedicação. Teve muitas coisas que não eram da nossa competência logicamente, mas a gente se dedicou demais. A gente assim, eu cheguei no domingo, saí da minha casa, lembro, no domingo, 13h da tarde, e fiquei aqui nessa estação aqui na Praça da Estação e quando eu cheguei lá no Tauá era quase 1h da manhã, preocupada com o quê que a gente ia comer, não é? O pessoal falou: “Não, preocupa não que pelo menos a comida para vocês...”, que não era só eu, “...já estavam garantidas”. Então ou seja, assim, teve falhas, algumas falhas que logicamente que graças a Deus vou estar novamente nessa composição, então as falhas que foram o gargalo vou conseguir traduzir agora. Mas eu gostaria muito de pedir vocês, assim, a valorização mesmo, sabe? Da dedicação. Porque foi muito, muito trabalho, muito árduo. Foi doentio, não é? Eu lembro que depois que terminou a conferência eu fiquei três dias de cama porque assim, junta a emoção, junta o prazer. As falhas elas existem, aquilo que eu disse, a gente, esse ano, próximo ano eu quero muito que a gente dedique à valorização do segmento Sociedade Civil, não é? Teve muito governamental, então não sei como que a gente vai fazer esse trabalho, que o governamental entenda que a participação da sociedade civil é importante, do usuário, trabalhador, das entidades. A gente consiga avançar nesse diálogo. Participei de muitas conferências municipais. Então assim, eu me dediquei demais. Eu sobrevivi, eu resisti, então assim, espero que esse próximo mandato consiga fazer uma conferência acima do que foi oferecido, mas lembrando que os próximos que sentarem aqui valorizem o trabalho dos outros que eu acho que é o que compete à gente nesse momento. Obrigada.

**ISAQUE, CQVRD:** Assim, é só falar o seguinte assim. Inclusive quando a gente estava avaliando a conferência passada, em que a gente aponta as dificuldades que tivemos, acho que quando a gente traz isso, a gente não está atribuindo isso a quem estava na equipe, quem estava fazendo. Acho, eu participei de várias conferências regionais, o Leon também algumas, mas a gente percebeu uma entrega muito grande de quem estava à frente assim, a equipe que ficou trabalhando na conferência teve que se dedicar demais, demais e demais, tanto os conselheiros quanto os representantes da Secretaria Executiva, os representantes da SEDESE que estavam, muitas pessoas viraram a noite trabalhando para que a conferência acontecesse da forma que aconteceu. E até na

avaliação, a gente falou assim, isso, alguns dos esforços que foram feitos, que foram desumanos até. A gente estava falando até da fragilidade do trabalhador. Algumas coisas poderiam ter sido evitadas se a gente tivesse começado antes, não é? Então quando a gente traz, aponta situações que não ocorreram da melhor forma, a gente, eu considero também que elas aconteceram da melhor forma que foi possível. Então quando a gente pede para começar a trabalhar antes, planejar antes, é para que a gente minimize esses sacrifícios que às vezes são desumanos e que são necessários de fazer no momento. A gente não está atribuindo isso, pelo menos eu, quando faço essas avaliações, não estou atribuindo isso a quem está à frente fazendo as coisas não, está bom? É só para que, o planejamento, ele até evita alguns sacrifícios que são desumanos às vezes. **WELLINGTON, FMLSUAS:** Juntamente com a fala do Isaque e também da Simone, nós que viemos da outra gestão, tiveram sim vários pontos negativos em respeito à conferência, mas é louvável toda a dedicação da Secretaria Executiva, a SEDESE. Porque até então, por muito tempo, eu disse isso na Sociedade Civil, nós não tínhamos secretária executiva, aí depois veio a Carol, veio o pessoal se dedicando, se desdobraram para que a, tanto a comissão quanto o GT, quanto a Secretaria Executiva, para realização desta conferência, a última conferência. Na oportunidade tomo essa iniciativa enquanto representante da Comissão de Apoio. Eu tenho para mim que a Comissão de Apoio, ela é uma ponte entre o CMAS e o CEAS. Também eu peço, se a Comissão estiver de acordo, para que os documentos também possam ser enviados para a Comissão porque da mesma forma que vocês, enquanto Comissão de Monitoramento, discutiram a respeito da conferência, nós também acabamos discutindo. Então eu acredito que a gente está caminhando juntos. **LUIS CARLOS, ARMI:** Ontem eu comentei, até falei ontem o seguinte. O Estado promove conferências não só na área da assistência social, mas em outras áreas também, e é normal que a gente consiga avançar nessa questão. Fazer com mais eficiência e com menos tempo. A questão é, quando a gente vai licitar é que tem que tomar cuidado, é o quê que você vai colocar lá. Porque se você faz uma licitação, aí você tem que deixar muito claro qual é o serviço que vai ser prestado porque se você não deixar isso claro lá, com certeza vai haver falhas. É que nem no município, você vai fazer um evento no município e vai fazer uma licitação, você tem que colocar estrutura, banheiro químico, você tem que colocar tudo e depois não adianta vir aqui na plenária e falar que foi bom ou que foi ruim. Não. É questão também licitatória. É lá que tem que deixar claro o que é, o que é, e pronto. Acessibilidade. Tem que estar lá? Tem. Não é isso? A equipe que vai fazer o credenciamento, tudo isso tem que estar lá. Então assim, eu trabalho com evento toda semana, eu promovo evento toda semana. Então não admito chegar lá e falar: “O segurança não apareceu”. Mas como não? Isso é uma questão básica. “Ah, está faltando, o bebedouro não está gelando”. Tá, mas tinha que ter olhado isso na segunda-feira. Então assim, eu acho que a gente consegue sim construir uma conferência diminuindo todas essas falhas, porque temos aqui pessoas que já passaram pelo processo. Agora, chegar e cometer o mesmo erro, aí não justifica. Vai ser a minha primeira participação aqui no estado, uma conferencia estadual. Eu estive lá no Tauá, para mim deu tudo certo, tenho nada a reclamar. Eu fui lá como representante de entidade, não tenho nada a reclamar do Tauá. Nada, zero reclamação, só uma questão de trânsito de virmos pegar o

ônibus. Então eu vejo aqui: “Ah, que foi isso”. Não. Eu vi pessoas reclamando lá que estavam no Tauá e queriam vir para Belo Horizonte dar um passeio, e lá realmente não tem como sair de lá, não é? As reclamações que eu ouvi lá foram essas. Agora referente à conferência, parabéns a todos. Eu, como entidade lá, só tenho que parabenizar aqui.

**Nelson, Sedese:** Então gente, acho que, só vou registrar ali o encaminhamento que é o envio do ofício, para a gente poder fazer a votação. Os demais pontos são referentes à discussão da conferência, que estão já nas comissões de apoio, na Comissão de Monitoramento, perdão, e na Comissão de Orçamento. E os documentos, a Jennifer manifestou ali de compartilhar com as comissões, de Orçamento, aí é só registrar que a gente vai compartilhar com todos, não é? A gente não vai compartilhar só com a Comissão de Orçamento, a Comissão de Monitoramento vai compartilhar com todos. Vou pedir para a Joelma assumir a mesa aqui porque a Letícia se ausentou, só porque aí ela está em condição de titularidade. E aí podemos votar então o encaminhamento do envio do ofício para a SEDESE e para os CMAS? Todos estão de acordo pela aprovação? Reprovação. Abstenções. Então aprovado. O nosso próximo ponto é um ofício da CGU. Isso também já foi tratado na mesa diretora e nas reuniões dos segmentos. A CGU está fazendo um processo de análise do funcionamento dos conselhos estaduais e municipais no Brasil, em todos os estados, todos os conselhos estaduais estão recebendo a visita da CGU. A Secretaria Executiva, junto com a assessoria lá do gabinete da SUBAS, elaborou uma resposta já para, com base em todas as informações que a CGU solicitou, e a gente tem a indicação de 4 membros do Conselho, a pedido da CGU, para participação de reuniões, sendo 2 do segmento governamental e 2 do segmento da Sociedade Civil. E a gente já retirou esses nomes. E aí, como acordado na mesa diretora e na Sociedade Civil, a gente traria só o nome, mas a gente já fez a indicação dessas pessoas porque a CGU solicitou a indicação mais breve possível. Então a gente encaminhou ontem mesmo essa indicação via comunicação informal, já enviei para a CGU e a CGU inclusive já fez contato, então os conselheiros já estão até me sinalizando que já está agendado. Então só gostaria de registrar o nome, não é? Sociedade Civil, Marcelo e Simone, e pelo Governo, Érica e Letícia. E aí a Letícia Godinho. A Secretaria Executiva vai providenciar um ofício só para a gente oficiar a CGU, mas a gente já fez esse encaminhamento informal, inclusive já estão com a agenda já, os conselheiros da Sociedade Civil já me sinalizaram aqui que já fizeram a agenda. Então a Érica também sinalizando que já vai ter essa agenda. Para além disso, vai ter uma outra reunião da CGU também com a SUBAS para entender ali do processo de gestão também da SUBAS e da participação da SUBAS/SEDESE no Conselho. Então podemos votar só pelo referendando, não é? O nome dos 4 indicados. Então pela aprovação. Pela reprovação. Abstenções. Então aprovado. O último ponto de pauta é a apresentação das comissões, então. Perdão, gente, eu pulei um ponto de pauta aí. É porque eu estou seguindo aqui o documento ali, porque não estava no documento. É um informe a respeito do processo eleitoral. Então a gente tem dois processos eleitorais em curso, um para vacância de entidade e um para a vacância do CMAS, então já vou passar a palavra na sequência para entidade, Maíra, e aí na sequência, acho que Laís ou Fernanda fazem a colocação a respeito do CMAS. **MAÍRA, APAE-BH:** É só um informe, não é? Nós vivenciamos aí todo o período do processo eleitoral, tivemos a

eleição no dia 14, no período da manhã. Então nós abrimos a sala às 8h, fizemos uma contextualização de 8h às 9h, onde apresentamos um pouco essa questão, a Ana Carolina abriu, falando dessa questão do papel do Conselho. Depois eu apresentei como que foi o processo eleitoral com as resoluções e aí abrimos para os 3 candidatos habilitados a se apresentarem, não é? Que foi uma pessoa da FEAPAES, da Federação das APAES, outra da Rede Cidadã e outra da Convenção Batista. Então eles tiveram até 5 minutos e apresentaram, e em seguida nós abrimos o *link* para que as pessoas pudessem votar e elas tinham até 12h. Então nesse, nós esperamos até 12h e começamos a questão da apuração dos votos. Então fizemos a apuração dos votos, então a FEAPAES e a Rede Cidadã empataram, com 6 votos cada uma, e a Convenção Batista ficou com 4 votos. E aí pela questão da legislação, o critério de desempate é a instituição que tem em seu estatuto um tempo maior de nascimento, existência. E aí nesse sentido, a FEAPAES, ela entrou. Então nós 12h voltamos, demos essa explicação para os que estavam lá. Foi bem bacana, não é? Eu queria inclusive agradecer todos os colegas de entidades, as meninas da Secretaria Executiva. Foi um processo de muito aprendizado e acho que cumprimos aí o nosso papel. E aí nós explicamos, demos essa devolutiva, mas que o resultado oficial, ele vai sair só no dia 24. E aí pelo calendário, no dia 17/07 a pessoa faz a capacitação e toma posse na plenária, não é? Aí é publicado em julho e toma posse na plenária de agosto. Dá ainda? Ah, eu tinha entendido que era na de agosto. Mas enfim, melhor ainda então. Então toma posse na de julho e pronto, vencemos aí a nossa 4ª vacância. Obrigada. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** A Comissão de Processo Eleitoral do Conselho, ela está caminhando. A gente começou as inscrições no dia 17 de junho, mas a gente começou a divulgar, que foi publicizado, no dia 07 de junho. Ontem surgiu uma questão das dificuldades dos conselhos de pequeno porte, só que a Vera colocou para a gente que ela está entrando em contato com os conselhos municipais para tirar as dificuldades e para atualizar o sistema do CEAS. Então a gente queria propor para deixar como está o cronograma do nosso processo eleitoral e se surgir alguma questão que a gente perceba que os municípios estão com dificuldade, que a gente volte para a plenária para a gente ampliar esse cronograma. Entenderam, gente? **Nelson, Sedese:** Então parabéns para a comissão de entidades que realizou todo o processo. E Laís, acho que, se vocês entenderem da importância de apoio, sempre sinalizando aí que a gente está disponível, e aí eu entendo, não é? Acho que é isso, assim, é avaliar o processo havendo necessidade, entendendo a necessidade de alguma outra readequação a gente retoma as discussões na mesa diretora, com o grupo que está organizando a comissão e com a plenária. Então acho que a gente não tem um encaminhamento, não é? Então a gente pode ir para os próximos, agora sim às comissões. Então primeira comissão, de Normas, a Rosa. **ROSALÍCE, CMSSVP:** A Comissão de Normas não tem súmula para apresentar para deliberação, a gente só tem um informe. A Comissão de Normas, ela está fazendo uma avaliação da minuta de regimento interno. A gente já está finalizando esse estudo e até agosto, no máximo, a gente está trazendo para essa plenária para deliberar. **Nelson, Sedese:** Comissão de Política, Érica. **ÉRICA, Sedese:** Nós estamos passando aí também por uma vacância da técnica da nossa comissão e estava muito bom. A Juliana foi muito competente no trabalho dela, muito organizada. Ela conseguiu dar um avanço muito grande, tanto que

agora a gente está até procurando trabalho porque já adiantou tanta coisa que agora nós estamos procurando ações para fazer dentro da comissão. Verdade. Então quer dizer o quê? É, quero dizer o quê? Que aquelas denúncias que estavam acumuladas já tiveram bons encaminhamentos e aí não chegaram novas denúncias até então, então assim, a gente está tranquilo com o que trouxemos no mês passado. Então diante disso, nós também não temos uma súmula para apresentar, mas nós temos algumas ações aqui que a gente propôs para desenvolver o trabalho dentro da comissão, que é buscar alguns levantamentos aí em relação a dados para a gente fazer um estudo em relação ao desenvolvimento da política, para daí a gente pensar algumas ações dentro da Comissão de Política. O João Paulo até me olhou assim, me deu um olhar de cantinho de olho assim, bem falando assim: “Conte comigo” e é exatamente isso, não é? A gente quer saber como que está os benefícios eventuais nos municípios, sabendo que isso é um ponto muito importante para ser trabalhado, apesar de um SUAS de tantos anos, eu penso que é um dos maiores problemas que nós temos para enfrentar que é como ocorre a concessão dos benefícios eventuais. E compreender algumas questões como CREAS, número de CREAS, e os municípios pequenos, como que eles relacionam com isso, e também sobre os equipamentos de acolhimento institucional, tanto para crianças e adolescentes quanto para idosos. Para a gente entender também como que está esse cenário aí e ver algumas possibilidades de intervenção junto aos municípios para a gente melhorar a entrega da política de assistência social nos municípios de Minas Gerais.

**Nelson, Sedese:** Comissão de Orçamento. **JENNIFER:** Na verdade nós não temos informes porque nós já discutimos as duas pautas que discutimos dentro da Comissão de Orçamento, já trouxemos. É. **ÉRICA, Sedese:** Um outro ponto aqui que eu até havia me esquecido, que é, nós temos que nos preparar, criar um fluxo também, estabelecer dentro da Comissão de Políticas sobre a campanha de assédio moral dos trabalhadores do SUAS. A gente precisa de mais detalhes, até para saber orientar, e a gente está imaginando que após a campanha, assim como qualquer campanha acontece, há um aumento do fluxo de denúncias que possam chegar até nós. No cartaz da campanha está lá como alguns veículos para denúncias, não é? Conselhos municipais, estaduais e Conselho Nacional, ouvidoria e Ministério Público. Mas a gente sabe que os municípios como Minas Gerais, que sua maioria é de pequeno porte, eles não se sentem às vezes confortáveis em fazer denúncia dentro do próprio conselho municipal e acaba que vai chegar aqui em um volume maior do que a gente tem o costume. Então nós vamos fazer um curso, não é? A Letícia, ali da saúde, disponibilizou para a gente o *link* e a gente pode até compartilhar com vocês também no grupo, que é sobre, é um curso sobre assédio moral. **LETÍCIA, SES:** É, eu achei, na verdade. Eu achei na verdade um curso da ENAP, que é Escola Nacional de Administração Pública, e eles têm diversos cursos *online*, gratuitos, e achei um lá sobre assédio moral, então eu acho que seria interessante para nós da Comissão de Política fazermos e também para todos que tenham interesse em conhecer melhor sobre o assunto. **ÉRICA, Sedese:** É sobre isso. **Nelson, Sedese:** Comissão de Apoio, Flávio. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Nós tiramos dois encaminhamentos para a plenária. O primeiro é um informe sobre as datas dos encontros regionais. Os mesmos deverão acontecer, o de Teófilo Otoni no dia 05 de setembro, e da regional de São João Del Rei, no dia 06 de novembro. Então já foram

estabelecidas essas datas para esses encontros regionais. E o segundo ponto, foi trazida uma demanda da mesa diretora que era sobre a questão de haver, ocorrer as reuniões trimestrais com o CMAS, com o CEAS. Então nós discutimos ontem e foi feito um planejamento, e aí a gente vai passar agora para a plenária sobre as estratégias da reunião trimestral que vai ser dividida em etapas, não é? A primeira etapa é um encaminhamento de um formulário para o CMAS sobre os temas que eles querem discutir e esse formulário deverá ficar aberto por 15 dias para que o CMAS possa responder e definir lá os temas mais relevantes. E aí a proposta é já a partir do dia 26 a gente já deixar esse formulário em aberto, encaminhado para o CMAS. A segunda etapa é análise dos temas e as regionais, pela Comissão de Apoio. Terceiro ponto é definir quais serão as comissões e seus respectivos conselheiros que irão participar em cada dia. Então dentro dos temas, nós vamos precisar aí do apoio das comissões para estar fazendo essa reunião e discutindo junto com os CMAS. E a data prevista é a última semana de agosto que seria dia 27, 28 e 29. Porque 3 dias de reunião? Devido à quantidade de municípios do estado, que são 853 municípios, e o *Google Meet* não comporta esse número de pessoas participando dentro de uma reunião. Então nós vamos ter que dividir aí em 3 ou mais reuniões para a gente estar tendo essa reunião aí trimestral. Então a primeira aí, a sugestão, que ela já ocorra no mês de agosto, nessa última semana. **Nelson, Sedese:** Espera aí. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Todo mundo concordou aí com o planejamento? **Nelson, Sedese:** É, porque eu estou, a Comissão de Apoio tem um encaminhamento que precisa ser votado, não é? Diferente das outras que foi só um informe. Aí, só uma questão. Se as duas datas que já foram acordadas, isso já foi repassado para a SEDESE no sentido de organização da estrutura? Isso. **FLÁVIO:** Sim. Foram feitos juntamente com a SEDESE. **Nelson, Sedese:** Então obrigado. É só para entender se dessas datas, se já está acordado, porque aí tem a equipe que está apoiando nessa construção lá para organização. E da reunião trimestral, é só assim, para contextualizar para todo mundo que a gente discutiu isso, assim, antes de vir para a plenária a gente já tinha feito o encaminhamento para a comissão e a comissão se adiantou, não é? Da importância de ter realizações trimestrais com os conselhos municipais e para a gente tratar de temáticas distintas e apoiar os conselhos, não é? Então eu acho que é isso, assim, eu sou favorável à realização das reuniões trimestrais de forma *online* porque a gente, hoje a gente não teria como estruturar isso assim, presencial, mas acho que a gente pode avaliar posteriormente, não é? Como que isso vai se dar nessa organização inicial. E também reforçar assim, o compromisso de todos os conselheiros, não é? Porque esse processo, acho que vai demandar uma atuação de todos os conselheiros para contato, não é? Com 853 municípios. 853 conselhos municipais. Então é, inclusive a mobilização de todo esse processo, então acho que é isso assim. Registrar. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** Eu gostaria de saber se esses encontros serão junto com a reunião descentralizada do CEAS porque contempla Teófilo Otoni e São João Del Rei. **Nelson, Sedese:** São duas coisas distintas. Uma coisa é a reunião trimestral com os CMAS para a gente tratar de questões que só afetam ao conselho municipal, outra coisa são os dois encontros regionais que a gente está organizando em Teófilo Otoni e São João Del Rei. É porque a gente acordou aqui na plenária que a gente realizaria neste ano dois encontros, e aí isso foi deliberado em uma plenária, aí eu não

tenho certeza qual, acho que a plenária de abril. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Março. **PRESIDENTE:** Março? **FLÁVIO:** Foi na plenária de março. Foi trazido para a plenária e aí foi votado, não é? Que não seria as reuniões descentralizadas, seriam sim capacitações para os conselhos. Então não haverá as reuniões descentralizadas esse ano. **Nelson, Sedese:** Alguma dúvida, gente? São duas coisas distintas, não é? A gente acordou lá em março então o formato que seria um formato de levar não a plenária para as regiões, mas de realizar um momento de capacitação e de escuta dos conselhos municipais. A gente, acho que metodologia prevê isso também, não é? A gente trazer uma temática e a partir dessa temática, dessa provocação, ter um momento de escuta dos conselhos municipais daquela região. Aí na proposta aqui do Flávio para reunião. A proposta dele então é encaminhar um formulário para os conselhos municipais informarem sobre as temáticas de interesse, não é? Então acho que é iniciar com uma pesquisa, definir quais conselheiros irão participar, você diz da estrutura aqui, conselheiros CEAS? **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Sim. Porque nós vamos, vai ter lá opções, então o Conselho, de repente ele está precisando dessa reunião na questão de orçamento e aí a Comissão entendeu que nós vamos precisar do apoio da Comissão de Orçamento para estar dirigindo essa reunião. Se for uma questão a respeito da estruturação do Conselho, aí a própria Comissão de Apoio vai estar ali direcionando a reunião. E assim as outras demandas. **Nelson, Sedese:** E aí mais uma dúvida, porque ali está, a primeira reunião seria em agosto e aí fala em 3 dias de reunião. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Com duração aproximadamente de 2h cada reunião. Porque o *Google Meet*, ele não permite uma reunião única com essa quantidade de municípios, então vai ter que dividir essa reunião em 3 momentos para conseguir atender. E até mesmo a forma da participação dos conselhos na reunião vai ser limitada aos 20 primeiros que manifestarem interesse de fala, porque também a gente não vai conseguir ouvir 300 municípios em uma reunião. Então por isso que está indo esse formulário e a gente está pegando, colhendo do Conselho quais que são realmente pontos relevantes que eles querem que sejam trazidos dentro dessa reunião para esclarecimento. **Nelson, Sedese:** É só assim, aí uma sugestão, não é? De que a gente não deixe fixo os 3 dias, mas que a gente avalie inclusive na ordem de inscrições, porque eu acho que a gente primeiro precisa divulgar e entender como que vai se dar. Aí a gente tem opção de outros aplicativos, como por exemplo o *Teams*, para poder, que comporta um número maior de pessoas. E também, assim, a gente enquanto SEDESE, aí vou falar lá enquanto a SUBAS, a gente faz uma diversidade de ações de apoio técnico *online* e eles funcionam. Assim, é óbvio que o presencial, ele tem outros benefícios, mas o *online*, ele funciona também. Então eu acho que é só a gente pensar e estruturar a metodologia para realizar. E aí assim, lembrando também que essas reuniões, elas não são de participação obrigatória de todos os conselhos. É óbvio que a gente quer que todos os conselhos se capacitem, estejam ali, e aí eu entendo que as reuniões, elas precisam de temáticas para a gente apresentar um conteúdo e aí na sequência fazer uma discussão. Porque acho que isso vai fortalecer os conselhos, não é? **JENNIFER, PSIND:** Eu sugiro que a gente coloque uma previsão para, como vai ser as primeiras, não é? Vai ser a primeira vez. As primeiras metodologias surgindo aí, a gente coloque uma data de uma plenária para depois a gente já avaliar como foi e criar realmente uma metodologia escrita de como

vai ser determinado, de sequência, sabe? Para que a gente tenha isso como uma ação prevista e não só algo solto. **ISAQUE, CQVRD:** É um pouco nisso que o Flávio está falando, assim. A gente, na Comissão ontem, teve uma discussão longa do como, não é? Porque uma das dificuldades da gente é fazer um encontro com o máximo possível de conselhos municipais, mas que não seja um encontro para só o CEAS falar. E aí, é por isso que a gente pensou inicialmente de 3 dias e de uma, porque a reunião também não pode ser muito longa porque vai ser virtual, então é cansativo. Então a gente está pensando em fazer uma reunião pequena, com uma pequena fala do CEAS sobre o tema que os conselhos decidirem e depois colher dos conselhos municipais, depois o CEAS terminar. Uma coisa meio simples assim, não é? E por isso essa divisão, para que a gente possibilite a participação efetiva dos conselhos porque às vezes a fala da gente primeiro não leva os pontos que eles querem, eles tiram dúvida, e é isso. Eu acho que a gente podia também, não é, Flávio, deixar disponível para que os outros conselheiros também contribuíssem com mais ideias para a comissão, até ficar pronto, não é? Porque é um pouco nisso que a Jennifer falou. A gente está com uma ideia, vamos experimentar e se der certo, a gente consolida o modelo para que a gente repita outras vezes com mais facilidade. **FLÁVIO, CMAS Ipatinga:** Até porque, Nelson, os 853 municípios juntos, não teria abertura para a fala e aí ficaria não no sentido de reunião, mas de uma capacitação do tema que foi proposto por eles, não é? Então essa ideia de dividir esse momento foi justamente para isso, para dar oportunidade do CEAS também ouvir dos conselheiros. Lógico, como eu falei, não dá para ouvir todos, não é? Não vai dar para ouvir todos. Mas a oportunidade também deles, de a gente estar ouvindo eles e estar sanando essas dúvidas. Então por isso que a gente resolveu fragmentar em 3 dias, em vez de ser uma vez só, porque senão vai dar aquele aspecto de uma capacitação mesmo. **Nelson, Sedese:** Eu concordo com os 3 dias, só falei assim para a gente, a gente pode votar nesse encaminhamento, mas só não fixar que precisa ser nesse formato sempre. A gente avaliar com a realização do primeiro posteriormente, não é? Então a gente pode votar, gente? Pela aprovação? Reprovação. Abstencões. Então encaminhamento aprovado. Comissão de Monitoramento, Laís. **LAÍS, CMAS Ipatinga:** A Comissão de Monitoramento não tem nenhuma súmula para apresentar e os informativos já foram dados. **Nelson, Sedese:** Então, gente, agradecer, a Carla quer fazer uma fala. **CARLA, UNAPIR:** Então, Nelson. Tendo em vista a minha desincompatibilização durante o período eleitoral, eu levantei uma questão aqui junto à Comissão de Normas, que eu gostaria que fosse avaliado pelos colegas, tendo em vista que a lei eleitoral, ela prevê que quando nós nos desincompatibilizamos, nós temos o direito de retomar as atividades após o período eleitoral, dependendo do resultado da eleição. Cada caso é um caso. Aqui nós temos dois, não é? Dois casos, não é isso? Ela já foi embora? Ela pode falar melhor. E eu passei até para avaliação da Comissão de Normas um parecer do Conselho Estadual de Educação de Minas, de 2022, que há uma discordância em relação a isso. Aí talvez Marcelo possa explicar isso juridicamente melhor do que eu. E nesse caso, eu gostaria de pedir ao CEAS que pudesse colocar em apreciação o envio também de um pedido de parecer jurídico em relação a essa questão da desincompatibilização, que nós estamos, tem um tempo bom para retorno desse parecer. Você quer complementar, Marcelo? Não? Deu para compreender? Obrigada. **SIMONE,**

**MFR:** Só uma pergunta mesmo. A cadeira, ela se torna da entidade, não é? Se eu compreendi, Carla, você está dizendo assim. Você vai para o processo eleitoral.

**CARLA, UNAPIR:** É, a instrução vai (ininteligível) uma outra pessoa. Aí se porventura, lógico que eu desejo que prossiga, mas vamos supor que você não ganhe. Aí você está querendo ver se tem alguma possibilidade de entendimento da instituição (ininteligível).

**SIMONE, MFR:** É que você volte.

**CARLA, UNAPIR:** Isso.

**SIMONE, MFR:** Tá. Eu só vou falar porque aconteceu em BH. Eu acho que não é cabível nem a nós, eu acho que é mais é dentro do seu conselho. O seu conselho vai determinar, não, para a conclusão, por isso que eu estou perguntando.

**CARLA, UNAPIR:** É questão jurídica.

**SIMONE, MFR:** É. Então seu conselho vai definir uma nova pessoa. A entidade, não é? Vai colocar uma nova pessoa aqui. Depois a, aí ela tem que fazer a rejeição daquele espaço novamente e aí depois indica você novamente. É isso ou? A substituição.

**CARLA, UNAPIR:** Até então era isso.

**SIMONE, MFR:** Então. Mas, espera aí, só um pouquinho.

**CARLA, UNAPIR:** Até eu ler o parecer (ininteligível).

**SIMONE, MFR:** Mas impacta a gente onde? É isso que eu quero entender.

**MARCELO:** A questão é, a lei eleitoral fala de desincompatibilização. A desincompatibilização tem um entendimento de que ela é para determinados cargos e funções na administração pública, ela pode ser de caráter definitivo ou de caráter provisório. Então alguns têm o entendimento de que o caráter desse afastamento, ele é provisório. E o que Carla trouxe é de que um parecer da CGU, da CGE para o Conselho Estadual de Educação, ele conclui dizendo que essa desincompatibilização, ela é caracterizada como renúncia e portanto aquele conselheiro que demandar o afastamento para se candidatar, ele estaria renunciando o cargo e portanto não retornaria em caso de perda da eleição. E aí o nome que a entidade indicar estaria continuando no Conselho. Por isso que a demanda da Carla era de que o Conselho Estadual de Assistência Social solicite da SEDESE um parecer jurídico esclarecendo sobre esse assunto.

**CARLA, UNAPIR:** Para ficar bem claro, não é? Porque em outras funções que eu exerço já, inclusive o Tribunal de Justiça, que eu sou agente de proteção da infância no Tribunal de Justiça, coloca que pode retornar caso não seja eleita. Isso pode servir hoje para mim e pode servir para outros que virão, não é? Por isso que eu estou colocando.

**SIMONE, MFR:** Aí no dia de hoje então é uma despedida ou não?

**CARLA, UNAPIR:** Eu prefiro agradecer, não é? Agradecer.

**SIMONE, MFR:** Não, eu estou dizendo assim, é, um “até logo”, mas aí na próxima plenária você já não está presente, é isso?

**CARLA, UNAPIR:** Não. É porque aí já é a partir do dia 06 de julho, eu já não posso exercer a função, tá? No mais, assim, é agradecer mesmo e dizer que esse espaço é de um grande aprendizado, nos fortalece. Cada um de vocês traz aí uma experiência, uma vivência que contribuiu muito nesses anos aqui para aprender. A gente, às vezes a escuta, ela ainda tem um valor grande também na aplicação das atividades nossas, principalmente do interior. Meu abraço a todos e minha gratidão. Então essa questão do parecer, Nelson, é que gostaria de ver como que vai ser conduzido, se vai ser votado, como que vocês se colocam.

**Nelson, Sedese:** Então primeiro desejar sorte à Carla, agradecer o trabalho aqui no Conselho até esse momento. E aí a gente, não é uma despedida porque a gente inclusive vai consultar a respeito dessa organização. E aí, gente, então a gente tem um encaminhamento que é a Secretaria Executiva então providenciar um ofício para a

SEDESE, solicitando um parecer a respeito da possibilidade de retorno da conselheira,  
caso essa seja a situação. Então aí a gente vota enquanto encaminhamento. Então pela  
aprovação. Reprovações. Abstenções. Então encaminhamento aprovado. Então agora  
sim, obrigado todo mundo. Boa tarde, não é? Mais uma plenária vencida.